

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural



Fotografia e memória:
as câmaras frias dos extintos frigoríficos
Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay)

Ubirajara Buddin Cruz

Pelotas, 2016

Ubirajara Buddin Cruz

Fotografia e memória:
as câmaras frias dos extintos frigoríficos
Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Francisca Ferreira Michelin
Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana María Sosa González

Pelotas, 2016

Dados de catalogação na fonte:
Ubirajara Buddin Cruz – CRB-10/901
Biblioteca de Ciência & Tecnologia - UFPel

C957f Cruz, Ubirajara Buddin
Fotografia e memória : as câmaras frias do extintos frigoríficos Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay) / Ubirajara Buddin Cruz. 207 p. : il. color. – Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas, 2016. – Orientadora Francisca Ferreira Michelin ; coorientadora Ana María Sosa González.

1.Patrimônio industrial. 2.Memória social. 3.Fotografia. 4.Frigorífico Anglo. 5.Pelotas. 6.Fray Bentos. I.Michelin, Francisca Ferreira. II.Sosa González, Ana María. III.Título.

CDD: 363.69

Fotografia e memória:
as câmaras frias dos extintos frigoríficos
Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay)

Dissertação apresentada ao PPGMP como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural,
Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Banca examinadora

Prof^a. Dra. Francisca Ferreira Michelin (orientadora)
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Prof^a. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Prof^a. Dr^a. Teresa de Jesus Paz Martins Lenzi
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Para Tatiane, o amor de minha vida,
meu pai, Norberto e minha mãe, Norma (in memoriam)
aos ex-trabalhadores do Anglo de Pelotas e Fray Bentos

AGRADECIMENTOS

Como dizia Eduardo Galeano, não posso agradecer aqui a todas as pessoas que fizeram este trabalho possível, muito menos todos os autores das muitas obras que consultei. Mas posso e devo agradecer várias pessoas.

Agradeço...

A Deus, acima de tudo!

A colaboração de cada professor/a que possibilitou que eu chegasse até aqui, em especial a minha orientadora, a Prof^a. Dr^a. Francisca Ferreira Michelin, que, mais que orientadora, se fez amiga, incentivadora, encorajadora e guia. Agradeço de todo coração a oportunidade, a paciência, o carinho e o sorriso nas horas difíceis. Muito obrigado! También agradezco mi coorientadora, la Prof^a. Dr^a. Ana María Sósá Gonzales, mi maestra y amiga uruguaya, que también siempre estuve a mi lado, mismo cuando de Montevideo. ¡Muchas gracias! A cada professor, nas diferentes disciplinas, por seus ensinamentos, Ester Judite Bendjouya Gutierrez, Juliane Conceição Primon Serres, Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, Renata Ovenhausen Albernaz, Sidney Gonçalves Vieira, Carolina Martins Etcheverry, Carlos Alberto Ávila e a secretária e colega do PPGMP, Gisele Dutra Quevedo por toda dedicação, paciência e profissionalismo.

À Tatiane, o amor da minha vida, pelo companheirismo e colaboração, por saber respeitar minhas ausências, mesmo quando eu estava presente, meus azedumes, por me acompanhar nas entrevistas e viagens de pesquisa por Pelotas, Uruguay e Argentina, me encorajar e incentivar e estar sempre ao meu lado, mesmo nas horas silenciosas da escrita.

Ao meu pai e minha mãe (in memoriam), que, com muito sacrifício, possibilitaram que eu sempre estudasse e tivesse uma formação e, sobretudo, educação.

Cada colega do mestrado e doutorado por nosso convívio tão harmonioso, de carinho e colaboração durante as aulas e atividades do PPGMP. A cada um, meu mais sincero obrigado! A caminhada foi boa ao lado de vocês!

Minha colega de trabalho, que se multiplicou para me ajudar, Bia Vagheti e minha chefe, Daiane Schramm, por todo apoio e incentivo. Sem a ajuda de vocês, não seria possível!

Um agradecimento especial aos ex-trabalhadores do Anglo, pois sem seus testemunhos e memórias, este estudo não teria acontecido.

A Mauro Delgrosso e toda equipe do Museo de la Revolución Industrial por me receberem e me mostrarem o Anglo em Fray Bentos, Uruguay. À museóloga Zulema Cañas, que me mostrou o Mercado de Liniers em Mataderos, Buenos Aires, Argentina.

Cristiane Rodrigues e a Desirée Nobre, pelas transcrições. Ricardo Luiz Sampaio Pintado e Arthur Mota, pela modelagem em 3D. Que colaboração de luxo! Muito obrigado!

Ao Archivo Nacional de la Imagen del Sodre, Uruguay e Archivo General de la Nación, Argentina, Francisca Ferreira Michelin e Gilberto Carvalho pelo uso das fotografias.

À Radio Babel FM, do Sodre, Montevideo, por preencher meus ouvidos com música inspiradora durante as horas de escrita.

Los habitantes

Y aquellos habitantes tan prolijos, tan cuidadosos,
esmerados con sus jardines y sus cercos floridos,
de pronto tuvieron que dejar sus moradas,
empujados por los cambios en la vida de la aldea.

Al no ejercer más su dominio de trabajo
el frigorífico dejó de emitir su tradicional y estruendoso sonido
para dar paso al silencio.

Entonces las casitas atesoraron los recuerdos,
los rumores, las risas y los llantos,
en ellas quedaron atrapadas las vidas de quienes allí crecimos,
los sentimientos ,el pasado.

Algunas aguantaron el embate del tiempo,
otras se entregaron sin pelear, y están en pie las que fueron re inventadas,
sufriendo la quita de sus adornos florales, sus llamativos frentes,
su arbolado, sus jazmines y helechos, sus rosales y calas.

En nuestras memorias todo sigue igual,
el sabor vivido de aquel tiempo sin prisa ni competencias.

En cada uno de nosotros hay un relato para contar,
algún apellido para nombrar, alguna pieza para llenar.

Un antes y un después, el ayer y el hoy,
y el mañana promisorio que nos deja saber que aquello que tanto amamos
seguirá vivo para siempre en la historia del lugar.

Ana María Mitcoff ¹

¹ Escritora uruguiaia, filha de búlgaros, nascida e criada no Bairro Anglo em Fray Bentos, cujo pai veio da Europa para trabalhar no frigorífico. Atualmente vive em Mar del Plata, Argentina, mas sua antiga morada no Barrio Obrero, ostenta orgulhosamente uma placa com o nome da família e de Patrimônio Cultural da Humanidade.

RESUMO

O estudo desenvolve reflexão sobre os limites e possibilidades de um processo de constituição de suporte para a memória e sobre a memória das extintas câmaras frias do Frigorífico Anglo de Pelotas. Utilizou-se de revisão bibliográfica, análise de acervos fotográficos atuais e históricos e depoimentos de ex-trabalhadores para compreender como essas unidades fabris apresentaram trajetórias de patrimonialização tão diversas. As fábricas de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay), foram implantadas pelo grupo inglês de beneficiamento de alimentos de origem animal, Vestey Brothers. O estudo parte de considerações sobre o desenvolvimento da indústria frigorífica na Argentina, Uruguai e Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, para compreender a relação entre os valores que determinaram o nível de proteção das plantas fabris remanescentes nesses lugares. Especificamente no caso brasileiro, observa-se como a ocupação do antigo Frigorífico Anglo pela Universidade Federal de Pelotas, provocou uma série de obras para adaptar a antiga indústria em um campus universitário provocando a descaracterização do conjunto. O foco do levantamento de dados e da análise centrou-se nas câmaras frias, sobre as quais se estabeleceu a observação comparativa entre os dois lugares. Apresentam-se as câmaras frias como o local mais identificador dessa fábrica e discute-se como a sua eliminação indica o abandono da proteção do patrimônio industrial em foco. O Arquivo Fotográfico e outros acervos existentes no Uruguai sobre o extinto, Frigorífico Anglo del Uruguay, localizado em Fray Bentos, declarado como Patrimônio Cultural da Humanidade em 2015 foi a base dessa consideração, contrapondo-se a ela a documentação gerada na derradeira intervenção que inabilitou o local das câmaras frias na extinta unidade pelotense. Fotografia, patrimônio industrial e a construção da memória são as bases do tripé conceitual desta investigação, cuja meta é aportar conhecimento ao conjunto remanescente do Frigorífico Anglo de Pelotas.

Palavras-chave: Patrimônio industrial. Memória social. Fotografia. Frigorífico Anglo. Pelotas. Fray Bentos.

ABSTRACT

The study develops a reflection about the limits and possibilities of a process of constitution of support for the memory and about the memory of the freezer buildings of Frigorífico Anglo de Pelotas. It was used a literature review, analysis of current and two historical photographic collections and testimonies of former workers to understand how these plants showed patrimonialization paths as diverse. The industrial plants of Pelotas (Brazil) and Fray Bentos (Uruguay), were implemented by the English group of animal food processing, Vestey Brothers. The study starts of considerations about of the development of the meatpacking industry in Argentina, Uruguay and Brazil, more specifically the Rio Grande do Sul state to understand the relationship in between the values have determined the level of protection of remaining manufacturing plants in these places. In the Brazilian case, it is observed as the occupation of meatpacking industry Anglo for the Universidade Federal de Pelotas, caused a series of works to adapt the old industry at a university campus leading to mischaracterization of the assembly. The focus of the data collecting and analysis focused in the freezer buildings over which has established the comparative observation between the two places. Are shown the freezer buildings as the most identifier place of this factory and discusses how their elimination indicates the abandonment of the protection of industrial heritage in focus. The Photographic Archive and other existing collections in Uruguay about the extinct, Frigorífico Anglo del Uruguay, located in Fray Bentos, declared as World Cultural Heritage in 2015 was the basis of this consideration, in opposition to it the documentation generated in the last intervention that unfitted to the place of freezer buildings in the former Pelotas unit. Photography, industrial heritage and building of the memory is the basis of the conceptual tripod of this investigation, whose aim is to provide its expertise to the remaining set of the Frigorífico Anglo de Pelotas.

Key words: Industrial heritage. Social memory. Photography. Frigorífico Anglo. Pelotas. Fray Bentos.

RESUMEN

El estudio desarrolla una reflexión acerca de los límites y las posibilidades de un proceso de formación de soporte para la memoria y acerca de la memoria de las extintas cámaras frías del Frigorífico Anglo de Pelotas. Se utilizó la revisión de la literatura, el análisis de colecciones fotográficas actual y dos colecciones históricas y testimonios de ex trabajadores para entender cómo estas plantas mostraron caminos de patrimonialización tan diversos. Las fábricas de Pelotas (Brasil) y Fray Bentos (Uruguay), se llevaron a cabo por el grupo de Inglés de elaboración de alimentos de origen animal, Vestey Brothers. El estudio parte de las consideraciones acerca del desarrollo de la industria frigorífica en Argentina, Uruguay e Brasil, específicamente Rio Grande do Sul, para comprender la relación entre los valores que determinaron el nivel de protección de las instalaciones fabriles restantes en estos lugares. En el caso de Brasil, se observa como la ocupación del antiguo Frigorífico Anglo por la Universidad Federal de Pelotas, he causado una serie de obras de adaptación de la industria en un campus universitario empezó a desfigurar el aspecto original del conjunto. El foco del levantamiento de datos y el análisis se ha centrado en las cámaras de frío, sobre el que se estableció la observación comparativa de las dos ubicaciones. Presentan las cámaras frías como el área más identificador de esta fábrica y discute cómo su eliminación indica el abandono de la protección del patrimonio industrial en el foco. El Archivo Fotográfico y otras colecciones existentes en Uruguay acerca del extinto, Frigorífico Anglo del Uruguay, ubicado en Fray Bentos, declarado Patrimonio Cultural de la Humanidad en 2015 fue la base de esta consideración, oponiéndose a ella la documentación generada en la última intervención que incapacitó el local de las cámaras de frío en la antigua unidad de Pelotas. Fotografía, patrimonio industrial y la construcción de la memoria es la base del trípode conceptual de esta investigación, cuyo objetivo es ofrecer conocimiento al conjunto restante del Frigorífico Anglo de Pelotas.

Palabras-clave: Patrimonio industrial. Memoria social. Fotografía. Frigorífico Anglo. Pelotas. Fray Bentos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mulheres trabalhando na seção de embutidos, frigorífico desconhecido.....	26
Figura 2	Operárias envasando <i>corned beef</i> no Frigorífico Swift.....	27
Figura 3	Praça de matança, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos.....	27
Figura 4	Sala de processamento da carne, Fray Bentos, Uruguay..	28
Figura 5	Sala de processamento de carne, Fray Bentos, Uruguay..	29
Figura 6	Prédio da administração e laboratórios.....	30
Figura 7	Casa de força e lavanderia.....	30
Figura 8	Prédio da biblioteca do Campus Anglo, Pelotas, RS.....	31
Figura 9	Prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay.....	32
Figura 10	Prédio das câmaras frias, Pelotas, RS.....	32
Figura 11	Fenda nas paredes do Bloco A, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	36
Figura 12	Canal São Gonçalo através de uma abertura, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	37
Figura 13	Interior de uma câmara fria, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	38
Figura 14	Janelas abertas nas câmaras frias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	38
Figura 15	Tubulações de amônia, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS..	39
Figura 16	Pedaços de nórias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	39
Figura 17	Paredes quebradas nas câmaras frias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	40
Figura 18	Interior de uma câmara fria, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos.....	41
Figura 19	Detalhe de uma parede das câmaras frias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	41
Figura 20	Mostra da parede da câmara fria no Memorial do Anglo de Pelotas, RS.....	42
Figura 21	Parede interna mostrando o revestimento, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos.....	43
Figura 22	Detalhe da porta da câmara fria, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos.....	43
Figura 23	Charqueada às margens do arroio Pelotas, Pelotas, RS...	45
Figura 24	Canal São Gonçalo, Pelotas, RS.....	46
Figura 25	Vagão refrigerado.....	50
Figura 26	Le Frigorifique.....	51
Figura 27	Companhia Frigorífica e Pastoril, Barretos, SP.....	52
Figura 28	Frigorífico Swift, Rio Grande, RS.....	54
Figura 29	Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS.....	57
Figura 30	Localização de Pelotas e Fray Bentos.....	59
Figura 31	William Vestey.....	61
Figura 32	Edmund Vestey.....	61
Figura 33	The River Plate Fresh Meat Co., Buenos Aires, Argentina	64
Figura 34	Frigorífico La Negra, Avellaneda, Argentina.....	65

Figura 35	Frigorífico La Blanca, Avellaneda, Argentina.....	66
Figura 36	Frigorífico Sansinena Company, Buenos Aires, Argentina	67
Figura 37	Frigorífico Swift, Berisso, Argentina.....	68
Figura 38	Frigorífico Anglo, Dock Sud, Buenos Aires, Argentina.....	69
Figura 39	Extrato de carne Liebig.....	70
Figura 40	Barrancas do rio Uruguai, Fray Bentos.....	72
Figura 41	Liebig's Extract of Meat Company Limited, Fray Bentos, Uruguay.....	74
Figura 42	Primeiras lâmpadas usadas no Uruguay.....	75
Figura 43	Soldados exibindo latas de Fray Bentos.....	76
Figura 44	Corned beef Fray Bentos.....	78
Figura 45	Construção das câmaras frias da LEMCO, Uruguay.....	80
Figura 46	Prédios do extinto Frigorífico Anglo, após ocupação pela UFPel, Pelotas, RS.....	88
Figura 47	Saída de trabalho do Frigorífico Swift, Berisso, Argentina.	89
Figura 48	Troca de turno no Frigorífico Anglo de Uruguay, Fray Bentos.....	90
Figura 49	Apito a vapor, que marcava os horários da fábrica, Fray Bentos.....	90
Figura 50	Paisagem industrial de Blaenavon.....	97
Figura 51	Situação atual do Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS.....	102
Figura 52	Situação atual do Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos, Uruguay.....	103
Figura 53	Prédios do extinto Frigorífico Anglo, após ocupação pela UFPel, Pelotas, RS.....	105
Figura 54	Frontão do Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS.....	106
Figura 55	Desmanche da rampa de acesso, Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS.....	106
Figura 56	Frigorífico Anglo de Pelotas, antes da UFPel, Pelotas, RS	107
Figura 57	Frontão modificado, com o nome UFPel, Pelotas, RS.....	109
Figura 58	Frigorífico Anglo del Uruguay, prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay.....	109
Figura 59	Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay.	110
Figura 60	Chaminé em Pelotas, RS.....	112
Figura 61	Chaminé em Fray Bentos, Uruguay.....	112
Figura 62	O entorno da chaminé, Pelotas, RS.....	112
Figura 63	O vazio no entorno da chaminé, Pelotas, RS.....	113
Figura 64	Parede de uma câmara fria, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	118
Figura 65	Sala de máquinas, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos.....	120
Figura 66	Sala de máquinas, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos.....	120
Figura 67	Sala de máquinas, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	122
Figura 68	Sala de máquinas, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	122
Figura 69	Prédio onde se localizavam as câmaras frias, Pelotas, RS	124
Figura 70	Prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay.....	124
Figura 71	Detalhe da passarela para as câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay.....	125

Figura 72	Modelo em 3D de uma câmara fria do Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	126
Figura 73	Modelo em 3D de uma câmara fria do Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	127
Figura 74	Modelo em 3D de uma câmara fria do Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	127
Figura 75	Parede da câmara fria com azulejos, Pelotas, RS.....	128
Figura 76	Azulejos sendo removidos, Pelotas, RS.....	128
Figura 77	Câmara fria do Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos.....	129
Figura 78	Câmara fria do Frigorífico Anglo de Avellaneda, Argentina	129
Figura 79	Interior do campus Anglo da UFPel, Pelotas, RS.....	130
Figura 80	Reciclagem de uma câmara fria, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	131
Figura 81	Parede de uma câmara fria, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	131
Figura 82	Janelas abertas em uma câmara fria, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	132
Figura 83	Câmara fria ainda preservada, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS.....	132
Figura 84	Prédio da biblioteca do campus Anglo, Pelotas, RS.....	134
Figura 85	Bloco A recebendo pintura externa, Pelotas, RS.....	134
Figura 86	Produtos Anglo na atualidade.....	138

LISTA DE ABREVIATURAS

AGN	Archivo General de la Nación
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INE	Instituto Nacional de Estadística
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LEMCO	Liebig's Extract of Meat Company Limited
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SODRE	Servicio Oficial de Difusión, Radiotelevisión y Espectáculos
SP	São Paulo
SPIA	Sistema Patrimonial Industrial Anglo
SPILA	Sistema Patrimonial Industrial Liebig Anglo
TICCIH	The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA.....	21
2.1 Pelotas, do sal ao frio.....	44
2.2 A indústria do frio chega ao sul.....	48
2.3 Frigoríficos no Rio Grande do Sul e o Anglo em Pelotas.....	51
3 UM OUTRO LUGAR.....	59
3.1 A trajetória dos Vestey Brothers.....	60
3.2 O Anglo e outros frigoríficos na Argentina.....	63
3.3 Fray Bentos, a Liebig, o Anglo e uma história em comum.....	69
4 PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, REGISTROS E MEMÓRIA.....	85
4.1 Lugares de trabalho e memória.....	85
4.2 De unidade fabril a patrimônio industrial.....	93
4.3 Passado e presente em Fray Bentos e Pelotas.....	102
4.4 Câmara fria, o coração da indústria.....	116
5 CONCLUSÃO.....	135
REFERÊNCIAS.....	139
FONTES DOCUMENTAIS ORAIS.....	146
APÊNDICE A - Modelo da entrevista.....	147
APÊNDICE B - Uma estética cultural industrial.....	149

1 INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que da ponte sobre o canal São Gonçalo, que marca a divisa entre os municípios de Rio Grande e Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, era possível ver, na margem direita de quem chegava da primeira cidade, o contorno firme e imponente da planta industrial do frigorífico de capital inglês e no frontão mais visível desta, ler a palavra, em letras vermelhas, retas e maiúsculas: ANGLO. Logo que a Universidade Federal de Pelotas instalou-se no lugar, outro nome veio ocupar o frontão, UFPel e, em seguida, parte do prédio que o sustentava foi derrubada fazendo com que também este deixasse de ser ostentado e refletido na plana grandeza do espelho d'água do canal. Desta sequência de fatos sobraram algumas fotografias.

Embora a pesquisa propriamente dita tenha começado em meados de 2013, o levantamento fotográfico que deu origem a este trabalho começou bem antes, em 2008, quando fotografei o Anglo de Pelotas, já ocupado pela Universidade Federal de Pelotas, desde 2005. Então, pensava apenas em documentar o que ainda restava intacto nos prédios remanescentes, antes que a aparência original fosse irreversivelmente alterada. Estava fazendo um exercício imprevisto de preservação para a memória, gerando os documentos que hoje subsidiam este trabalho. Queria registrar a aparência do que era aquela antiga indústria. Naquele momento, muitas das estruturas industriais já estavam comprometidas, sendo que, algumas, como a rampa de acesso dos animais à sala do abate já estava totalmente destruída. Com o passar do tempo, já cursando a disciplina de “Fotografia e Memória”, ainda como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, comecei a tomar consciência de que aquelas fotos sugeriam mais do que eu tive intenção de guardar, quando fiz o registro visual. Estudar a fotografia como suporte de memória fez com que eu percebesse a amplitude de conteúdo e de informação que se apresentava naquelas imagens.

Um fato, quase concomitante, ressaltou a densidade passível de ser explorada nestes documentos visuais: o convite para participar com algumas destas fotografias na exposição do Memorial do Anglo, inaugurado em 2014. A relação, que a curadoria da exposição propunha, das imagens selecionadas com a de outros fotógrafos, feitas em momentos diversos, acentuou a densidade de conteúdos daquelas imagens, já percebida. Este convite, datado de 2013, foi o início da proposta que ora se desenvolve no projeto em curso. O diálogo entre as imagens, as pesquisas desenvolvidas para a exposição e os relatos e registros sobre o Frigorífico Anglo de Fray Bentos, no Uruguai, constituíram a base que alicerçou o problema deste trabalho.

No entanto, o que especificou o referido problema foi um fato, único, breve e decisivo, que ocorreu também em 2013. A visita informal ao que ainda restava das câmaras frias no prédio que hoje é identificado como bloco A do campus Anglo da UFPel. Em seguida, as obras em andamento, desde o ano de 2012, excluíram ou obliteraram os últimos vestígios das técnicas construtivas destes frigoríficos, datadas de meados do século XX. Novamente, o que sobraram foram fotografias, feitas no calor da emergência de um fim prestes a se consumir. Diante das ocorrências, a fotografia, como um recurso de documentação, impunha-se na condição de objeto de estudo.

Um último fato circunscreveu o objeto deste trabalho: o conhecimento sobre a documentação fotográfica residente no Departamento de Documentos Fotográficos do Archivo General de la Nación, de Buenos Aires e do Archivo Nacional de la Imagen del Sode, de Montevideu. A detalhada e minuciosa documentação sobre os frigoríficos e matadouros uruguaios e argentinos, desde o século XIX, descortinava informação precisa sobre os tantos aspectos desta indústria determinante, econômica e socialmente, nos países vizinhos. Não se encontrou arquivo equivalente no Brasil disponível nos centros de documentação abertos à pesquisa, não querendo dizer com isso que não existam. As razões pelas quais esta documentação existe, guardada e disponível, nestes lugares estrangeiros e não no Brasil, poderá ser verificada ao longo da pesquisa. Contudo, há de se ressaltar que o foco do trabalho reside em um conceito que, tanto lá, em ambos os países, como aqui,

demanda ser afirmado: o de patrimônio industrial. O complexo de Fray Bentos, inscrito na lista do Patrimônio Mundial, reveste-se de singularidade e é o ponto inicial do trabalho, para conseguir compreender e preencher vazios documentais em relação ao presente objeto de estudo, as câmaras frias do Anglo de Pelotas. Daí o estudo comparativo, enquanto que o primeiro servirá de auxílio para compreender os aspectos do segundo.

Fotografia, patrimônio industrial e a construção de um lugar para a memória são, portanto, as bases do tripé conceitual desta investigação cuja meta foi aportar conhecimento ao conjunto remanescente do Frigorífico Anglo de Pelotas, em especial sobre o quê, crê-se, era o coração desta indústria: as câmaras frigoríficas.

Com este estudo pretendeu-se valer de outros acervos para preencher vazios documentais e reconstruir por meio da análise das fotografias parte da história, usos e memória de um lugar significativo para a cidade, o extinto Frigorífico Anglo de Pelotas, hoje Campus Anglo da UFPel, bem como o acervo do também extinto Frigorífico Anglo de Fray Bentos, hoje *Museo de la Revolución Industrial* e comparar as similaridades do trabalho que eram executados nestas duas unidades, reiterando, desta forma, o entendimento desses espaços como patrimônio industrial. Em Fray Bentos há todo um conjunto de elementos que serve de suporte de memória. Nas antigas instalações industriais, ainda existe o maquinário, ferramentas, mobiliário, documentos, fotografias, ainda permanece reconhecível o bairro operário e a paisagem e, sobretudo, um grande número de habitantes atuais (sejam ex-trabalhadores ou descendentes deles) que ainda guardam em suas memórias experiências de vida vinculadas àquela atividade fundamental que foi o motor da cidade.

Para melhor entender a rotina de trabalho dentro desta fábrica, além da análise dos acervos fotográficos, foi feita uma revisão bibliográfica, e entrevistados ex-trabalhadores, com o objetivo de que, com seus depoimentos se pudesse melhor identificar antigos lugares de trabalho. A importância das fontes orais foi a de preencher lacunas que não se encontraram em documentação de forma escrita e por serem, esses depoentes, sujeitos

detentores de memória viva da indústria, que contribuíram para o entendimento do estudo. O que se esperou obter foi compreender a situação patrimonial do extinto Frigorífico Anglo de Pelotas à luz do que o Frigorífico Anglo de Fray Bentos oferece por apresentar um estado de conservação e valoração patrimonial diverso do que ocorre em Pelotas. Desse modo, ao observar a situação patrimonial dos dois frigoríficos extintos e particularmente de suas câmaras frias, acreditou-se poder auxiliar na revisão dos espaços que já não existem mais no frigorífico de Pelotas. Percebe-se que o grande edifício de Fray Bentos pertence a outro momento da história desta indústria e tem uma trajetória mais longa em relação ao de Pelotas. Embora bastante descaracterizado, o prédio de Pelotas evidencia uma técnica construtiva e um conceito empresarial diferente do complexo uruguaio, como será visto no decorrer do texto. Pretendeu-se observar a trajetória dos dois frigoríficos no intuito de verificar como as câmaras frias foram situadas na planta industrial em Pelotas. A observação feita no conjunto fotográfico de ambos os prédios indicou algumas diferenças substanciais das plantas e da ocupação do lugar, refletindo a enorme distância entre a trajetória temporal, social e patrimonial de ambos os casos. Ainda assim, foi possível tomar como base os aspectos semelhantes e recompor, parte de uma trajetória visual da indústria pelotense.

Em Pelotas, desde a ocupação do Anglo pela UFPel, entre 2005 e 2006, muitos vestígios do extinto frigorífico foram eliminados para a nova realidade que a planta industrial deveria assumir. Além do campus universitário, estava prevista a instalação de um *shopping center* em parte das instalações, projeto este que nunca foi concretizado. Muitos desses vestígios bastante significativos para o tipo de indústria, como os currais, a rampa de acesso à sala de abate, as câmaras frias, entre outros, foram descaracterizados ou destruídos. Entre eles, um dos mais importantes do ponto de vista da memória compartilhada e significativa para a cidade, o frontão com as enormes letras vermelhas que identificava a indústria e que podia ser visto desde longe. Em Fray Bentos, este frontão, embora esmaecido pelo tempo, exhibe ao longe o nome Anglo.

Assim, para desenvolver o percurso proposto, entendeu-se que o primeiro capítulo deveria tratar do potencial uso da fotografia como elemento

evocador de memórias com os quais se pretendeu descrever as câmaras frias do Frigorífico Anglo de Pelotas e se buscou recuperar alguns elementos que poderiam fazer parte da memória e história deste lugar. Os textos se fazem acompanhar de depoimentos obtidos com ex-trabalhadores, que contribuíram para conhecer parte do que foi o trabalho nas indústrias. Ao confrontar os depoimentos com as fontes bibliográficas foi possível reconhecer o surgimento e a evolução da indústria frigorífica no Rio Grande do Sul, e, especialmente, em Pelotas. O segundo capítulo dedicou-se, inicialmente, a apresentar o grupo Vestey Brothers e sua ação no desenvolvimento da indústria frigorífica no cone sul. Considerou-se importante revisar, pela literatura disponível, o início da frigorificação na Argentina e Uruguai e o surgimento da Liebig e do Anglo em Fray Bentos, passando pelo auge e declínio e o impacto na cidade. No terceiro capítulo abordaram-se os aspectos conceituais de patrimônio industrial e sua trajetória desde os primórdios na Inglaterra até os dias atuais, tanto no Brasil como no exterior. Acompanhou-se a trajetória da indústria e sua transformação em patrimônio e, também mostrou-se fatos do passado e do presente nas cidades de Pelotas e Fray Bentos, bem como indícios do impacto social e econômico após o surgimento, o auge e a decadência do Anglo nas respectivas comunidades. Destacou-se a diferença de proporção do impacto em ambas as cidades, muito mais na uruguaia do que na brasileira. Por fim, descreveram-se as câmaras frias, objeto central do estudo pela sua condição de elemento identificador da indústria frigorífica, inserindo e presentificando os depoimentos de trabalhadores que tiveram acesso a esses e outros setores da indústria.

Ao finalizar o trabalho, avaliou-se a competência dos registros fotográficos, em qualquer tempo, no processo de valorização do patrimônio industrial e buscou-se evidenciar os nexos entre a perda da visualidade sobre os tempos de um lugar e os possíveis processos de esquecimento que diluem sua trajetória e, conseqüentemente, enfraquecem as motivações para protegê-los.

2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Mesmo que em momento algum tenha se esperado que a fotografia trouxesse o passado de volta, ou levasse o espectador até ele, a expectativa em por meio dela é iludir a inevitabilidade do esquecimento. Assim começa Michelin um artigo sobre os arquivos de imagens dos dois frigoríficos focos desse estudo (2013, p. 59). O que se buscou foi usar a fotografia como um suporte de memória e uma reflexão sobre seu uso, juntamente com o depoimento de ex-trabalhadores, para preencher os vazios da memória sobre o extinto Frigorífico Anglo de Pelotas. A fotografia é um forte sócio transmissor, dado o sentido de presentificação. Como diz Sontag, as “fotos nos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto” (2015, p. 16). Para o professor belga Philippe Dubois, “a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que afasta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (2014, p. 25). Desde seu surgimento, a fotografia ampliou as possibilidades de capturar um determinado espaço de tempo a ampliar a sensação de dominá-lo.

Nesse estudo, a relação entre os depoimentos de ex-operários e outras pessoas que exerceram atividades diversas na fábrica ou estiveram relacionadas a ela por familiares, todos detentores de memórias diretas ou indiretas sobre o lugar, e as fotografias da indústria, indicam a possibilidade de uma rede de informações que se reafirmam ou contradizem mas, em ambos os casos, por concordância ou conflito, esboçam a dimensão de sentidos possíveis desse cenário de relações humanas. Mesmo que vacilantes, as memórias, aliadas ao uso das fotografias, formam o caminho disponível para que a trajetória dessa indústria possa ser compreendida, uma vez que outros documentos não são disponíveis e que o estado de preservação do espaço físico retratado nelas já não existe ou foi substancialmente modificado. Reporta-se à compreensão de Halbwachs quando enuncia que “as memórias individuais são pontos de vista sobre a memória coletiva” e, “enquanto seres sociais mesmo que outras pessoas não estejam fisicamente presentes, nunca

estamos sós” (1990, p. 36). Essa co-presença é apreensível nos relatos dos depoentes do Anglo que deixam elementos para que se apreendam as formas de trabalho dentro dos frigoríficos e se reconstrua com dita informação, aspectos de seu funcionamento, que, de outra maneira, seria impossível. A reiteração de alguns aspectos da convivência neste ambiente reforçam o compartilhamento das memórias que presentificam e, não raro, idealizam a indústria do passado. Entende-se que, na medida em que o sujeito recorda a partir dos lugares que ocupa nas instituições às quais pertence (neste caso específico, o lugar de trabalho), também a memória coletiva sobre essa indústria é construída e rememorada, a partir das lembranças e das trajetórias dos sujeitos que dela fizeram parte (HALLBWACHS, 1990). De acordo com Candau, existem “regiões-memória” ou cidades-memória, e mesmo bairros onde se afirmam com força as identidades regionais ou locais (2012, p. 157). Simon Schama mostrou o quanto as paisagens podem contribuir para afirmação de memórias compartilhadas e igualmente influenciar o sentimento de identidade nacional. (Id.. p. 157). A paisagem industrial, nesse caso, seria como diz Candau, um “lugar privilegiado”, pois memória e identidade se concentram nela (2012, p. 156). Hallbwachs, no entanto nos diz que “é na sociedade que o homem adquire suas lembranças, é ali onde as evoca, as reconhece e as localiza” (2004, p. 8). No caso dos lugares de trabalho, fica bem evidente o quanto as relações diretas ou indiretas entre os sujeitos faz com que utilizem recursos de memória compartilhados. Nesse estudo, praticamente todos os entrevistados falaram do apito da fábrica, a enchente que semidestruíu Pelotas e a ajuda que o Anglo deu, fornecendo energia elétrica para parte da cidade, sendo que alguns entrevistados não trabalharam na época da enchente, mas a informação chegou até eles. Para Hallbwachs,

nos daremos conta que a maioria das vezes utilizamos o recurso de nossa memória para responder a perguntas que outras pessoas nos apresentam, ou supor que poderiam fazer-nos, e que ademais, para responde-las, temos que nos colocar em seu lugar, fazendo-nos ver como parte do mesmo grupo ou grupo de semelhantes (2004, p. 8).

A lembrança, frequentemente evocada, sobre a qual ouviram tantas vezes, se converteu em uma simples imagem e passou a fazer parte da memória coletiva dos ex-trabalhadores.

Candau, ao citar Marc Guillaume, diz que o patrimônio funciona como um “aparelho ideológico da memória” e que “serve de reservatório para alimentar as ficções da história que se constrói a respeito do passado” e, em particular, a ilusão da continuidade. (2012, p. 159).

A fotografia, acredita-se, tem a capacidade de “vivificar”, ou manter viva a coisa retratada, que, segundo Barthes, após ser feita, ela “nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (2012, p. 14). Sendo assim, a fotografia é atemporal, pode ser transferida em qualquer período e se harmonizar em outras épocas, pois “é contingência pura e só pode ser isso (é sempre *alguma coisa* que é representada)”, diferente de um texto, que pela simples adição de uma palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão (BARTHES, 2012, p. 34). Segundo Dubois,

algo de singular que a diferencia dos outros modos de representação, subsiste *apesar de tudo* na imagem fotográfica: um sentimento de realidade incontornável do qual não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram para sua elaboração (2014, p. 26).

As relações entre fotografia e memória, na presente investigação fundamentam-se, especialmente, sobre o conteúdo que Didi-Huberman (2004) desenvolve no estudo sobre fotografias do campo de concentração de Auschwitz. O que parecia inimaginável foi conseguido. Em agosto de 1944, a Resistência Polonesa conseguiu com que membros do *Sonderkommando*² retirassem quatro fotografias que deveriam fazer o impossível: retratar o inferno vivido pelos judeus no campo de extermínio de Auschwitz. Duas foram feitas dentro de uma câmara de gás e outras duas foram feitas próximas a um grupo de mulheres nuas que estavam sendo conduzidas para a câmara. Foram essas quatro fotos feitas pelos membros do *Sonderkommando* que Didi-Huberman estudou e procurou extrair o máximo de informações possíveis. Até que ponto essas fotos poderiam traduzir a realidade do campo de extermínio, uma vez que elas mostram fragmentos demasiados pequenos frente à enormidade do que aconteceu em Auschwitz? Querer que estas quatro fotos expliquem tudo o

² Denominação dada a grupos de pessoas que atuavam em campos de concentração nazistas a comando destes.

que aconteceu é exigir demais. Segundo o autor, há duas maneiras de ver essas fotos. A primeira é hipertrofiá-las, em querer ver tudo nelas. A outra maneira consiste em reduzi-las, em não ver mais que um documento do horror (2004, p. 60).

Em outro estudo, Didi-Huberman nos diz que a experiência visual vai sendo construída a partir de duas constatações: a) as imagens são ambivalentes e isso nos causa inquietação; b) o ato de ver sempre nos causa um vazio incrível. Nisso ele pergunta, o que fazer diante desse vazio que nos inquieta? (1998, p. 169). É a partir dessa inquietação que pensamos no vazio que existe no antigo Frigorífico Anglo de Pelotas e procuramos um caminho possível para conjecturar possíveis respostas. E um desses caminhos é através da fotografia.

Num processo de reconstrução e compreensão de como seriam essas indústrias, a fotografia se torna uma ferramenta muito poderosa devido a sua dimensão comprobatória. Segundo Batista Jr., a fotografia nos fornece provas. A comprovação de um acontecimento é mais rápida quando há fotos dele (2009).

Para Kossoy, desde seu surgimento e ao longo de sua trajetória, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, “testemunho da verdade” do fato ou dos fatos (2009, p. 20). Porém, Sontag diz que a maioria das fotos não conserva sua carga emocional. Para a autora, “uma foto de 1900, que produziu um grande efeito por causa de seu tema, hoje, provavelmente, nos comoveria por ser uma foto tirada em 1900” (2015, p. 31). Mas é indiscutível a intensa capacidade informativa do suporte fotografia e sua eficiência de estabelecer nexos entre memória de grupos ou de fatos e, de certa forma, afastar o processo de esquecimento. Para Michelin, em meados do século XIX a fotografia inaugura uma era de retenção dos acontecimentos através da imagem (2008, p. 9). A fotografia nos mostra um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram, congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. Kossoy diz que

seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos que circunscreveu no tempo e no espaço o

ato da tomada do registro. Caso contrário essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações “artísticas” do passado (2009, p. 22).

Os arquivos do Anglo de Fray Bentos, bem como dos frigoríficos argentinos, emprestam sentidos para a esvaziada indústria de Pelotas, não sendo meras ilustrações do passado. É a partir do uso das fotografias que se busca um conhecimento que, mais que informação, existe como lembrança. A ideia de continuidade alivia a infalibilidade da perda da qual o passado se envolve. Como bem disse Sontag, “uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem” (2015, p. 16).

Durante essa pesquisa, não se obteve nenhum registro fotográfico das atividades de trabalho dentro do Frigorífico Anglo de Pelotas, daí a necessidade de usar os arquivos fotográficos uruguaio e argentino para entender o que foi essa unidade fabril, uma estratégia de preencher os vazios gerados pela falta de documentação. Durante o período em que esteve fechada, muitos fotógrafos tiveram autorização para fotografar a indústria abandonada. No período em que a UFPel passou a ocupar as dependências do antigo frigorífico, mais fotos foram geradas. Muitas com o intuito de preservar a memória do lugar, uma vez que as modificações que estavam começando a ocorrer no conjunto fabril começaram a descaracterizar os prédios e apagar vestígios da indústria. Esse impulso documental, muitas vezes involuntariamente, revela a vontade de memória.

Como será analisado posteriormente, as atividades executadas no período compreendido entre final do século XIX e início do século XX nestes tipos de indústria, eram bastante semelhantes (Figs. 1, 2 e 3). Em alguns setores era um serviço bastante pesado e extenuante, como nos relatou o senhor Barão³. Segundo ele, o setor de matança era o pior,

Inclusive o sistema de matar os bois, eram os marreteiros, eram tudo homens de cento e tantos quilos. Eles morreram tudo do pulmão, né,

³ Entrevista com o senhor Adock Mello Barão, concedida ao autor, no dia 27 jul. 2015, em sua residência. Poucas semanas após este encontro, ele veio a falecer.

de...de... Com uma marreta de cinco quilos, só dando na cabeça do boi ali, né! E depois então, veio o método da balinha aquela, um tirinho no meio dos chifres. Aí o boi morria. Um serviço terrível, olha, só quem passou por lá... Já pensou, cada pessoa era uma função, tinha um gago que era cabeceiro, então matava, digamos, 800 bois, ele lidava com 800 cabeças durante o dia, já pensou? Já pensou o que esse homem... Também, quando terminava o dia! Nem falava mais de tão vago(?) que ficava. Era um serviço estúpido, estúpido (Informação verbal).

Este depoimento do senhor Barão remete à letra de *Guitarra negra*, do cantor uruguaio Alfredo Zitarrosa⁴, onde o artista descreve o triste processo de abate do gado que chegava ao Frigorífico Anglo del Uruguay com fins de exportação para abarcar, sobretudo, a fome de uma Europa em guerra.

Figura 1 - Mulheres trabalhando na seção de embutidos, frigorífico desconhecido



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

⁴ A letra de Alfredo Zitarrosa descreve com precisão o que acontecia dentro do Anglo. Ouça *Guitarra negra* no [YouTube](#).

Figura 2 - Operárias envasando *corned beef* no Frigorífico Swift



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

Figura 3 - Praça de matança, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Archivo Nacional de la Imagen del Sodore, Montevideo, Uruguay

Embora já com a visão bastante comprometida e com dificuldades para visualizar as fotografias, o senhor Barão⁵ dispunha de uma boa memória e relatou as diversas atividades que desempenhou no Anglo, entre elas no setor de “descarnação”. Era possível imaginar perfeitamente o que ele falava. Quando indagado sobre uniforme, ele relatou que “naquele tempo não tinha uniforme, né! O normal era branco, roupa branca”. Quanto ao calçado, se usava botas, “não, era tamancão. De madeira. Aquilo ali uma vez eu levei um tombo, que quase me quebrei. Eu, bota, só fui usar no fim. No fim eles obrigaram a usar as botas, cada seção era uma cor da bota” (Informação verbal). Neste relato, o contrário se fez, em que a imagem surgia através da imaginação, uma relação entre narrativa e fotografia. Estes setores de trabalho relatados pelo depoente foram obliterados em Pelotas e, mais uma vez, se buscou essa informação nos arquivos históricos estrangeiros e nas fotos atuais de Fray Bentos, como se percebe na figura 4, em que pode se observar as roupas e calçados usados no frigorífico uruguaio. Não foi possível identificar a data dessa fotografia. Na figura 5, uma imagem atual do setor de processamento da carne, já patrimonializado.

Figura 4 - Sala de processamento da carne, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo Nacional de la Imagen del Sodre, Montevideo, Uruguay

⁵ Adock Mello Barão, *Op. cit.*

Figura 5 - Sala de processamento de carne, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

O uso das fotografias possibilitando o reconhecimento dos espaços tem se mostrado promissor, mesmo que não se tenha a garantia de resultados, mas as fotos tem sido o melhor potencial de aproximação possível em um campo fraco de outras formas de documentação. A imagem fotográfica, segundo Kossoy, fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo (2009, p. 33), possibilitando a obtenção de um produto com elevado grau de semelhança com o referente que lhe deu origem.

Até 2008, quem chegava ao Anglo, já ocupado pela UFPel, ainda conseguia ver exatamente como era no período produtivo, os prédios da administração e laboratórios à direita (Fig. 6) e, à esquerda, o primeiro, onde ficava a casa de força e o outro, onde houve uma lavanderia, quando os uniformes deveriam, por exigência sanitária, permanecer na indústria (Fig. 7), depois que foi proibido o uso do uniforme fora da fábrica. Embora danificados pela ação do tempo e abandono, eram reconhecíveis.

Figura 6 - Prédio da administração e laboratórios



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2008, Acervo do autor

Figura 7 - Casa de força e lavanderia



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2008, Acervo do autor

Quando a administração da UFPel criou a biblioteca para o novo campus, escolheu os dois prédios à esquerda, construindo um anexo de vidro unificando-os, alterando, assim, a referência visual dos edifícios, principalmente após a pintura feita no prédio reformado (Fig. 8). Ao apresentar a fotografia da biblioteca à Sra. Maria Luíza Griffiths⁶, essa relatou que não conhecia o prédio, que não havia na época em que ela trabalhou no Anglo. O anexo e a cor alteraram a aparência original, como visto na fotografia anterior (Fig. 7).

Figura 8 - Prédio da biblioteca do Campus Anglo, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2009, Acervo do autor

Se a alteração dos dois prédios que passaram a formar a biblioteca chegou a confundir a percepção da ex-trabalhadora supracitada, embora não tendo alterado os contornos externos originais, pode-se imaginar o conflito de memória que se faz em quem trabalhou no Anglo e, nos dias de hoje, se depara com o prédio que abrigava as câmaras frias. Ao comparar o imenso prédio do Anglo uruguaio, cujo edifício é um enorme volume hermeticamente fechado, com o prédio do Anglo pelotense na situação atual, se verá o enorme contraste. O que antes eram grossas paredes sem aberturas, hoje são paredes finas, suprimidas em uma camada da alvenaria e da cortiça, facilitando, dessa forma, a abertura de janelas e ampliando a área para as salas de aula (Figs. 9 e 10). Em nada o prédio lembra sua função original.

⁶ Entrevista com a Sra. Maria Luíza Griffiths, concedida ao autor em 25 set. 2015.

Figura 9 - Prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 10 - Prédio das câmaras frias, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

É preciso ativar a memória para lembrar como eram esses lugares, que foram tão associados e atrelados à vida de tantas pessoas. Durante a entrevista concedida dentro das dependências do que seriam as câmaras frias, o senhor Jesus⁷ comentou, “É uma pena, lamento! Só isso! Fico feliz por estar aqui dentro, porque era ‘minha casa’, como considero” (Informação verbal). Por este relato se observa a forte ligação que o local de trabalho sugeria. Havia um imenso convívio social no espaço da indústria, já que o período em que os operários permaneciam ali era grande. Havendo possibilidade de ganhos extras, esses períodos eram maiores ainda. Muitos funcionários acabaram conhecendo seus cônjuges no local de trabalho, como relatado pela Sra. Maria Luíza⁸, que conheceu seu marido no Anglo. Segundo ela “a parte mais linda era poder andar pelos currais e ver aquele monte de gado. E o ambiente de trabalho para mim sempre foi muito bom. E para mim, inesquecível foi a chegada do David, cheio de malas na recepção. Fui a primeira pessoa a recebê-lo.” (Informação verbal). David era inglês e vieram a se casar algum tempo depois. Segundo a depoente, era filho de Willian Philip Griffiths, Diretor Geral do Grupo Vestey Brothers no mundo.

Era bastante comum eles começarem a trabalhar desde muito cedo no frigorífico, como relata o senhor Jesus⁹, “eu entrei aqui com 14 anos como office boy” (Informação verbal). Muitos trabalhadores tiveram sua vida produtiva associada ao frigorífico e mesmo conhecendo as condições insalubres em que trabalhavam, não culpavam a indústria pela perda da saúde, que normalmente acontecia. Na entrevista com o sr. Adock¹⁰, ele conta: “eu fui serrador de ossos. Serrava o canelão do boi e foi quando eu me acidentei, né. Cortei o dedo” (Informação verbal). Naturalmente o contrário acontecia, haviam mágoas. Podemos chamar essas vivências daqueles que conviveram no ambiente da fábrica como a memória do lugar.

⁷ Entrevista com o senhor Jesus Vieira Rottmann, concedida ao autor em 28 jul. 2015, no campus Anglo da UFPel.

⁸ Maria Luíza Griffiths, *Op. cit.*

⁹ Jesus Miguel Rottmann, *Op. cit.*

¹⁰ Adock Mello Barão, *Op. cit.*

O senhor Antônio¹¹, que fazia a manutenção das câmaras frias relata que “a gente aguentava uns dez minutos trabalhando ali dentro e tinha que sair, que não aguentava o frio”. E esse frio era, segundo o depoente, com as câmaras desligadas, “trabalhava dez minutos e saía um pouquinho e entrava pra terminar o serviço de novo” (informação verbal). Ainda, de acordo com o senhor Antônio, o material que ele utilizava para a impermeabilização das câmaras frias vinha diretamente da Alemanha e um técnico daquele país veio a Pelotas para ensinar como o trabalho deveria ser executado.

Quando indagado se era possível entrar no ambiente da câmara fria ligada, ele respondeu: “Mas de jeito nenhum! Congelava lá dentro, endurecia. As ‘camaritas’ então, era coisa mais horrível! O gelo caía no chão e fazia umas ‘bolas’, tinha que estar desviando pra caminhar. Coisa mais séria!” (informação verbal).

O senhor Silvio¹² relata um número similar ao do senhor Antônio sobre a quantidade de câmaras frias que havia no Anglo de Pelotas. Ele fazia a manutenção dos compressores que geravam o frio. No seu depoimento, o senhor Silvio conta que “após a matança, a carne ia para as resfriadoras, que operavam a 0°C, para só depois irem para os freezers¹³, para a congela onde a temperatura ia a 29°C.abaixo de zero e depois, então, caia para -18°C no depósito e lá ficava estocado” (informação verbal). Segundo o depoente, a capacidade de cada câmara fria era de mil bois, tendo inclusive dito que em um dia chegaram a matar mil e duzentos bois.

Durante as entrevistas, as câmaras frias eram sempre descritas como o coração da indústria, embora setores como os de geração de energia eram descritos de extrema importância, pois parando de funcionar, o frigorífico todo parava. O senhor Silvio contou que no prédio onde funcionavam as câmaras frias não havia nenhuma janela, o que contrasta imensamente com a atualidade.

¹¹ Entrevista com Antônio Carlos Azambuja, concedida ao autor em 31 jan. 2015.

¹² Entrevista com o senhor Silvio Cavalheiro Paula, concedida ao autor em 29 jan. 2015.

¹³ O que o senhor Antônio chama de camarita, o senhor Silvio chama de freezer, sendo nomes diferentes para designar o mesmo espaço.

Como já descrito na introdução desse estudo, um fato único, breve e decisivo ocorreu em 2013. Esse fato especificou o problema e foi determinante nessa pesquisa e precisa ser registrado para que se tenha uma melhor compreensão do objeto. No inverno daquele ano, no mês de junho, ficou-se sabendo, através da professora Francisca Michelin, que havia visitado poucos dias antes, um segredo que o Anglo de Pelotas, como uma estrutura viva, um ente biológico, ainda tentava resguardar: algumas câmaras frias ainda intactas. Através de uma fenda de aproximadamente vinte e cinco centímetros conseguiu-se visitar informalmente o que ainda restava das câmaras frigoríficas no prédio que hoje é identificado como bloco A do campus Anglo da UFPel (Fig. 11).

Michelon relata que, por esta fenda, com não mais de vinte e cinco centímetros, tendo apenas a luz de um celular, ingressou em um lugar totalmente escuro. Com a luz iluminou a sala e as passagens que se seguiram (2013, p. 126). Esse lugar, que o Anglo ainda segredava, como se o quisesse proteger, era o antigo conjunto de câmaras frigoríficas, o coração da indústria. Ainda de acordo com Michelin, seguindo e passando de uma a outra sala, chegou-se a uma grande área de luz, que ingressava pelas janelas do andar e pela enorme abertura em uma das paredes, pela qual se via o espelho de águas do canal São Gonçalo (Id., p. 126) (Fig. 12).

Figura 11 - Fenda nas paredes do Bloco A, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 12 – Canal São Gonçalo através de uma abertura, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Tomando conhecimento desse espaço, duas visitas foram feitas imediatamente pelo autor desse trabalho. Na primeira visita, apenas com a câmera fotográfica e uma pequena lanterna, foram feitas algumas fotos do que restava praticamente preservado das últimas câmaras frias do Anglo. A escuridão do lugar era grande e as fotos não ficaram com a qualidade mínima desejada (Fig. 13). Caminhando pelas salas escuras era possível ver espaços de luz, janelas abertas nas paredes cegas (Fig. 14). Nas paredes mutiladas era possível ver detalhes da técnica construtiva de isolamento térmico, empregadas em meados do século XX neste tipo de indústria, encanamentos de amônia, as nórias e pedaços de paredes quebradas (Figs 15, 16 e 17). Para Michelin, o achado foi uma surpresa, não o resultado de uma procura (2013, p. 126), porém para o autor, era a oportunidade de registrar o que ainda restava preservado do Anglo. Duas semanas após, na tentativa de obter melhores fotos, uma nova visita foi feita ao lugar. Porém, a situação, nesse curto espaço de tempo entre as duas visitas, era bem diferente. Seguindo a analogia de um ser vivo, agora ele estava morto e apagados seus últimos vestígios que tentava, em vão, proteger. As obras em andamento, desde o ano de 2012, excluíram ou alteraram significativamente os últimos vestígios das técnicas construtivas do frigorífico. O que sobraram foram fotografias, feitas no calor da

emergência de um fim prestes a se consumir. Diante das ocorrências, a fotografia, como um recurso de documentação, firmava-se na condição de objeto de estudo. Como Sontag diz, a fotografia é vista habitualmente como um instrumento para conhecer as coisas (2015, p. 109), e foi através delas que se pode conhecer os últimos espaços intocados da grande indústria.

Figura 13 – Interior de uma câmara fria, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 14 – Janelas abertas nas câmaras frias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 15 – Tubulações de amônia, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 16 – Pedacos de nórias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 17 – Paredes quebradas nas câmaras frias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

De acordo com a Carta de Nizhny Tagil, “el registro es una parte fundamental del estudio del patrimonio industrial” (2003) e o resultado desse registro deveria ser exposto antes de qualquer intervenção para que as características físicas e as condições do sítio fossem respeitadas. Nessa recomendação, está o uso da fotografia. As informações que as fotos nos dão, fornecem subsídios não apenas para os profissionais que vão trabalhar diretamente com a intervenção arquitetônica, como também como suporte para a memória.

Comparando as fotografias tomadas em Pelotas, com as tomadas em Fray Bentos, percebe-se a enorme semelhança da técnica construtiva das câmaras frias. Na figura 18, em Fray Bentos, se vê o interior da câmara frigorífica totalmente preservada, com todos os elementos típicos desse setor da indústria. Já na fotografia seguinte (Fig. 19), feita em Pelotas, se observa as paredes, com suas camadas de tijolos e cortiça. Posteriormente, se verão mais detalhes de como eram feitas essas estruturas. Com base nesses subsídios visuais, vai-se construindo o passado de parte da indústria e há, portanto, uma possibilidade memorial através da fotografia para este antigo lugar de trabalho.

Figura 18 – Interior de uma câmara fria, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 19 – Detalhe de uma parede das câmaras frias, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Pese a favor, no lugar onde funcionavam as câmaras frias, a universidade destinou um espaço para referenciar a história do antigo frigorífico. As intensas modificações que se operaram internamente, em parte pela urgência com que foram feitas, acabaram favorecendo a permanência de

alguns vestígios do que foi esse espaço industrial e de trabalho. Assim como foi feito em Fray Bentos com o *Museo de la Revolución Industrial*, embora muito menor e com um propósito diferente, a instituição do *Memorial do Anglo*, é uma ideia de musealização de parte do espaço da fábrica, expressão do entendimento de que as referências memoriais demandam ser enunciadas a partir de um lugar físico (MICHELON; CRUZ, 2016, p. 202). No espaço do memorial, e unicamente nele, foi deixado exposto parte da técnica construtiva das câmaras frias, fazendo-se compreensível ao visitante através das ruínas (Fig. 20). O acréscimo de outros suportes informacionais dentro e no entorno das ruínas objetivou tornar esse fragmento de tempo passado, instituído de sentido, com o qual as fotografias de Fray Bentos desempenham importante papel, tal como se alcança na informação contida nas fotografias seguintes. Nelas se percebe, na primeira, uma parede interna do prédio das câmaras frias do frigorífico uruguaio (Fig. 21) e na segunda, mais um ângulo do lugar (Fig. 22), com ênfase na grossa porta. A semelhança da técnica construtiva é bastante perceptível entre as duas unidades fabris.

Figura 20 – Mostra da parede da câmara fria no Memorial do Anglo de Pelotas, RS



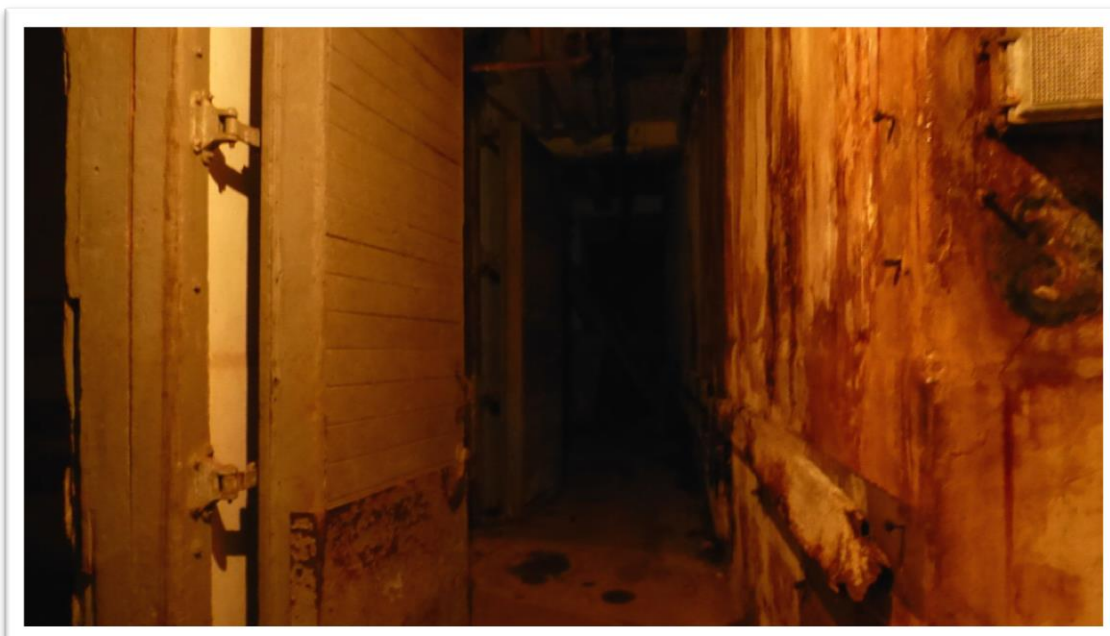
Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2014. Acervo do autor

Figura 21 – Parede interna mostrando o revestimento, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 22 – Detalhe da porta da câmara fria, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Para Rossi, “o mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm função de trazer alguma coisa à memória” (2010, p. 23). Algumas dessas imagens lembram de coisas que não mais existem. É baseado na força histórica e competência

exemplar de Fray Bentos, que manteve a configuração das fábricas, que constituem hoje o Sistema Patrimonial Industrial Liebig's Anglo (SPILA) e exerce uma função de espelho do tempo, no qual o remanescente de Pelotas pode encontrar elementos para a qualificação e compreensão do lugar.

2.1 Pelotas, do sal ao frio

Diferentemente de Rio Grande, da qual se emancipou, a motivação de criação de Pelotas não está associada à defesa do território. Portugueses e açorianos foragidos da ocupação de Rio Grande (1763-1776) estabeleceram-se originalmente no Areal e na Enseada do Laranjal. O primeiro arraial de Pelotas foi às margens do canal São Gonçalo, no Passo dos Negros (STORCHI; CUSTÓDIO; ROMAN, 2009, p. 91).

Em 1779, em terras compradas por Manoel Bento da Rocha, foram estabelecidas extensas lavouras de trigo, pomares, vinhas e muito gado, proveniente das reservas jesuíticas deixadas nas Vacarias do Mar. Dona Isabel Francisca da Silveira, sua mulher, fez construir uma capela na enseada do Laranjal. Após sua morte, a área foi dividida em cinco estâncias: Patrimônio, Graça, Palma, Galatéia e Laranjal. Inicialmente trabalharam com gado e trigo e só posteriormente dedicaram-se à indústria saladeril, que se tornou a principal atividade da região, impulsionada pelo ciclo do ouro. O charque era consumido principalmente nas áreas de mineração, mas alimentava outros mercados, chegando à Europa e Caribe. A primeira charqueada foi a de José Pinto Martins, em 1779, às margens do Arroio Pelotas (Id., p. 91).

A freguesia de São Francisco de Paula, criada em 1812, se desenvolveu rapidamente em virtude das charqueadas instaladas no encontro das águas do arroio Pelotas (Fig. 23) com o canal São Gonçalo (Fig. 24), ligação natural entre Lagoa dos Patos e a Lagoa Mirim, no sul da América do Sul. Situada na encosta inferior da Serra dos Tapes, em uma planície com altitude média de sete metros sobre o nível do mar. Começa aí a vida urbana, com tudo o que isto pode representar, na sociabilidade e no regramento de

arruamentos e edificações (GUTIERREZ, 2010, p. 31). Em 1832 foi elevada à categoria de vila, passando então a chamar-se de Pelotas, uma homenagem às rústicas embarcações utilizadas pelos nativos na travessia dos rios, confeccionadas com o couro animal e quatro varas de corticeiras (STORCHI; CUSTÓDIO; ROMAN, 2009, p. 91). Finalmente, em 1835, Pelotas ganha o status de cidade, ano que começa a Revolução Farroupilha, arrefecendo o ímpeto industrial. Dois dos principais mentores da revolução eram charqueadores, Domingos José de Almeida e José Gonçalves Chaves.

Figura 23 - Charqueada às margens do arroio Pelotas, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2008, acervo do autor

Pelotas teve seu período de maior auge econômico durante o conhecido ciclo das charqueadas. Segundo Gutierrez (2010, p. 18), nesta área, nos últimos vinte anos do século XVIII, os portugueses começaram a assentar o cerne de sua produção escravista charqueadora meridional.

Figura 24 - Canal São Gonçalo, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Por um longo período as charqueadas trouxeram riqueza a Pelotas. Baseadas no trabalho escravo, as antigas indústrias de salga da carne, trabalhavam nos períodos mais quentes do ano, empregando, de acordo com Gutierrez (2010, p. 18) quase dois mil trabalhadores escravizados. Nos períodos mais frios, com o pasto ralo, o gado magro, não se matava, era quando os escravos acostumados a trabalhar com a carne iam trabalhar na preparação de tijolos e telhas. A construção civil era uma atividade complementar à salgadora. Outras atividades exercidas pelos escravos eram plantações de milho, abóbora e feijão, em pequenas chácaras que cada charqueador possuía na Serra dos Tapes, onde ficam as colônias de Pelotas.

Os navios que levavam o charque não voltavam vazios. Traziam, além dos mantimentos, revistas de moda, livros, móveis, louças da Europa e açúcar do Nordeste, consolidando, assim, a tradição doceira na cidade (O SAL E O AÇÚCAR, [201_]).

Durante a metade do século XIX, Pelotas viu florescer uma quantidade enorme de prédios ricamente ornamentados, fruto da riqueza advinda das charqueadas. Muitos destes prédios tombados em nível federal (6, IPHAN), estadual (3, IPHAE) e municipal (9), duas mil e noventa e uma

edificações inventariadas¹⁴. Na área urbana, os prédios, muitos palacetes, possuem uma arquitetura eclética, enquanto no meio rural, as construções seguem um estilo neocolonial luso-brasileiro. A sofisticação se fez sentir por meio da importação de modelos estilísticos, de elementos de composição e ornamentação arquitetônica, de mobiliário urbano e mesmo de estruturas arquitetônicas inteiras. Neste período o parque industrial era grande e diversificado, instalado em função da proximidade com os pontos de transporte fluvial e ferroviário, a sul e oeste (STORCHI; CUSTÓDIO; ROMAN, 2009, p. 94).

No contexto brasileiro, o final do século XIX assistiu à transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Para Pesavento (1980, p. 23), isto gerou um entrave à transformação do velho estabelecimento numa verdadeira empresa trabalhista, uma vez que limitou a generalização das relações de produção assalariadas.

Até as primeiras décadas do século XX a cidade se destacava economicamente no sul do país com seus produtos escoados via fluvial. Neste mesmo período, as charqueadas pelotenses agonizavam devido ao aumento da concorrência, ao fim do escravismo e ao surgimento da indústria do frio. Com ela, a salga e secagem de carne bovina ao sol tornaram-se processos ultrapassados. Segundo Pesavento,

contribuiu para esta crise a baixa rentabilidade devido à precária tecnologia da produção e a sofrível disputa no mercado, já internacional. A Primeira Guerra deu um fôlego temporário à crise, porque a demanda por matéria-prima tornou-se premente, promovendo a procura por carnes de qualquer qualidade. (1980, p. 49).

Com o final da Primeira Guerra Mundial, o desenvolvimento arrefece, e o ápice da crise é o fechamento do Banco Pelotense. É nesse momento em que as charqueadas entram em declínio, que começa a frigorificação da carne no Rio Grande do Sul.

¹⁴ De acordo com o Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas, da Coordenadoria do Patrimônio Cultural, 2004.

2.2 A indústria do frio chega ao sul

Em seu livro “*Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente*”, Francisca Ferreira Michelin destaca que “a primeira estrutura que organizou a produção da carne surgiu em Chicago, Estados Unidos” (2012, p. 24). Grandes indústrias do ramo racionalizaram a transformação da carne em produtos alimentícios, baseando-se em princípios de produtividade obtidos com métodos então considerados científicos. Em um primeiro momento da industrialização brasileira, entre o final do século XIX até os anos 30 do século XX, o modelo administrativo presente nas fábricas era, predominantemente, o *fordista*¹⁵ (JANKE, 2011, p. 22). As fábricas norte americanas introduziram o *taylorismo*¹⁶, que foi determinante para a geração dos métodos fabris dos frigoríficos.

As primeiras décadas do século XX viram o alvorecer dessa indústria. Até o surgimento dos frigoríficos no Brasil, prevaleciam as charqueadas e os matadouros municipais, que faziam o abastecimento local de maneira bastante precária, operavam em condições pouco higiênicas e sem inspeção sanitária (MICHELON, 2012, p. 24). Produziam para consumo imediato, com exceção do charque, que durava mais. Estes estabelecimentos aproveitavam muito mal os subprodutos. Praticamente só o couro e o sebo, mesmo assim, este último sendo de baixa qualidade. Além disso, causavam muitos danos ambientais. Nesse momento, quatro empresas, todas de Chicago, dominavam o mercado de produção da carne e de alimentação em geral (Idem, p. 24). A tecnologia do frio possibilitou criar para as carnes um novo circuito de produção e de mercado, que envolvia o controle sobre diversos fatores produtivos, como estoques para compras e fornecimento de

¹⁵ Fordismo é um sistema de produção, criado pelo empresário norte-americano Henry Ford, cuja principal característica é a fabricação em massa. Henry Ford criou este sistema em 1914 para sua indústria de automóveis, projetando um sistema baseado numa linha de montagem.

¹⁶ Também conhecido como Administração Científica, o Taylorismo é um sistema de organização industrial criado pelo engenheiro mecânico e economista norte-americano Frederick Winslow Taylor, no final do século XIX. A principal característica deste sistema é a organização e divisão de tarefas dentro de uma empresa com o objetivo de obter o máximo de rendimento e eficiência com o mínimo de tempo e atividade.

gado, o parque industrial frigorífico, o armazenamento em câmaras frias, o transporte marítimo através de navios frigoríficos e sobre a distribuição nos portos de destino. A construção de um frigorífico demandava altos investimentos em construção e manutenção. Juntas, estas grandes empresas ficaram conhecidas popularmente por *Trust Beef*¹⁷. Os quatro grandes de Chicago eram: *Armour*, *Swift*, *Hammond* e *Morris*. Além destes quatro grandes americanos, havia uma empresa inglesa que também operava no ramo de frigorificação da carne, o grupo *Vestey Brothers*.

Pressionados pela alta competitividade interna e pela organização dos trabalhadores em sindicatos, essas grandes indústrias resolveram expandir os negócios e volumes de exportação e para isso estudaram localizar suas plantas em outros países. O resultado desses estudos indicou cinco lugares passíveis de investimento: Austrália, Nova Zelândia, Uruguai, Argentina e Brasil (somente o sul). Os frigoríficos passaram a se instalar na região do Prata nos fins do século XIX. Os primeiros a se instalar foram os americanos e, de certa forma, forçaram para uma reavaliação do sistema de produção de carne no Rio Grande do Sul. De acordo com Michelin (2012, p. 24), “o princípio da industrialização da carne fundamenta-se sobre a administração programada de tempo e dos movimentos dos trabalhadores e o aproveitamento da força inercial dos animais”.

Enquanto a Europa era dizimada pela guerra, na América, alguns setores industriais e econômicos se beneficiavam, entre eles, o da carne frigorificada. Portanto, três países próximos foram alvos dessas grandes empresas e guardam hoje histórias muito similares sobre o desenvolvimento da frigorificação da carne através das indústrias implantadas. Além disso, a proximidade do Rio Grande do Sul com Uruguai e Argentina, três lugares que dividem o bioma pampa, sempre trouxe muita afinidade com os trabalhos exercidos nas estâncias, na cultura campeira e também nas charqueadas.

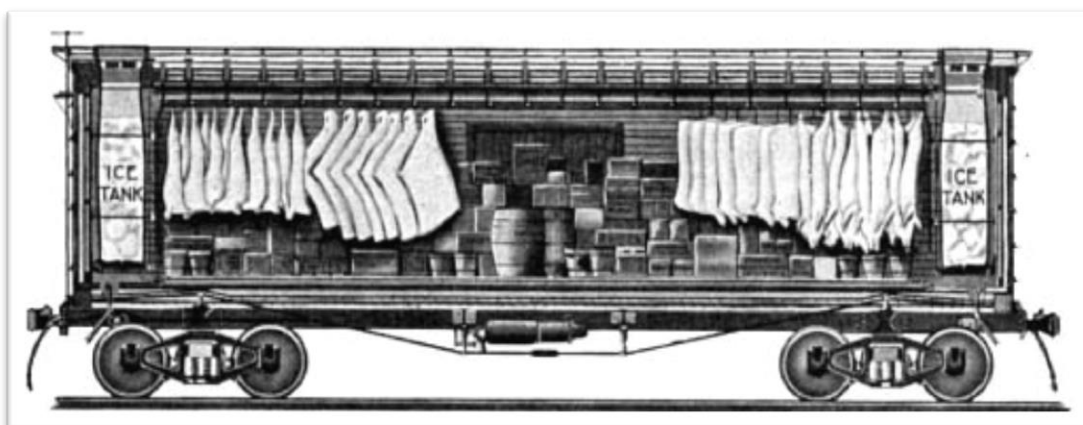
Aqui é importante abrir um parêntese para explicar sobre o funcionamento da refrigeração no transporte de alimentos. O primeiro

¹⁷ O *trust beef* era uma organização dos quatro grandes frigoríficos americanos, com o objetivo de dominar e pressionar o mercado da carne, para poder controlar todas as etapas desde a produção até a distribuição dos produtos.

carregamento refrigerado de carcaças de bovinos ocorreu na década de 1850, em Chicago. Elas eram colocadas em recipientes cheios de gelo, diretamente em contato com a carne, o que, segundo Costa (2011), provocava descoloração e alterava o sabor. Em meados do século XIX já haviam carros refrigerados a gelo para o transporte de leite e manteiga e, em 1860, foram adotados para o transporte de peixes, frutos do mar e carne. Ainda, de acordo com Costa, o engenheiro Andrew Chase, que trabalhava para a Swift, construiu um carro refrigerado onde o frio era distribuído por ventiladores.

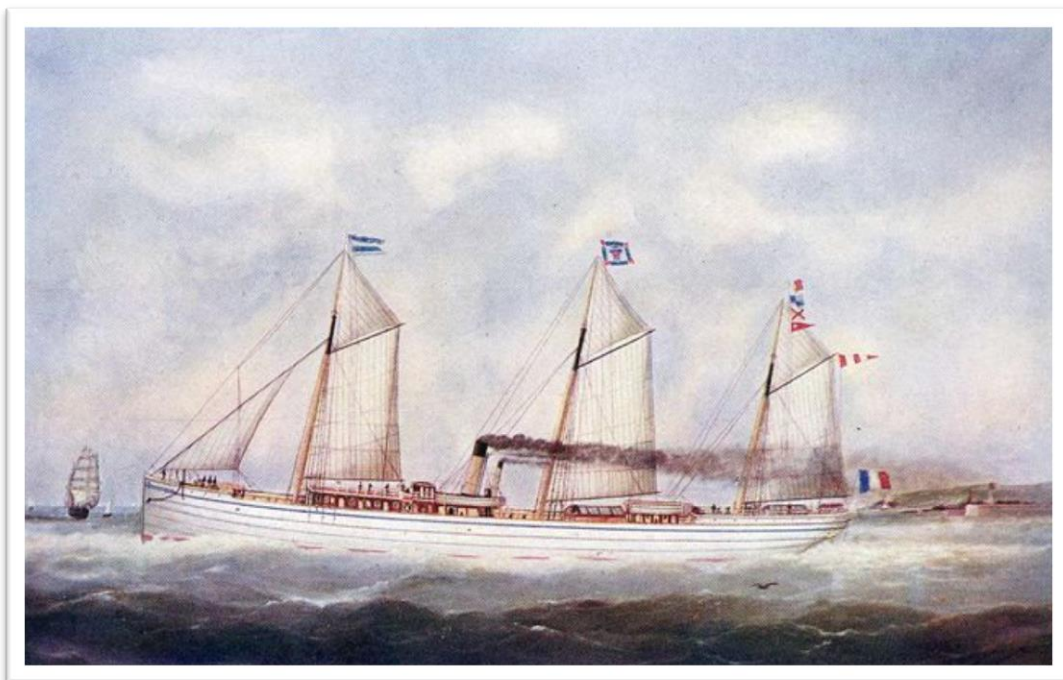
Em 1874 aconteceu a primeira exportação de carne resfriada, saindo dos Estados Unidos para a Inglaterra. Foi feita uma parede de gelo para refrigerar o ambiente do navio onde a carne foi colocada. No Brasil este método foi utilizado até os anos de 1960 nos vagões ferroviários, como pode se ver na figura 25.

Figura 25 - Vagão refrigerado



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Gustavus_Franklin_Swift

Para Juan Pedro Gilmes (2011), o navio “*Le Frigorifique*” (Fig. 26), um projeto franco-uruguaio, pode ser considerado um verdadeiro marco revolucionário a nível industrial, uma vez que permitiu o transporte marítimo de carne refrigerada e congelada de um continente a outro. O inventor do sistema foi o francês Charles Tellier e os uruguaio Francisco Lecoq e Federico Nin Reyes.

Figura 26 - Le Frigorifique

Fonte: <http://www.visionmaritima.com.uy/>

2.3 Frigoríficos no Rio Grande do Sul e o Anglo em Pelotas

Desde sua formação, assim como nos vizinhos países do Prata, o Rio Grande do Sul se mostrou fortemente vinculado com a agropecuária. No final do século XVIII, começa o processo de industrialização da carne no Estado, com a introdução do charqueamento, técnica que consiste na salga e secagem da carne ao sol. A economia pecuária rio-grandense baseava-se na criação e charqueada. Estes estabelecimentos foram surgindo em lugares das regiões criadoras, nas quais havia a possibilidade do transporte do produto para os mercados consumidores fora do Rio Grande do Sul. Pelotas reunia essas condições e tornou-se, portanto, um importante núcleo charqueador na economia da região (MICHELON, 2012, p. 36).

Porém este processo, que tanta riqueza trouxe ao Estado, principalmente a Pelotas, começa a entrar em crise no final do século XIX. Segundo Pesavento,

antes que se descortinasse o primeiro conflito mundial, a pecuária sulina mostrava-se estagnada, sem maiores avanços de suas forças produtivas. O Rio Grande apresentava reduzida capacidade de acumulação, precária tecnologia e baixa rentabilidade. A crise configurava-se não somente no plano da produção - uma pecuária extensiva e uma charqueada obsoleta, em descompasso tecnológico com os avanços mais recentes de frigorificação da carne - mas também do mercado (PESAVENTO, 1980, p. 290).

De acordo com a autora, a disputa no mercado já era internacional. A Primeira Guerra Mundial deu um fôlego temporário à crise, já que a demanda por matéria-prima tornou-se premente, promovendo a procura por carnes de qualquer qualidade. A necessidade de abastecimento dos países em combate, tanto para a população civil, como para as tropas, elevou muito os preços dos gêneros de consumo, entre os quais os alimentos industrializados, a carne frigorificada, em conserva, etc.

É neste momento em que as charqueadas entram em declínio que começa a frigorificação da carne no Rio Grande do Sul. De acordo com Janke, “a discussão sobre a necessidade de implantação dos frigoríficos no Rio Grande do Sul, se tornou mais acirrada após a criação, em 1913, de um frigorífico em São Paulo” (2011, p.46), conforme se vê na figura 27

Figura 27 - Companhia Frigorífica e Pastoril, Barretos, SP



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/sp>

Justamente quando a Europa era dizimada pela guerra, na América, alguns setores industriais e econômicos se beneficiavam, entre eles, o da carne frigorificada. Alguns aspectos fundamentais para o desenvolvimento desta indústria foram: a relação entre os agentes produtores e beneficiadores da carne; o impacto da inspeção sanitária nestes agentes; e por último, a instalação de frigoríficos estrangeiros no Brasil, bem como sua relação com o mercado exterior.

Para Costa (2011), as multinacionais americanas e inglesas foram as que começaram a explorar a atividade frigorífica no Brasil, por já terem experiência dos seus outros empreendimentos em outros países e conhecimento das tecnologias necessárias ao processamento, transporte e comercialização dos produtos e subprodutos oriundos da operação. Entre os primeiros capitais a operar, desde a década de 1870, na industrialização e no comércio da carne frigorificada, se destacam os “quatro grandes de Chicago”, nascidos no meio-oeste americano: *Swift, Armour, Wilson-Sulzberger e Morris*. Além deles, o poderoso grupo inglês *Vestey Brothers*, controlador dos frigoríficos Anglo (VALDEZ, 2007, p. 14).

O primeiro matadouro frigorífico do Brasil foi instalado em 1913 na cidade de Barretos (SP), a “Companhia Frigorífica e Pastoril”. Araújo destaca que as duas áreas mais importantes para a criação de gado no Brasil nas primeiras décadas do século XX, foram o Rio Grande do Sul e a região do Brasil Central, onde se encontra a cidade de Barretos (2003, p. 18). É nos dois locais que se dá a origem da história da indústria frigorífica no Brasil. Segundo a autora, em Barretos houve condições para o desenvolvimento da criação de bovinos e das invernadas (idem, p. 22). Além disso, a cidade estava na rota das regiões pecuaristas do Triângulo Mineiro e do Centro Oeste, operando como ponto de convergência para o gado que por ali passava. A região também dispunha de boas condições de acesso, além de possuir fatores naturais (clima, topografia e rede fluvial) favoráveis. Tais fatores foram essenciais para, ao longo do tempo, favorecer a criação de gado na região, base para implantação da indústria frigorífica.

Possuindo, o Rio Grande do Sul, os requisitos básicos para o beneficiamento da matéria-prima local e atendimento das exigências do mercado externo, “em 1917 instalaram-se os frigoríficos *Swift*, na cidade de Rio Grande (Fig. 28) e *Armour*, em Santana do Livramento. Em 1918, outra unidade da *Swift*, em Rosário do Sul e da *Wilson and Co. Ltda.*, em Santana do Livramento” (JANKE, 2011, p. 46). Em um período de apenas dois anos, três gigantes americanos estavam instalados no Estado, onde não havia nenhuma indústria nacional, mesmo havendo uma farta matéria-prima e de trabalho.

Figura 28 - Frigorífico Swift, Rio Grande, RS



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/>

Embora Pelotas não esteja em um local de convergência do gado em viagem, como Barretos, foi um local de passagem para rebanhos criados na região. Para Michelin, o entorno de Pelotas também oferecia condições de clima e topografia para a criação de bovinos e o seu porto fluvial permitia o transporte de mercadorias até o porto marítimo da cidade de Rio Grande (2012, p. 38).

A iniciativa da construção de um frigorífico em Pelotas foi de um grupo de investidores, entre eles a União dos Criadores do Rio Grande do Sul, a Associação Commercial de Pelotas, sendo o principal acionista, o Banco

Pelotense¹⁸, de acordo Lagemann (1985). Foi onde se localizava a charqueada de Alfredo Braga, que herdou de Felisberto Gonçalves Braga, que o prefeito Cypriano Rodrigues Barcellos, em 1914 comprou o terreno para fazer o Asseio Público e um frigorífico nacional. Esta charqueada ao norte era banhada pelo canal São Gonçalo e ao oeste pelo arroio Pepino (GUTIERREZ; SANTOS, [2014], p. 2). Assim teve início a história do complexo industrial da Companhia Frigorífico Rio Grande, o primeiro nacional no RS, em 1918, quando começaram as obras de um ramal ferroviário, um trapiche, oficinas, depósitos e câmaras frias, próprios para a instalação de um frigorífico. Às margens do canal São Gonçalo, a planta industrial estaria apta para conservar frutas, laticínios e demais produtos perecíveis. Segundo Michelin (2012), era considerado, para a época, um complexo de tamanho grande, que deveria abater 500 reses por dia. Também estava previsto um curtume, aproveitando assim todos os subprodutos dos animais abatidos. Logo no início da construção, atrasos na obra, anunciavam os problemas que se avolumariam até que o empreendimento foi vendido para o Grupo Vestey Brothers pouco depois de concluída a obra, em 1921. Foi considerada como uma negociação vantajosa. Em pesquisas nos jornais Diário Popular e Almanaque de Pelotas, Francisca Michelin encontrou que Edmund Vestey esteve em Pelotas pessoalmente para avaliar as condições do local. Em 14 de março de 1921 foi lavrada a escritura e, em novembro do mesmo ano, começou a funcionar.

Enquanto Janke (2011) repita o motivo alegado por outros autores como sendo a existência de mão de obra decorrente da indústria saladeril, o fator determinante para a construção de um grande frigorífico na cidade, à analogia com Barretos, indica outras possibilidades (MICHELON, 2012, p. 38). O charque foi um dos produtos da indústria frigorífica e do frigorífico em questão, mas um produto de menor importância. Os principais produtos eram as carnes para exportação, congeladas, resfriadas, enlatadas e para o processamento dessas. Como se viu anteriormente no caso de Fray Bentos, a

¹⁸ Instituição bancária sediada em Pelotas, RS, fundada em 05 de fevereiro de 1906, por pecuaristas e charqueadores, com apoio de comerciantes e profissionais liberais. Expandiu suas filiais por várias cidades gaúchas. Uma das causas das suas dificuldades e falência foi a decadência da indústria do charque, que concentrava a maioria dos depósitos e financiamentos. Foi liquidado em 05 de janeiro de 1931, portanto um mês antes de completar seu jubileu de prata (LAGEMANN, 1985).

mão de obra era preparada no próprio local de trabalho, na indústria. Grande parte dos operários era safrista. Durante o período de safra eram abatidos algo em torno de mil bois por dia, com fins de atender a demanda por exportação. Este número é confirmado no depoimento do senhor Sílvio¹⁹, que relata que durante este período, a matança, graxaria e outros setores viravam sempre. As safras, segundo ele, iam de maio a agosto. Sendo assim, a alegada experiência do trabalhador da indústria saladeril, não sugere ter sido suficiente para as necessidades laborais do frigorífico. Melhor dizer que a indústria saladeril e a frigorífica fizeram parte de um mesmo contexto, mas com diferentes trajetórias.

Em Assembleia Geral da Companhia, em 7 de julho de 1924, o diretor declarou que a pauta era alterar os Estatutos da Companhia com o objetivo de alterar a denominação vigente, que além de estrangeira, não informava o fim social da empresa. O projeto foi encaminhado ao Governo Federal e, em dezembro de 1924 o nome *The Rio Grande Meat Company* mudou para Frigorífico Anglo de Pelotas²⁰.

No período de 1921 o abate foi normal, porém nos três anos seguintes, devido ao contexto da guerra civil²¹, não houveram abates, voltando só em 1925. Funcionou fracamente até 1926, quando fechou definitivamente.

Segundo o DOU em 1928, houve um decréscimo das exportações para a Inglaterra de 1921 a 1926. Fora isso, Uruguai e Argentina levavam mais vantagens que o Brasil. Quanto à venda para demais estados brasileiros, o RS, com seus quatro frigoríficos, baixou a venda de 61 mil toneladas em 1921 para menos de 42 mil em 1925. Não se justificava manter a produção do frigorífico recém comprado (MICHELON, 2012).

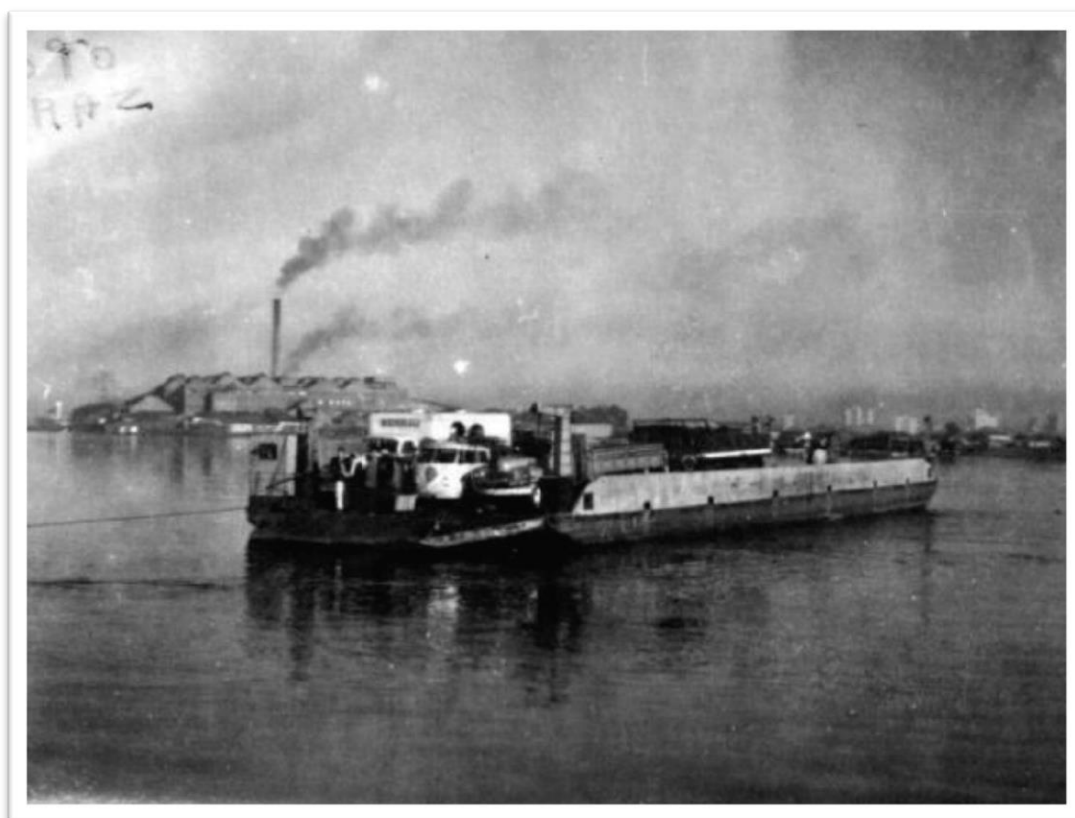
¹⁹ Sílvio Cavalheiro Paula, *Op. cit.*

²⁰ ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Decreto nº 16.690 In Diário Oficial da União. Ano LXIII, nº 298, 14/12/1924, p.9. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2124025/dou-secao-1-14-12-1924-pg-9>>. Acesso em: 21 out. 2013.

²¹ A revolução de 1923, chamada de Libertadora, último grande confronto envolvendo as elites rurais do Rio Grande do Sul (HISTÓRIA ilustrada do Rio Grande do Sul, 2004, p. 227).

O local manteve-se desativado por 15 anos, até que em 1942 tiveram iniciadas as obras de adequação do novo frigorífico. No mesmo ano a Sociedade Anônima Frigorífico Anglo, com sede em São Paulo, incorpora a Companhia Brasileira de Frutas, a Companhia Frigorífica de Santos e o Frigorífico Anglo de Pelotas (Fig. 29). A partir de abril deste ano iniciam-se as obras da ampliação, que duraram 20 meses. O objetivo era aproveitar o vantajoso momento da Segunda Guerra. No dia 17 de dezembro daquele ano foi inaugurado o Anglo, a maior realização industrial da cidade.

Figura 29 - Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/>

Embora a produção do frigorífico seja um tema muito amplo, através dos poucos dados obtidos, pode-se dizer que foi um estabelecimento produtivo. Ao longo do tempo, em seus seis hectares, prédios foram construídos, modernizados e adaptados para atender novos processamentos e

produtos. Nos anos de 1940 foi um grande complexo e se manteve assim (MICHELON, 2012, p. 60).

Nos anos de 1970 surgiram diversos frigoríficos nacionais, sendo mais de trinta em diversos estados. O crescimento do capital nacional no setor provocou a saída das empresas estrangeiras. A última a partir foi o Grupo Vestey Brothers, que encerrou suas atividades vendendo todos os seus frigoríficos em 1993. O Frigorífico Anglo de Pelotas foi desativado em 1991 (MICHELON, 2012, p. 62). De acordo com o depoimento do senhor Jesus Rottmann²², em 1990 cessaram todas as atividades na fábrica, ficando para 1991 o ano do desmanche.

²² Jesus Miguel Vieira Rottmann, *Op. cit.*

3 UM OUTRO LUGAR

Duas cidades no sul da América do Sul, uma brasileira, outra uruguaia, guardam na memória de boa parte de seus habitantes uma história comum, a história de uma grande indústria que as impactou de maneira bastante significativa. Ambas as cidades se debruçam às margens de um curso de água, e também tiveram, durante o século XIX, a pecuária como base da economia, além de localizações privilegiadas para o desenvolvimento da comercialização e indústria da carne. No Brasil, a cidade é Pelotas, localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul. No Uruguai, a cidade é Fray Bentos, capital do Departamento de Río Negro, ao oeste do país. No mapa da Figura 30 é possível localizar as duas cidades.

Figura 30 - Localização de Pelotas e Fray Bentos



Fonte: <http://www.bing.com/maps>

Tanto em uma como na outra, um elemento que mais as aproxima é o extinto Frigorífico Anglo, antes um importante lugar de trabalho, que, com o passar do tempo se tornou um lugar para a memória, embora mantenham

situações bastante distintas na atualidade. Há de se observar que as duas cidades viviam situações bem diferentes quando do surgimento do Anglo. Pelotas já era uma cidade desenvolvida, uma das mais ricas do Rio Grande do Sul, graças à indústria saladeril. Quando o Anglo fechou, embora tenha havido desemprego, havia na cidade outras indústrias e empreendimentos capazes de absorver parte da mão de obra. Segundo dados do IBGE, atualmente Pelotas tem uma população estimada de 342.053 habitantes. Fray Bentos, ao contrário, nasceu praticamente junto com a LEMCO e teve seu desenvolvimento atrelado à indústria que a viu nascer. Quando o Anglo fechou, impactou profundamente a cidade, tanto econômica, como socialmente. Cidade e indústria se confundiam e, naturalmente a crise gerada pelo cessar das atividades do Anglo foi muito maior do que em Pelotas. Atualmente Fray Bentos, segundo dados do Instituto Nacional de Estadística -INE- de Uruguai possui 24.406 habitantes, pelo censo de 2011. Com a inclusão da cidade na lista de Patrimônio da Humanidade (5 jul. 2015), espera-se um aporte maior de recursos advindos do turismo que, naturalmente, aumenta nesses casos de reconhecimento por parte da Unesco. Segundo Prats e Canovas, a criação de ecomuseus e turismo industrial reforçam a identidade local e são dinamizadores do território (2011, p. 81). Citam, como exemplo o ecomuseu *La Farinera*, na Cataluña.

3.1 A trajetória dos Vestey Brothers

O presente estudo estaria incompleto sem mencionar a trajetória do Grupo Vestey Brothers e sua importância para o desenvolvimento e aprimoramento da indústria frigorífica. Originária de Liverpool, a família Vestey desenvolveu um gigantesco negócio de carnes iniciados pelos irmãos William Vestey (1859-1940) e Edmund Vestey (1866-1953), figura 31, à esquerda o primeiro e na 32 o segundo.

Em 1883, William foi para Chicago, Estados Unidos, onde a família construiu uma fábrica de *corned beef*, para usar a grande disponibilidade de carnes industriais daquela cidade. Em 1890 viajou para a Argentina para sondar o mercado. Em 1895, inauguraram um dos primeiros

armazéns frigoríficos de Londres. Em 1897, inauguraram um armazém frigorífico em Liverpool. Estabeleceram armazéns em Hull e Glasgow e se expandiram para Moscou, São Petersburgo, Vladivostok, Riga, Nova York e Johannesburgo. Em 1915, construíram a primeira das cinco fábricas para processar ovo em pó, que eram proprietários, em Hankin, China. Com isso foram os principais fornecedores de ovo em pó para a Europa, uma novidade.

Figura 31 - William Vestey



Figura 32 - Edmund Vestey



Fonte: <http://www.geni.com/people>

Em Liverpool e Londres estabeleceram uma rede de açougues, cujo pioneirismo era o uso da refrigeração nas lojas. Chegaram a possuir 2.500 pontos de venda. Nesta época, por lei, os açougues não funcionavam aos domingos, então, aos sábados, tinham que vender as carnes que sobrassem a qualquer preço. Também foram pioneiros na importação de carne resfriada da América do Sul, Austrália e Nova Zelândia.

Depois de uma das primeiras crises do café, no Brasil, em 1912, eles começaram a adquirir fazendas, principalmente no estado de São Paulo, sempre próximas das ferrovias e iniciaram a criação de gado e plantio de milho. Em 1914 inauguraram um matadouro-frigorífico em Bullocky Point, Darwin (Austrália). Exportaram carne ovina para a Inglaterra, já que esta carne era muito barata na Austrália. No ano seguinte, em Zárate, Argentina, adquiriram o

Frigorífico Las Palmas, reformando-o para ser um grande frigorífico exportador. Entre 1908 e 1920 os irmãos Vestey esticaram seus negócios de fazendas e matadouros frigoríficos na Venezuela, Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Madagascar.

Em 1920 adquiriram a LEMCO em Fray Bentos, reformado em 1924, já com o nome Frigorífico Anglo del Uruguay. Em 1923, compraram o primeiro frigorífico brasileiro, a Companhia Frigorífica Pastoril, instalada em 1913, em Barretos. Foi deste frigorífico que saiu a primeira remessa de carne congelada do Brasil para a Inglaterra, em 1914. No ano de 1941 foram processadas 259.000 cabeças de gado, tendo dias que chegavam a abater 3.000 bovinos. Em 1916, adquiriram as instalações da antiga fábrica de cerveja Teutônia (fundada em 1895 e na época pertencente a Brahma), em Mendes, RJ. Depois de uma complicada reforma em 1917, transformaram-na em um frigorífico, chamado também de Anglo. Foi desativado em 1966 após um incêndio. Em 1921 foi a vez da Companhia Frigorífica Rio Grande, em Pelotas, RS, construída em 1917, comprada por uma das holdings do grupo, a *Lancashire General Investment Trust Limited*. Foi constituída a Sociedade Anônima The Rio Grande Meat Company, que também passou a se chamar Frigorífico Anglo em 1924. Antes de chegar a Pelotas, o grupo já estava presente no RS, associado, desde 1911, à Charqueada Visconde Ribeiro de Magalhães, em Bagé.

Devido à pressão do fisco inglês, em 1915, a sede da empresa foi transferida provisoriamente para Buenos Aires. Eram suspeitos de sonegação de impostos.

Foi em Buenos Aires, em Dock Sud, que eles construíram o maior frigorífico do mundo na época, em 1927. Também se chamava Anglo.

Em meados do século XX eles dominavam o mercado de comércio de carne na Inglaterra.

Em 1927 adquiriram a Fazenda São Sebastião, em Caraguatatuba, SP, onde produziram frutas que eram exportadas *in natura* para a Europa. Esta atividade durou até 1967, quando encerraram as

exportações devido ao declínio do mercado e forte concorrência de produtores da América Central. Chegaram inclusive a produzir uma cachaça, muito conhecida até hoje, a São Francisco. A fazenda possuía um embarcadouro próprio e uma ferrovia de 120 quilômetros, com 12 locomotivas e 200 vagões. A fazenda era tão grande que tinha uma população de quatro mil moradores, possuía cinema, capela e locais de lazer. A Fazenda dos Ingleses, como era chamada desenvolveu tanto a localidade de Caraguatatuba a ponto de emancipá-la de São Sebastião em 1947. Foi vendida em 1960.

Compraram outras propriedades rurais e até hoje a Agropecuária CFM da família Vestey gerencia fazendas no Brasil, chegando a colher por ano quase dois milhões de toneladas de cana de açúcar e cinco milhões e meio de litros de leite ao ano, além de comercializarem gado das raças Nelore e Montana.

Também foram proprietários da Companhia Frigorífica de Santos, que atuou entre 1924 e 1947. Este frigorífico possuía ferrovia própria para transporte de animais, que seguiam nos navios da “Blue Star Line” até a Europa. Sobre este assunto, a frota de navios deles deu origem à companhia marítima Blue Star Shipping.

O grupo permanece com a família Vestey e tem sede em Londres.

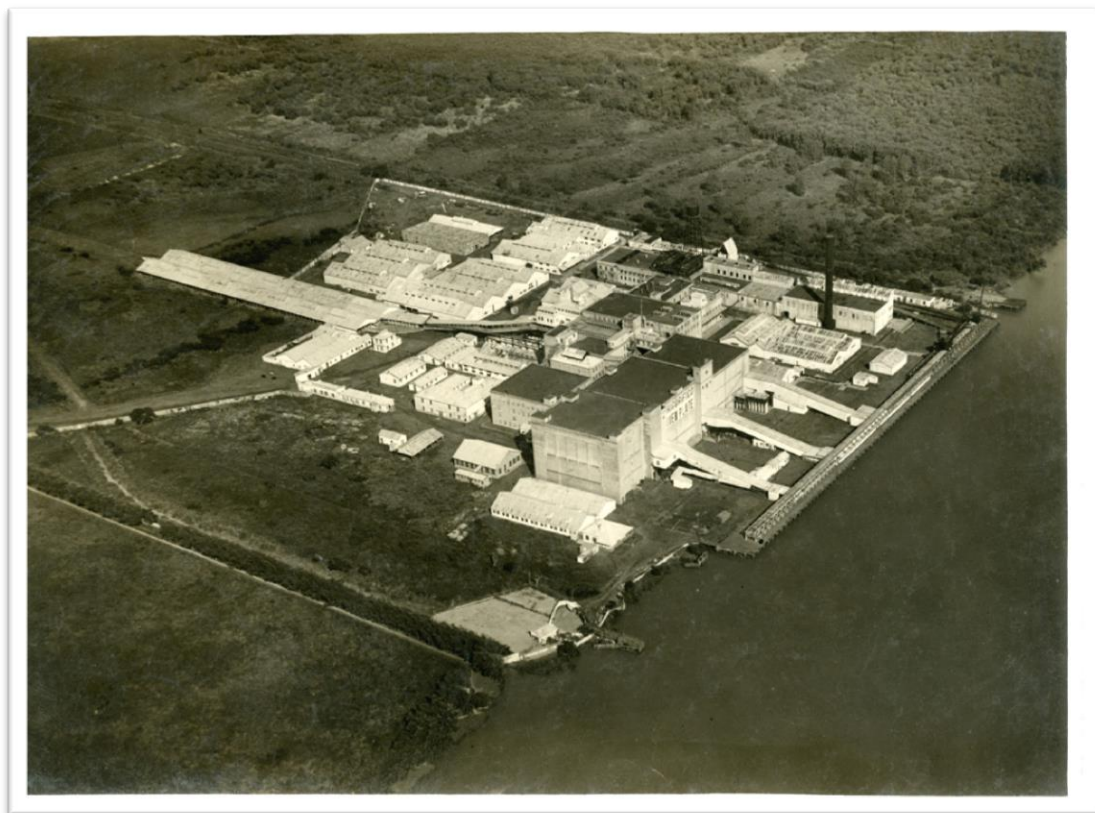
3.2 O Anglo e outros frigoríficos na Argentina

Em princípios do século XX a Grã-Bretanha se negou a importar gado em pé da Argentina por estar o rebanho deste país infectado pela aftosa. A saída para os criadores foi enviar a carne refrigerada. É quando os frigoríficos começam a ocupar os primeiros lugares na economia do país, especialmente àqueles instalados pelo capital britânico. Os frigoríficos nacionais eram pequenos e não chegaram nunca a lidar com grande volume requerido para exportação (JUSTIPARAN; PUEYO, 2010).

A Argentina foi o primeiro país a exportar carne refrigerada e congelada para a Europa em 1877, com os vapores “*Le Frigorifique*” e “*Le Paraguay*”, que iniciaram com êxito a preparação e transporte da carne refrigerada e congelada, de acordo com os procedimentos de Tellier e de Jullien.

O primeiro frigorífico estrangeiro na Argentina foi o *The River Plate Fresh Meat Co.* (Fig. 33), de capital britânico, instalado em 1883, em Campana, província de Buenos Aires, que, de acordo com Justiparan e Pueyo (2010), também é a primeira indústria deste tipo na América Latina. Neste sentido, a Argentina foi pioneira em muitos aspectos da industrialização da carne. No mesmo ano, este frigorífico envia a primeira remessa de carne para Londres e, em 1900, foi o primeiro a exportar a carne refrigerada (*chilled beef*).

Figura 33 - The River Plate Fresh Meat Co., Buenos Aires, Argentina



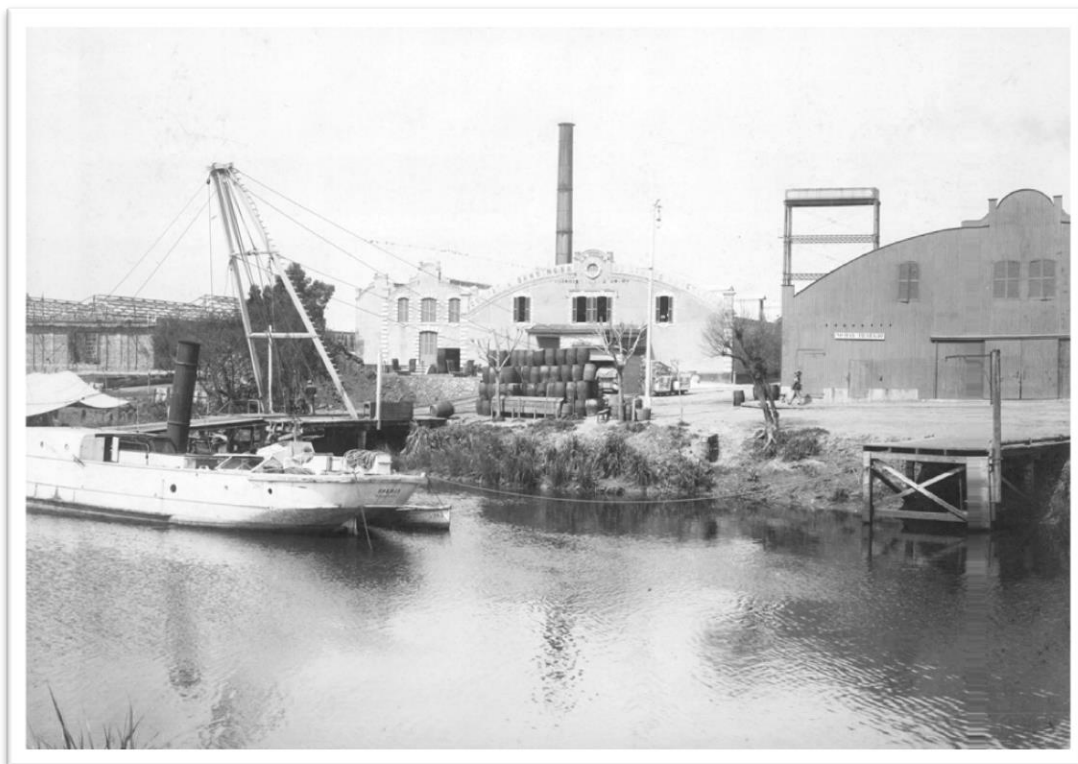
Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

Em 1884, surge o *Gastón Sansinena*, em Avellaneda. No ano seguinte, surgiu o *Frigorífico La Negra* (Fig.34), também em Avellaneda, com capital misto, argentino e britânico. Em 1887, em Las Palmas, é criado o

frigorífico *The Las Palmas Produce Co. Ltd.*, de capital também inglês. Já em 1902, se instala o *La Blanca* (Fig. 35), com capital nacional. Para Michelin

nessas três décadas que antecederam o século XX, os frigoríficos estrangeiros impunham-se progressivamente sobre os nacionais e nos primeiros anos do novo século o investimento britânico associou-se a outros capitais, tornando-se ainda mais forte (2012, p. 32).

Figura 34 - Frigorífico La Negra, Avellaneda, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

No início as empresas tinham que lutar pela falta de gado para os frigoríficos, de transporte marítimo frigorificado, de mercado, e, enfim, de experiência em uma indústria que recém estava iniciando. Levou um tempo ainda para que os métodos de trabalho introduzidos pelos norte americanos se generalizassem. Como já foi visto anteriormente, estes métodos consistiam em padrões pelos quais a repetição na sequência de operações imprimia destreza em cada operário (MICHELON, op. cit.). O objetivo era claro, aumentar a produtividade através da diminuição do tempo.

Figura 35 - Frigorífico La Blanca, Avellaneda, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

Entre 1895 e 1900 a indústria frigorífica argentina passou por um período crítico. O *The River Plate Fresh Meat Co.* teve grande perdas e quase fechou (JUSTIPARAN; PUEYO, 2010).

Em 1902 alguns investidores britânicos, associados a capitais estrangeiros constroem a *The La Plata Cold Storage Co. Ltd.* No ano seguinte, outro frigorífico britânico se instala, o *Smithfield & Argentine Meat Company*. É o domínio do capital estrangeiro. Seria muito difícil para a indústria nacional resistir à entrada do capital estadouidense, que chegou com a *Swift*, o primeiro de Chicago a chegar à Argentina. Os principais frigoríficos nacionais a operar nesse período eram o *Sansinena Company* (Fig. 36), o *Frigorífico La Blanca* (Fig. 35) e o *Frigorífico Argentino*. Os britânicos dominavam o mercado.

Figura 36 - Frigorífico Sansinena Company, Buenos Aires, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

A Companhia Swift adquire a planta do *La Plata Cold Storage* em 1907, impondo, já desde o início, uma nova forma de criar gado, pois precisavam de carne de melhor qualidade. Os estancieiros argentinos se dividiram em duas categorias: *criadores*, que criavam gado de alta qualidade, que o alimentavam desde o desmame até os oito ou dez meses; e os *invernadores*, que engordavam os animais até estarem prontos para o abate, com dois ou três anos de idade. Em 1910 ativou sua unidade própria em Berisso (Fig. 37). Enorme e funcional, era destituída de qualidades estéticas, como as demais plantas frigoríficas.

No ano de 1909 se constituiu o *The Patagonian Meat Preserving Co. Ltd.*, que construiu o *Frigorífico Río Gallegos*.

Figura 37 - Frigorífico Swift, Berisso, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

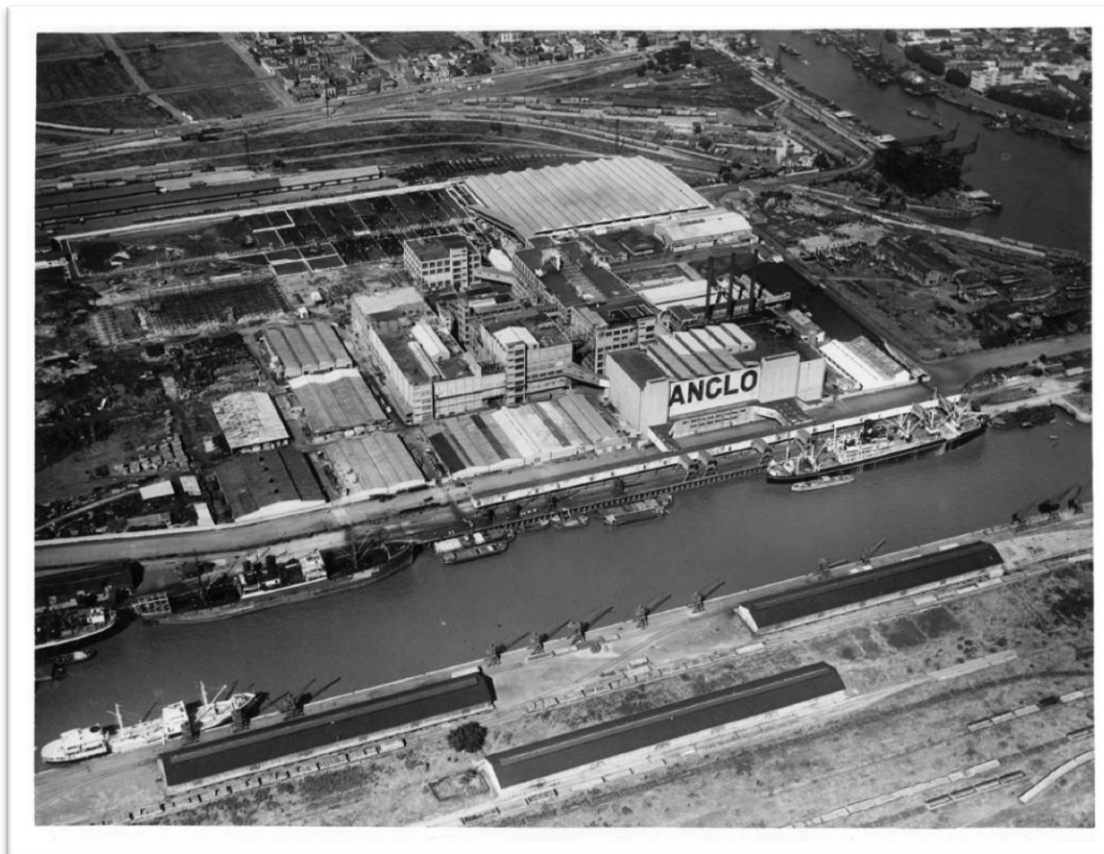
O primeiro Anglo se instalou na Argentina em Zárate²³, em 1882. Em Dock Sud, em 1928 foi construída a maior planta industrial deste frigorífico naquele país (Fig. 38).

No período compreendido entre 1882 e 1907, mais quatro frigoríficos estrangeiros se instalaram na Argentina. A Swift que já era proprietária do *Frigorífico La Plata*, adquiriu o *Frigorífico La Blanca*, em 1908, em Avellaneda, que foi novamente vendido em 1912 para a *Armour and Morris*.

Como se pode ver, os capitais norte-americano e inglês dominaram o mercado argentino e organizaram-se de maneira a limitar o comércio da carne, segundo seus interesses, determinando um panorama industrial dirigido pelo *trust beef*, que foi prejudicial aos interesses do país. Esta política se estendeu pelo século XX, criando conflitos de interesses entre governos, criadores e frigoríficos, marcando a história da indústria e do trabalho naquele país (MICHELON, 2012, p. 33).

²³ Zárate, é uma cidade do centro-leste da Argentina, situada na província de Buenos Aires, às margens do rio Paraná.

Figura 38 - Frigorífico Anglo, Dock Sud, Buenos Aires, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

3.3 Fray Bentos, a Liebig, o Anglo, uma história em comum

No que tange à organização socioeconômica do Uruguai, Argentina e Brasil, mais especificamente o Rio Grande do Sul, durante o século XIX, pode-se dizer que a pecuária foi uma atividade de extrema importância e que alavancou o progresso e desenvolvimento destas regiões.

O interesse de indústrias ligadas ao processamento da carne e frigoríficos estrangeiros na América do Sul surgiu quando o alemão Justus Von Liebig²⁴, associado ao seu conterrâneo Friedrich Von Wohler criaram uma

²⁴ Nascido em 12 de maio de 1803, em Darmstadt, falecido em 18 de abril de 1873, em Munique, Foi um químico brilhante, criador dos fertilizantes químicos, criou o conceito de laboratório de química e o extrato de carne. Tornou-se professor da Universidade de Giessen (Alemanha) com apenas 21 anos de idade. É um dos fundadores da química orgânica. Fonte: **Justus von Liebig**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Justus_von_Liebig>. Acesso em 15 nov. 2014.

fórmula de um produto alimentício por volta de 1850, o “*extractum carnis*”, (Fig. 39) indicado principalmente para doentes que não podiam ingerir alimentos sólidos, debilitados e soldados feridos em guerras. A carne bovina era cozida até formar uma essência cremosa com alta concentração de seus principais nutrientes. O produto deveria ser de fácil preparo, rico nutricionalmente e de baixo custo em relação aos similares que se produziam em casa. O extrato de carne podia ser classificado em três categorias: o “fluido”, com até 50% de umidade, o “sólido”, com aproximadamente 25% de umidade e o em “pó”, que misturado à água fervente, resultava em uma sopa concentrada.

Figura 39 - Extrato de carne Liebig



Fonte: Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay

O sucesso do produto alcançou diversos países e fez com que seus criadores procurassem locais para instalar fábricas onde a matéria prima

fosse abundante e barata, uma vez que, na Europa, a carne bovina tinha um custo muito alto. O extrato que conseguiu produzir na “Farmácia Real” de Munique era de um preço impossível de ser comercializado. Para produzir 100 kg de extrato era necessário o cozimento de sete mil quilos de carne com osso, ou cerca de trinta bois. O produto era obtido através do cozimento da carne bovina sem cartilagens, ligamentos e tendões, em caldeirões de pressão, até ficar bem concentrado. Na fervura eram separados a gelatina e gordura, que podiam ser elementos que comprometessem a qualidade do produto.

No seu livro “Cartas familiares de um químico”, Liebig, segundo Boretto (2014, p. 277) alvoroçou a exploração comercial do produto utilizando a técnica inventada por ele. Seus propósitos também foram publicados em boletins científicos e folhetos. Um destes chegou às mãos do engenheiro belga George Christian Giebert, de descendência alemã, que vivia no Uruguai, onde tomou conhecimento das ideias de Liebig. Ele era bem informado sobre a abundância e preços baixos da carne bovina na região dos pampas da América do Sul. Em meados do século XIX, abatiam-se bois, apenas para aproveitar a língua, o couro, o sebo e, algumas vezes, parte da carne que era salgada para a fabricação de charque (COSTA, 2011).

De acordo com Costa (2011), Giebert teve a ideia de implantar uma indústria de extrato de carne na América do Sul, então enviou uma correspondência para Liebig, que, atarefado, não deu à devida importância. Giebert não desistiu e embarcou, em um navio para a Alemanha, onde se encontrou pessoalmente com Liebig, em Munique, e apresentou seu projeto. Um dos argumentos de Giebert é que ele havia visto pessoalmente a “espantosa perda de carne” nos saladeiros²⁵ (BORETTO, 2014, p. 278). O químico se interessou e prontificou-se a ajudá-lo, colocando à disposição do engenheiro, todos os segredos de fabricação do extrato, nos mínimos detalhes. Os minuciosos passos que deveria seguir para a elaboração, enfim, o processo todo, foi ensinado ao improvisado aluno que se imaginou suficientemente

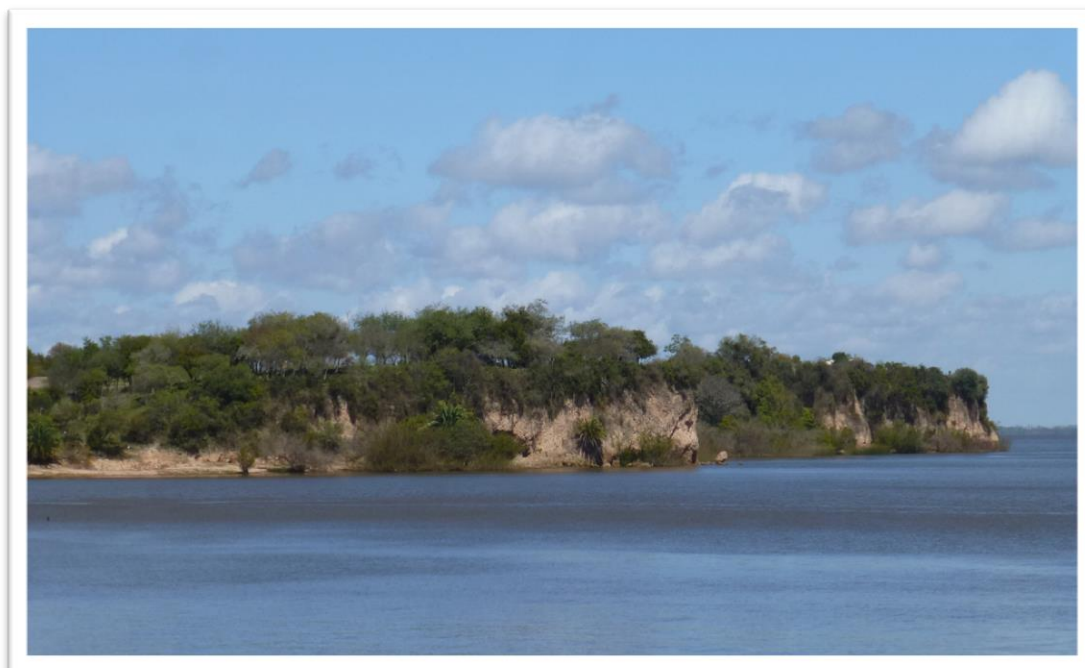
²⁵ Estabelecimento onde se charqueia a carne, o mesmo que charqueadas. O termo é mais utilizado nos países latinos. Neste estudo, aparecerá quando se referir ao Uruguai e Argentina, devendo ser chamado de charqueada quando se referir ao Rio Grande do Sul.

preparado para fabricar o extrato de carne. Liebig foi convidado para ser sócio desse empreendimento.

Durante o período de governo de Juan Manuel de Rosas (1829-1832), na Argentina, o rio Uruguai abriu-se à navegação, tornando-se importante via de exportação (BORETTO, 2014, p. 52).

Em 1855, o porto da cidade argentina de Guleguaychú encontrava dificuldades por não dar conta do movimento e ter um calado não tão profundo. Na outra margem, no entanto, as barrancas do rio ofereciam um excelente porto natural, mas não havia ali nenhum povoado ainda (Fig. 40).

Figura 40 - Barrancas do rio Uruguai, Fray Bentos



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Um grupo de empresários uruguaios, ingleses, alemães e irlandeses, provenientes de Montevideu, compra em 1858, as terras e doa ao governo uruguaio para que funde ali um povoado, que inicialmente se chamou Villa Independencia, em 16 de abril de 1858 (BORETTO, 2014, p. 53).

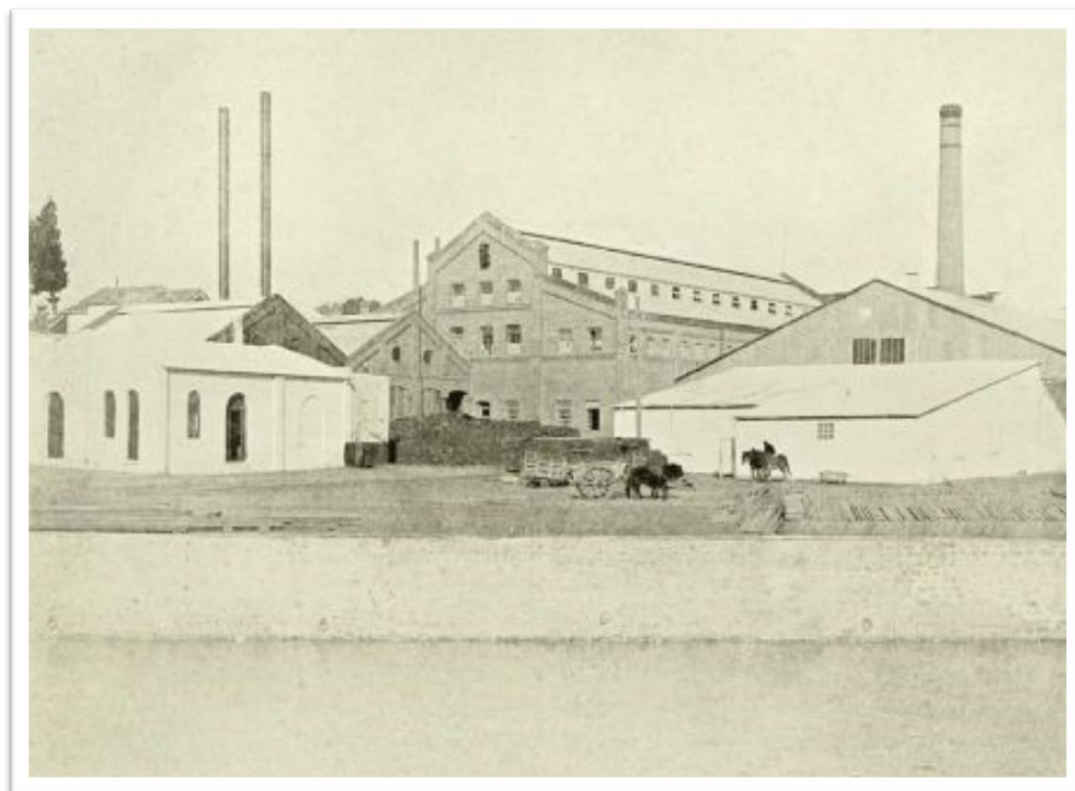
Quando volta ao Uruguai, Giebert começa a fabricar o extrato de carne de Liebig em uma pequena fábrica próxima a Montevideu. Enviou uma mostra a Munique e teve a aprovação do químico. Com isso, obteve a licença para a produção. Em 1861 vai para Villa Independencia, recém fundada, às margens do rio Uruguai, atrás de uma localidade para construir uma fábrica de extrato de carne. No saladeiro de Ricardo Hughes havia uma pequena construção sem utilizar, que Giebert alugou para instalar seu rudimentar equipamento e iniciar a produção do concentrado. Antes do final de 1862, em novembro, envia uma carta a Munique onde anunciava que já tinha pronto o projeto, as máquinas e aparelhos e os cálculos de manipulação de uns 3.200 quilos de carne por dia. Enviou junto uma série de potes com o resultado (BORETTO, 2014, p. 279).

Cidade portuária, que conserva seu caráter natural, com águas profundas o suficiente para receber navios de grandes calados, em 1861, Villa Independencia viu sua história tomar outro rumo além do portuário, quando Giebert chega para instalar próximo à cidade, sua fábrica de extrato de carne. Segundo Douredjian (2009, p. 21), Giebert escolheu Fray Bentos por causa de sua localização geográfica, possuir terras abundantes e baratas, gado em toda região e um porto ultramarino para a exportação, que seria a Europa. Além disso, a mão de obra barata e a obtenção de capitais de além Atlântico fechavam o círculo para a futura empresa. Enfim, todas as condições para tentar desenvolver a ideia do químico alemão de Munique.

Em 1863 ele adquiriu terras, criou a empresa e montou uma pequena fábrica, aproveitando os edifícios já existentes do saladeiro de Hughes para a produção do extrato de carne. De acordo com Boretto (2014, p. 95), no mês de abril daquele ano é criada a “*Société de Fray Bentos, Giebert et Cie*”, que foi o germe da indústria de extrato de carne sonhada por Giebert. Ergueram-se alojamentos para os operários e empregados e quatro postos distribuídos pelo campo, adaptando-se a Estância “La Pileta”, incluída em território adquirido. O sucesso na Europa foi tão grande que os pedidos eram maiores do que a capacidade da fábrica em produzi-los. A experiência sugeria soluções. Maior produção necessitava não só maquinários melhores, mas também mais animais em condições para serem abatidos. As estâncias que

atendiam a fábrica ficavam longe e os animais chegavam puro couro e ossos. Giebert sugeriu que se comprassem novas estâncias, maiores, com aguadas, cercadas e vigiadas e com muito gado pastando nelas à disposição das safras de matança. Em virtude dos acontecimentos, ele viajou novamente para a Europa e demonstrou as vantagens da fábrica. Conseguiu um financiamento de 500.000 libras esterlinas de comerciantes e banqueiros britânicos e belgas para a criação da “*Liebig’s Extract of Meat Company Limited*” (LEMCO), em 1865, que fabricou de forma inédita em escala industrial, o extrato de carne (Fig. 41), exportado para Grã-Bretanha, Bélgica, Holanda, França, Dinamarca, Áustria, Espanha, Polônia, Rússia, Turquia e Estados Unidos (MICHELON, 2012, p. 21). Seus esforços começaram a dar frutos.

Figura 41 – Liebig’s Extract of Meat Company Limited, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo Nacional de la Imagen del Sode, Montevideo, Uruguay

Com acionistas ingleses e belgas, técnicos britânicos e alemães, aquele pequeno lugarejo que contava, em 1860, com uns poucos ranchos, aproximadamente duzentos habitantes, passa, com sua fábrica, a ser

conhecida como “O Colosso Liebig’s”, ou “A Cozinha do Mundo” (DOUREDJIAN, 2009, p. 21). Metáforas que explicam como aquele pequeno rincão do sul da América do Sul tornou-se sinônimo de sucesso empresarial em muitas partes do mundo.

De longe, a planta de Fray Bentos foi a fábrica mais importante no Uruguai durante este período, no processamento de carne para o mercado europeu. A rentabilidade dessa indústria reverberou no investimento que se sucedeu no local, a ponto de Fray Bentos e entorno ter sido a primeira cidade uruguaia a ter energia elétrica, feito este também reivindicado por Minas de Corrales, cuja Usina Hidrelétrica de Cuñapirú começou a funcionar em 1882. Segundo Boretto, o ingresso da energia elétrica no país se deu através do Saladero Liebig’s, que já possuía esta tecnologia desde 1883. Porém, recém no ano de 1896, através da empresa La Union, disponibilizou o serviço elétrico a domicílio em Villa Independencia, enquanto em Mercedes se fizeram os primeiros ensaios de luz elétrica nas ruas e praças em janeiro de 1897 (2014, p. 197). Na figura 42 pode-se observar uma antiga lâmpada exposta no Museo de la Revolución Industrial, onde consta como sendo das primeiras usadas no Uruguai.

Figura 42 - Primeiras lâmpadas usadas no Uruguay



Fonte: Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Após a remodelação, a LEMCO diversificou suas atividades vindo a produzir diversos outros produtos de origem animal como, lã, crina, sebo, couro, ossos, farinha de ossos, farinha de carne, sangue, albumina de sangue, farinha de sangue, línguas defumadas, fertilizantes e óleos refinados. Embora o volume de extrato de carne produzido tivesse sido multiplicado por centenas de vezes, era insuficiente para atender o mercado consumidor.

O principal produto de exportação era o extrato de carne consumido por boa parte da população europeia e pelos soldados dos exércitos nas explorações imperialistas. Durante a guerra franco-prussiana, os franceses sitiados em Paris consumiam extrato de carne de Fray Bentos. Com quatro quilos de extrato e farinha de trigo ou aveia, em poucos minutos se conseguia uma sopa nutritiva para um batalhão de 128 soldados (COSTA, 2011). Podemos ver na figura 43, uma fotografia de soldados irlandeses do 7º. Batalhão dos Fuzileiros Reais de Dublin, em Gallipoli, exibindo as famosas latinas de Fray Bentos, durante a Primeira Guerra Mundial. Estava fundamentada a importância da riqueza pecuária do Uruguai.

Figura 43 - Soldados exibindo latas de Fray Bentos



Fonte: <http://www.facebook.com/groups/patrimoniiofraybentos>

À medida que crescia a atividade industrial, várias coisas iam acompanhando o desenvolvimento em uma utilização consciente do território e do uso de todas as facilidades que tinham os campos produtores de gado nas imediações e das facilidades portuárias do rio Uruguai. A visão de Giebert sobressaía à mentalidade da gente do lugar. Enquanto todo o mundo desperdiçava a carne, ele estudava como aproveitar ao máximo. Até o conteúdo das barrigas dos animais ele utilizava para fabricar fertilizantes. Na Europa os produtos de Fray Bentos eram disputados. De acordo com Boretto, Giebert inclusive pensava em criar uma indústria paralela para aproveitar os desperdícios de carne (2014, p. 293). De fato, em 1870 foi criada uma fábrica de fertilizantes com o nome de “Guano”, tal como os dejetos das aves marinhas do Peru e norte do Chile. Liebig assessorou técnica e cientificamente na criação de tudo que não podia ser consumido como alimento em um fertilizante orgânico que se vendeu com êxito na Europa. Criaram também rações para alimentação de gado, porcos, aves e cachorros.

Em meados da década de 1870, tanto Giebert como Liebig haviam falecido, mas a empresa inglesa que haviam criado estava definitivamente estabelecida (DOUREDJI, 2009, p. 22).

Nesta época dizia-se que *“en la Liebig’s, lo único que se desperdicia de las vacas es su mugido”*.

De acordo com Michelin (2012, p. 21), menos de uma década e meia da sua inauguração e a fábrica iniciou a produção do que seria o carro-chefe da indústria açougueira: a carne enlatada (Fig. 44). A marca Fray Bentos deu a volta ao mundo em forma de vários produtos, particularmente o “corned beef”. A importância deste produto para Fray Bentos fica evidenciada no texto extraído de um vídeo da Intendência de Río Negro:

Os enlatados, com seus defeitos e virtudes, são e, sobretudo foram, parte da dieta de centenas de milhões de cidadãos ao redor do mundo e o *corned beef*, muito popular no Uruguai, marcou várias gerações de consumidores europeus, que em épocas de conflitos bélicos e crises econômicas encontravam na carne enlatada um alimento, como os de hoje prometem na maioria das publicidades: econômico, rico e nutritivo. Sua penetração e popularidade foram tantas, que alguns britânicos, sentados em suas poltronas, recordam que este alimento, o mais comum na sua infância, também o conheciam como “Fray Bentos”. Uma curiosa e inimaginável

conquista para uma cidade de um pequeno país do sul do sul do mundo. (RÍO NEGRO. Gobierno Departamental, 2014)²⁶.

Figura 44 - Corned beef Fray Bentos



Fonte: Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay

Foi a partir da LEMCO, com suas exportações para a Europa, que surgiu a grande indústria que será o marco de referência deste estudo. De acordo com Rey, citado por Sosa (p. 50), tratou-se de um grande processo de industrialização que começou em meados do século XIX, guardando uma estreita relação com as novas pesquisas no campo da indústria alimentícia, que se associa ao enorme espírito de empresa. Facilitou a existência de um território rural próprio para a criação de gado, necessário a abastecer de matéria-prima a indústria, conduzindo a um processo de urbanização que

²⁶ O vídeo, parte de uma série feita para a divulgação do Anglo por ocasião do processo de patrimonialização pela Unesco, está disponível em [YouTube](#).

reproduziu, em muitos aspectos, a lógica industrial das *company towns*²⁷ inglesas do século XIX (SOSA, 2013, p. 50). Neste caso a empresa podia disciplinar a conduta dos operários e bairro operário. Ainda, segundo Rey, a indústria podia gerir a cidade, direta ou indiretamente, dentro dos limites da empresa (bairro operário, áreas recreativas e desportivas...), como indiretamente, com ênfase especial em Fray Bentos. Com o desenvolvimento criado pelo Anglo, a população mantém até hoje saberes e fazeres, assim como festividades e celebrações vinculadas ao período de maior produtividade, o que impactou a cidade no seu espaço territorial e social (Id., p. 50).

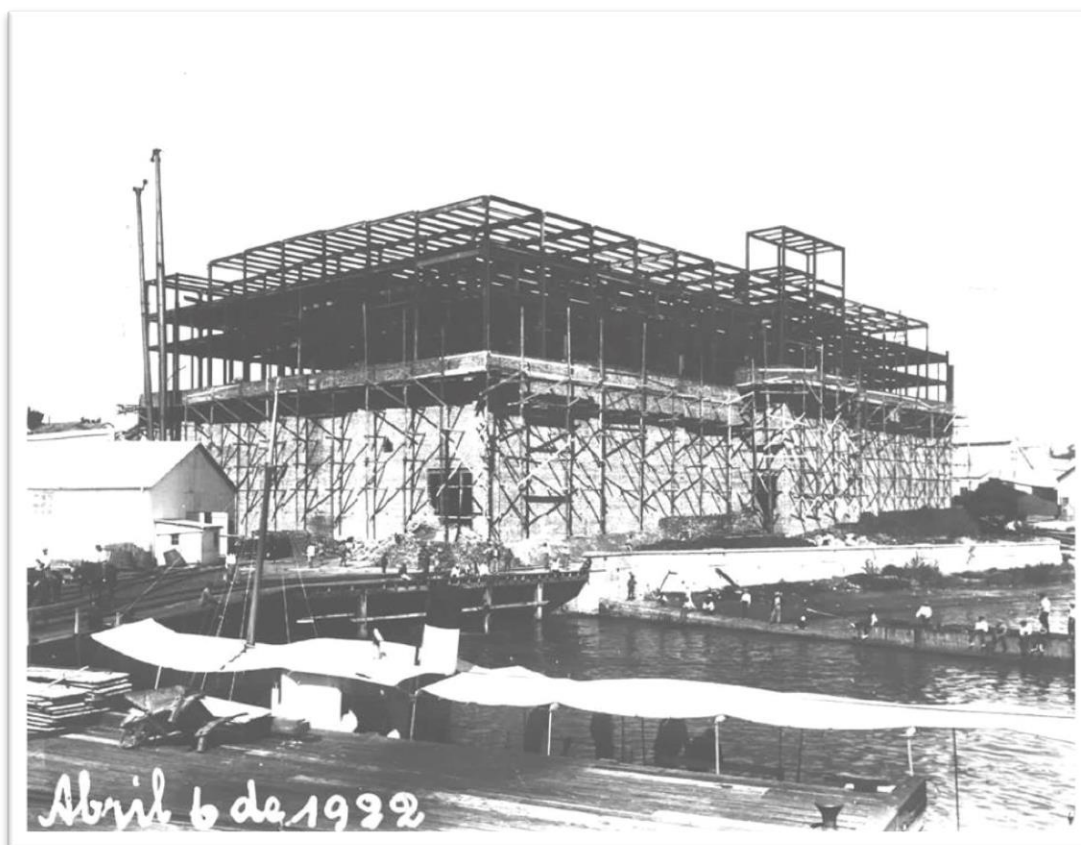
O foco de interesse de frigoríficos estrangeiros na América do Sul surgiu em virtude da criação do extrato de carne por Justus Von Liebig e, no Uruguai em específico, em 1865, quando da instalação da *Liebig's Extract of Meat Company Limited*, a LEMCO, na cidade de Fray Bentos, conforme vimos anteriormente. Outras iniciativas, porém surgiam pelo país, como *La Frigorífica Uruguay*, empresa de uma oligarquia de financistas locais, formada em 1902. O alto valor nominal de suas ações revelava o reduzido grupo de capitalistas que montou o frigorífico. Em 1905 foi criado o *Frigorífico Artigas*, também com recursos uruguaios (PESAVENTO, 1980, p. 48). Segundo a autora, logo se faria sentir a ação do imperialismo americano sobre a Banda Oriental, quando em 1911, a *Swift* adquiriu o *Frigorífico Montevideo*, de iniciativa uruguaia. Em seguida, a companhia anglo-argentina *Sansinena* comprou *La Frigorífica Uruguay* (idem, p. 48).

O fim da Primeira Guerra Mundial significou para a Europa o início de uma crise econômica que repercutiu na LEMCO. Por outro lado, já fazia alguns anos que o mercado consumidor estava preferindo carne fresca e não em conserva. Daí a necessidade de ampliar a indústria, até porque, segundo Douredjian, com o fim da guerra não havia mais necessidade de carne conservada (2009, p. 27).

²⁷ Uma *company town* é um lugar onde praticamente todas as habitações e comércio são de propriedade da empresa que é, também, a principal entidade patronal. A empresa oferece infra-estrutura para permitir que os trabalhadores se mudem para lá para viver. Geralmente são feitas em lugares mais remotos. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Company_town>. Acesso em: 23 jun. 2015.

A ideia da LEMCO era construir um frigorífico modelo, anexo à fábrica de extratos e conservas, instalar novas máquinas e câmaras frigoríficas, uma praça de matança e todos os serviços de higiene indispensáveis e adequados a um estabelecimento de tal natureza (Fig. 45). Porém a crise chegou a partir do ano de 1920 e durou até meados da década. O abatimento na cidade era enorme. Começaram as demissões e a população lamentava a confiança demasiada em apenas uma indústria.

Figura 45 - Construção das câmaras frias da LEMCO, Uruguay



Fonte: Sistema Patrimonial Industrial Anglo, Fray Bentos, Uruguay

Após uma longa trajetória, depois de estar quase terminando obras importantes na ampliação da fábrica desde 1921, a LEMCO anuncia o fechamento no início de 1924. O Centro de Defesa Comercial de Fray Bentos se reuniu em assembleia para trocar ideias sobre o momento em que estava passando a cidade (DOUREDJIAN, 2009, p.28).

O inverno daquele ano trouxe notícias alentadoras. A LEMCO foi arrendada pelo Grupo Vestey Brothers, em 1924, dando início à longa trajetória do Anglo naquele país. Embora não haja nenhuma comprovação definitiva, segundo conversação com o diretor do Museo de la Revolución Industrial, Mauro Delgrosso, existe uma suspeita de que a negociação da LEMCO, que resultou da compra pelo Grupo Vestey Brothers, tenha sido um acordo de pós-guerra entre Alemanha e Inglaterra (informação verbal)²⁸.

No dia 19 de julho de 1924 é anunciado o nome da nova empresa: *Compañía Anglo Sudamericana Vestey*. Os meios de comunicação de Fray Bentos refletem incertezas, expectativas, promessas e otimismo, além de nostalgia.

Para sempre a Liebig's desaparece de Fray Bentos, encerrando um ciclo de seis décadas (DOUREDJIÁN, 2009, p. 29). A primavera de 1924 inaugurava a época do Anglo, que se prolongará por quase meio século. Novos imigrantes vão chegando ao Uruguai.

O Anglo foi a pedra angular da vida econômica e social de Fray Bentos. Foi a indústria que marcou definitivamente a cidade, que a viu nascer, florescer e morrer. A indústria e a cidade viveram uma relação quase simbiótica, caracterizada pelo impressionante volume produtivo que alcançou no seu auge (CAMPODÓNICO, 2000, p.100). Sendo assim, o impacto do frigorífico Anglo no Uruguai sobressaiu-se em relação a sua história na Argentina e no Brasil, exercendo destacada influência sobre a história econômica daquele país (MICHELON, 2010, p. 28).

Quando começou, a planta industrial era capaz de processar 1600 bois, 6400 ovelhas e 4800 capões por dia, empregava 3500 trabalhadores e chegou a elaborar 100 especialidades de conservas (RÍO NEGRO. Gobierno Departamental). A mão de obra do Frigorífico Anglo do Uruguai era essencialmente de imigrantes europeus (búlgaros, poloneses, gregos, iugoslavos, armênios, italianos, tchecoslovacos, húngaros, ingleses, lituanos,

²⁸ Informação fornecido em visita ao Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, por Mauro Delgrosso em 23 set. 2013.

romenos, entre outros). Segundo Douredjian, estes imigrantes agregaram novas matrizes ao já mesclado cosmopolitismo da população do país. Muitos vieram diretamente da Europa e escolheram o Uruguai, ante a impossibilidade de um assentamento satisfatório na Argentina (2009, p. 35). Já Javier Taks, acredita que esses processos migratórios foram a base para a formação da classe trabalhadora de Fray Bentos, sobretudo, da mão de obra do Anglo (1999, p. 211). Também houve muita migração campo-cidade, como consequência das relações capitalistas de produção agropecuária.

De acordo com Campodónico, em linhas gerais, os trabalhadores do frigorífico constituíam uma mão de obra não qualificada ou pouco qualificada. O processo de especialização se dava dentro do próprio frigorífico, através da passagem por diferentes seções (2000, p. 102). Entre muitas razões para isso, se encontra o fato de que um grande número de trabalhadores era formado por menores de idade ao ingressar no frigorífico. Muitos eram descendentes de famílias de imigrantes e estavam vinculados ao trabalho agrícola na região ou em outros departamentos (estados) do interior do país. Na época do auge do frigorífico, a cidade se converteu em um polo de atração para o conjunto da massa de imigrantes chegada ao país naquela que seria a última grande onda migratória, vinculada estreitamente com o estouro da Segunda Guerra Mundial na Europa (id., 103).

Em muitos casos, a origem do trabalhador determinava o local onde ele iria trabalhar. Aqueles vindos de regiões de climas mais inóspitos se consideravam mais resistentes e adaptáveis a condições mais duras de trabalho. Normalmente os búlgaros trabalhavam de camaristas, ou seja, nas próprias câmaras frias. Segundo Delgrosso, houve um tempo em que alguns cortes de carne eram feitos dentro da própria câmara fria (informação verbal)²⁹.

O Anglo era uma verdadeira torre de Babel, onde trabalharam representantes de quarenta e quatro nacionalidades, fora uruguaios e argentinos, que dariam um total de quarenta e seis, segundo Douredjian (2009,

²⁹ Mauro Delgrosso, *Op. cit.*

p. 63), quase setenta etnias diferentes, entre 1924 e 1954, período em que ele fez seu estudo. Para Sosa González,

el Frigorífico Anglo constituyó un asentamiento industrial de escala mundial, abasteció de carne y múltiples derivados de la misma en Europa, Estados Unidos, Oceanía y distintos países asiáticos y africanos, a lo largo de los años comprendidos entre la última década del siglo XIX y 1971, fecha en que cesan los capitales británicos y ingresa - con una muy marginal producción en relación con los años anteriores - el Estado uruguayo, para hacerse cargo de la misma. (2013, p. 50).

O regime de trabalho dentro do frigorífico era caracterizado por alta disciplina pelos proprietários e gerentes de nível médio, ingleses. Os capatazes eram trabalhadores locais.

Em 1927, o Anglo passou a integrar o truste dos “*big four*”, que conseguia preços mais baixos na compra do gado uruguaio, adquirindo, assim, hegemonia no panorama industrial da carne no país porquanto o monopólio abarcava desde a compra do gado até sua venda nos mercados consumidores (MICHELON, 2012, p. 30).

Fray Bentos cresceu e se desenvolveu à sombra do frigorífico. No auge da indústria, nos anos 40 é também a época de crescimento urbano da cidade, quando as ruas são asfaltadas, é instalada água corrente e saneamento. Em consequência, o comércio também se desenvolveu. Para Rey (2007), a capacidade da indústria em gerir a cidade não se limitou apenas aos limites da empresa, bairro operário, áreas recreativas e esportivas. Com ela se desenvolveu uma população que ainda hoje mantém determinados saberes e ofícios, assim como certas festividades e comemorações vinculadas ao período de maior funcionamento do frigorífico, o que reforça o impacto que a indústria teve no dito espaço territorial e social (REY, 2007).

Em 1948, o governo uruguaio passa a oferecer subsídios aos frigoríficos estrangeiros para que eles não parassem de funcionar, sendo os primeiros indícios de uma crise produtiva que se manteve até metade dos anos 50. O pós-guerra e a reestruturação do mercado internacional determinam o fim da indústria frigorífica uruguaia.

Em 1965, a empresa Anglo deu a ordem de “escolher” que planta industrial receberia investimentos em manutenção, sendo escolhida a de Buenos Aires, deixando a planta local jogada à própria sorte (BORETTO, 2014, p. 414). Em dezembro de 1967, após longa e efervescente história, o Frigorífico Anglo do Uruguai anuncia ao Governo sua decisão de deixar o país e oferece a planta de Fray Bentos para venda, negócio que se concretizou formalmente no ano seguinte entre o grupo empresarial e o Estado Uruguaio (MICHELON, 2012, p. 30). O Estado adquire a já obsoleta planta do Anglo, criando o Frigorífico Nacional, Frigonal. Em 1969, o Ministério da Agricultura e Alimentação britânico proibiu a importação de carnes do Uruguai em função da febre aftosa. Com isso o Frigonal suspendeu suas atividades como frigorífico, mantendo-se como matadouro até 1971, quando fechou suas portas definitivamente. Neste período, houveram intensas manifestações dos operários, que buscaram reativar a indústria, em vão. De acordo com Campodónico, em 1979, um grupo de origem árabe tenta reativar a fábrica, também fracassando. Assim chega ao fim a história produtiva da planta frigorífica (2000, p. 101).

4 PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, REGISTROS E MEMÓRIA

4.1 Lugares de trabalho e memória

Ao entrarmos em uma sala de exposição de um museu, ou galeria de arte, sabemos previamente que os objetos que ali estão, são considerados detentores de um valor, seja ele artístico, cultural ou histórico (GOMES, 2013, p. 53). Ocupam um espaço e necessitam de um lugar, que guie o olhar e o interesse. Assim é a memória, que, segundo Ferreira, não existe sem um espaço, espaços do trabalho, lazer... (2002, p. 74). O historiador francês Nora diz que o sentimento de continuidade torna-se residual nos locais e a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a um momento particular da história (1981, p. 7). Os antigos lugares de trabalho, em específico nesse estudo, os extintos frigoríficos, estão impregnados de suportes para lembranças, que vão aparecendo quando ex-trabalhadores se confrontam com estes espaços ou com as fotografias. Continuando com o raciocínio de Nora, “o que faz com que locais de memória existam é porque não há mais meios de memória” (1981, p. 7). Ele ainda nos diz que “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, há tantas memórias quantos grupos existem” (NORA, 1981, p. 9). As vivências nos locais de trabalho, palco de tantos acontecimentos e relações, geram diversas memórias, que se estendem além-muro das fábricas, compreendendo diversos grupos. Nesse sentido, Halbwachs nos diz que “as memórias individuais são pontos de vistas sobre a memória coletiva” (1990). Para ele,

a memória é sempre uma construção coletiva, pois, enquanto seres sociais, mesmo que outras pessoas não estejam fisicamente presentes, nunca estamos sós, e, conseqüentemente, tudo o que recordamos está permeado pelos grupos sociais dos quais fazemos parte e, por isso, nenhuma memória pode existir apartada da sociedade (HALBWACHS, 1990).

Ainda que o conceito de Nora tenha se construído sobre a observação dos monumentos nacionais, incluídos nesses, as datas, festejos e

as celebrações, sua percepção sobre o fenômeno memorial contribui na compreensão de como se dá a conversão do lugar fabril para o patrimônio industrial:

a memória se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cena, censuras ou projeções. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une. (NORA, 1981, p. 9)

Esta união da qual fala Nora, é apreensível nos relatos dos depoentes do Anglo, que deixam elementos para que se apreenda as formas de trabalho dentro dos frigoríficos. A reiteração de alguns aspectos da convivência neste ambiente reforçam o compartilhamento das memórias que presentificam e, não raro, idealizam a indústria do passado. Dito de outra forma, entende-se que, na medida em que o sujeito recorda a partir dos lugares que ocupa nas instituições às quais pertence (neste caso específico o lugar de trabalho), também a memória coletiva sobre essa indústria é construída e rememorada, a partir das lembranças e das trajetórias dos sujeitos que dela fizeram parte (HALBWACHS, 1990). Pode-se dizer que as lembranças não são revividas, senão reconstruídas.

Nesse estudo, a relação entre os depoimentos de ex-operários e outras pessoas que exerceram atividades diversas na fábrica ou estiveram relacionadas a ela por familiares, todos detentores de memórias diretas ou indiretas sobre o lugar, e as fotografias da indústria, indicam a possibilidade de uma rede de informações que se reafirmam ou contradizem mas, em ambos os casos, por concordância ou conflito, esboçam a dimensão de sentidos possíveis nesse cenário de relações humanas. Segundo Candau, “memória e identidade se concentram em lugares, e em ‘lugares privilegiados’, quase sempre com um nome e, que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo” (2012, p. 156). Isso reforça a ideia de Nora, para quem “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (1981, p. 9).

Mesmo que vacilantes, as memórias, aliadas ao uso das fotografias, formam o caminho disponível para que a trajetória dessa indústria possa ser compreendida, uma vez que outros documentos não estão disponíveis. Para Connerton, no entanto, devemos tomar o cuidado de não confundir a *memória social* com uma prática mais específica, a que é preferível chamar atividade de *reconstituição histórica* (1999, p. 22). Para ele o conhecimento de todas as atividades humanas passadas só é possível através do conhecimento dos seus vestígios (id., p. 22). Pierre Nora, por exemplo, afirma que, devido ao processo de aceleração da história, a memória deixou de ser um processo natural e uma prática social e passou a ser considerada como uma imposição exterior, “e nós a interiorizamos como uma obrigação individual [...]” (NORA, 1993, p. 20).

Frente às ameaças do esquecimento e do silenciamento, assim como tantas histórias equivalentes e perdidas, podem vir a ser reconhecidas como protagonistas de uma paisagem urbana que se moldou a sua presença e podem revelar a cidade operária que se mantém na memória dos ex-trabalhadores. Com essa possibilidade, a de encontrar o passado de uma cidade encoberta, a fotografia mostrou-se apta para apreender os vestígios de um ambiente fabril, cuja evidência são tais remanescentes industriais.

Embora bastante descaracterizado, após a ocupação pela UFPel, visto pelo lado externo (Fig. 46), os sinais do passado ainda persistem no Anglo. Pode-se dizer que o antigo frigorífico passou por um processo de arquidermia³⁰. Para Castello, é apropriado lembrar “que são as pessoas e o uso que essas pessoas fazem do ambiente construído, o quê, com o tempo pode conferir o status diferenciado que os lugares urbanos desfrutam nas cidades” (2007, p. 21). A passagem do tempo, associada ao lugar, implica que existem fenômenos associados não só à história como também à memória das cidades. O lugar da memória será representativo tanto do patrimônio construído, comemorando sua importância histórica e arquitetônica, como pelas memórias que as pessoas têm (CASTELLO, 2007, p. 22)

³⁰ Arquidermia: Arquitetura ⇔ Taxidermia, apenas a estrutura externa do prédio é preservada, tendo a estrutura interna totalmente descaracterizada. Termo utilizado pelo professor Julián Sobrino Simal para estes casos de intervenção arquitetônica.

Figura 46 - Prédios do extinto Frigorífico Anglo, após ocupação pela UFPel, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Podemos ter bem clara as noções de memória de Halbwachs, em que tudo que recordamos está permeado pelos grupos sociais dos quais fazemos parte e, por isso, nenhuma memória pode existir apartada da sociedade (2004, p. 11). Exemplo disso foi quando da entrevista com o senhor Paulo Renato da Silva³¹. Foi relatado pela primeira vez e depois em outros depoimentos, um importante evento, que eram os inícios e finais de jornadas de trabalho. Segundo o depoente:

o Anglo tinha aquele apito né, 5h da manhã eles apitavam para a “pegada”, quando eram 16:30h da tarde era o encerramento total da fábrica, as pessoas poderiam estar em qualquer lugar da cidade que ouviam o Anglo e chegava às 16:30h era um mar de gente saindo pelas ruas, todos de branco, tanto saiam pelo lado da Balsa³², quanto subiam ali, naquela época não tinha linha de ônibus, então era bicicleta (informação verbal).

Esta lembrança relatada pelo depoente está presente na memória de diversas pessoas que trabalhavam no Anglo, bem como de outras que apenas ouviam o apito sem ter uma ligação com a indústria. A grande fábrica,

³¹ Entrevista com Paulo Renato Ribeiro da Silva, concedida ao autor em 29 jan. 2015.

³² Bairro da Balsa, criado em torno da indústria, como alternativa de moradia próxima ao trabalho.

cujos portões permaneciam fechados a maior parte do tempo, ritmava com suas rotinas inegociáveis, a vida de milhares de pessoas, direta ou indiretamente. Faz parte da memória coletiva de muitos. Não obstante não ter se encontrado fotografias que respaldassem os relatos dos ex-trabalhadores, é crível a ocorrência, se levada em comparação e como referência as fotografias do Frigorífico Swift de Berisso, Argentina (Fig. 47) e Frigorífico Anglo del Uruguay, em Fray Bentos (Fig. 48), que, entre outras, ilustram o contingente de pessoas que circulavam nesses lugares. A Rua Gomes Carneiro, em Pelotas, era tomada por uma multidão de pessoas, trabalhadores uniformizados que se dirigiam ao portão da fábrica para ocuparem seus lugares nos postos de trabalho. Nos períodos de safra esta multidão aumentava. No Museo de la Revolución Industrial, em Fray Bentos, se encontra um apito, muito provavelmente semelhante ao citado pelo depoente (Fig. 49). Lá também ouvimos que o ritmo da cidade era cadenciado pelo som do apito da fábrica.

Figura 47 - Saída de trabalho do Frigorífico Swift, Berisso, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

Figura 48 - Troca de turno no Frigorífico Anglo de Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Archivo Nacional de la Imagen del Sodore, Montevideo, Uruguay

Figura 49 - Apito a vapor, que marcava os horários da fábrica, Fray Bentos



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Sobre o apito, o senhor Jesus³³ contou que era o escritório central que tocava uma campainha, que avisa na sala de máquinas para soarem o apito. No seu relato ele lembrou que “na virada do ano o Anglo apitava durante meia hora. Era a empresa mais tradicional de Pelotas. Depois foi diminuindo, diminuindo e comigo já apitava só cinco, por causa da economia de vapor” (Informação verbal).

Um aspecto importante na fábrica era a relação dos trabalhadores com os dirigentes ingleses. Em alguns relatos, como o do senhor Paulo³⁴, “alguns não conseguiam se comunicar e usavam intérpretes”, porém outros dirigentes falavam bem o português. Para o depoente, a relação com os ingleses era mais profissional. Eles entendiam de todos os serviços dentro do frigorífico. Para o senhor Silvio³⁵, a organização dos ingleses era boa, e “o pagamento, eles não pagavam mais do que prometiam pagar, mas o que eles acertavam com o senhor era aquilo ali e nada mais” (informação verbal). Ainda sobre os salários, de acordo com o depoente, “se eu trabalhasse quinze minutos, os quinze minutos eles me pagavam, não tinha duvida. Outra coisa se o pagamento caía num domingo eles me pagavam sexta-feira, atrasado, nunca ficava” (informação verbal). Porém, o senhor Silvio comentou que o regime era militar. Para o senhor Antonio³⁶, que trabalhava na manutenção das câmaras frias e lidava diretamente com os ingleses, a relação era muito boa e nunca deixaram faltar nada que ele necessitasse para seu trabalho. O nome lembrado pelo seu Antonio foi o de Mr. Cunnighan. O senhor Jesus³⁷ tinha uma relação muito boa com os ingleses, uma vez que ele trabalhava com a administração do Anglo, tendo, inclusive, comprado a sede da Charqueada Santa Rita para um dos dirigentes na época, Mr. Cunnighan.

³³ Jesus Vieira Rottmann, *Op. cit.*

³⁴ Paulo Renato da Silva, *Op. cit.*

³⁵ Silvio Cavalheiro Paula, *Op. cit.*

³⁶ Antonio Carlos Azambuja, *Op. cit.*

³⁷ Jesus Vieira Rottmann, *Op. cit.*

Soube-se, durante os estudos e relatos, que muitos casamentos aconteceram entre trabalhadores. A senhora Maria Luiza³⁸, conheceu seu marido no frigorífico, o senhor David Griffiths, um inglês que viera da Austrália para administrar o Anglo. Naturalmente que sua relação com os ingleses era das melhores, participando, inclusive em festas oferecidas pelos ingleses.

A importância dos ingleses para a cidade foi grande, tendo, inclusive, os dirigentes do Anglo, fundado o Clube Campestre. Segundo Janke, “para administrarem o frigorífico, que pertencia ao grupo inglês dos irmãos Vestey, vieram residir em Pelotas famílias oriundas da Inglaterra e da Argentina e descendentes de ingleses estabelecidos em São Paulo e Rio de Janeiro” (2011, p.103). Para a autora, “com a chegada desses estrangeiros ingleses e de seus descendentes, Pelotas passou a figurar nos cenários nacional e internacional de esportes com o *golf*” (JANKE, 2011, p. 103). No geral, assim como na cidade uruguaia, os ingleses eram considerados justos, mas austeros e não costumavam falar muito com os operários, como conta o sr. Barão em seu depoimento sobre sua relação com eles:

Os ingleses... era boa, eles não falavam muito com os funcionários, não. Eles..., eles transmitiam ao superior, digamos, ao chefe, né. Eles, dificilmente. Eram poucos, tinha um só que falava comigo. Sabe que a primeira vez que eu ouvi na vida a palavra “cérebro eletrônico”, era do gerente do Anglo, Mr. Kevin. Aí ele me pediu o resultado das matanças, e eu tinha tudo em dia. Quando terminava a safra, eu passava tudo pra Londres, São Paulo, tudo. E eu disse pra ele, eram três matanças, e eu digo: “olha, era o ano tal, tal, tal...” e ele: “Puxa, Barão, você tem cérebro eletrônico”. É... Mr. Kevin, muito bom, muito bom inglês (Informação verbal)³⁹.

As memórias dos ex-operários e a identificação dos setores de trabalho do extinto frigorífico em Pelotas, em estudo comparativo com a unidade fabril de Fray Bentos permite observar o processo de patrimonialização das duas fábricas e o processo de diluição dos referenciais memoriais da unidade brasileira.

³⁸ Maria Luiza Griffiths, *Op. cit.*

³⁹ Adock Mello Barão, *Op. cit.*

4.2 De unidade fabril a patrimônio industrial

A definição de patrimônio, nas palavras iniciais de Françoise Choay, “estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” (2006, p. 11). Para ela, “a expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias” (Id., p. 11). Segundo Prats, o termo patrimônio, partindo de uma raiz comum, adquiriu um caráter polissêmico (1998, p. 63). Não trataremos aqui de outros aspectos senão o patrimônio cultural, que é aquele digno de conservação, independente de seu interesse utilitário. Este conceito também abarca o que conhecemos como patrimônio natural (Id., p. 63). Choay diz que “o culto que se rende hoje ao patrimônio histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação” (2006, p. 12), porque se constitui num elemento revelador, negligenciado, mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra. Além disso, na atualidade a ideia de que fazemos de patrimônio, segundo Ferreira, está muito próxima de outros conceitos, como identidade (2009, p. 22). É um conceito que tem sido constantemente ampliado, além do já tradicional, a patrimonialidade material, se tem pensado a natureza e a diversidade como fatores preponderantes ao seu conteúdo. Para Castriota (2009 apud SILVA, 2010), a ampliação do conceito de patrimônio leva a uma desconstrução e reconstrução dos parâmetros até então utilizados, pois são necessários novos olhares para o entendimento da abrangência. O que confirma, conforme já visto por Ferreira, a necessidade de inclusão de aspectos que envolvam a identidade e identificação de grupos sociais a que pertencem os elementos patrimoniais. Torna-se necessário avaliar como a tradição, os costumes, as mudanças culturais interferem na percepção desses elementos e desenvolvem a memória e a história dos lugares a que pertencem, das comunidades que os delimitam e a sua identidade social (SILVA, 2010).

Para melhor entender o conceito, é necessário que se entenda uma categoria que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, o patrimônio histórico, que em outros tempos seriam os monumentos históricos.

Quando criou-se, na França, em 1837 a primeira Comissão dos Monumentos Históricos, as três grandes categorias de monumentos históricos eram constituídas pelos remanescentes da Antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos (CHOAY, 2006, p. 12). Após a Segunda Guerra Mundial, o número dos bens inventariados decuplicara, mas sua natureza era praticamente a mesma. Para a autora eles provinham, em essência, da arqueologia e da história da arquitetura erudita. Com o passar do tempo, todas as formas da arte de construir, eruditas e populares, urbanas e rurais, todas as categorias de edifícios, públicos e privados, suntuários e utilitários foram anexadas, sob novas denominações: arquitetura *menor*,⁴⁰ arquitetura *vermicular*,⁴¹ arquitetura *industrial* das usinas, das estações, dos alto-fornos, de início reconhecido pelos ingleses (Id., p. 12). Segundo Choay (2006), o patrimônio industrial possui características peculiares que lhe garantem certa particularidade quando destacado em relação ao patrimônio cultural. A natureza e a escala diferenciadas determinam uma maneira única ao se tratar sua definição e também sua identificação e identidade.

Segundo Silva,

as diferentes relações estabelecidas com o tempo e com o espaço determinam as mudanças nas percepções entre as tradições e sua importância para a construção das diversas identidades – individuais e coletivas. Os novos modelos patrimoniais e culturais redefinem essas identidades e levam à identificação de elementos que tendem a contribuir para uma nova relação entre passado-presente-futuro, entre memória-história e entre indivíduo-coletividade (2010).

Nesse sentido há uma maior aproximação de elementos considerados essenciais à memória e à história de lugares e grupos sociais. A redefinição do conceito de patrimônio, com questões ligadas à monumentalidade, à particularidade e à identidade, segundo o entendimento dos grupos envolvidos, direta ou indiretamente, que se consideram responsáveis pela conservação e preservação de determinado patrimônio, mas principalmente por sua identidade e memória, seja coletiva ou individual tem

⁴⁰ Terno proveniente da Itália para designar as construções privadas não monumentais, em geral edificadas sem a cooperação de arquitetos (CHOAY, 2006, p. 12)

⁴¹ Terno inglês para distinguir os edifícios marcadamente locais (Id, p. 12).

aproximado ainda mais os elementos considerados essenciais à memória e identidade. Através desses referenciais é que se abrem as oportunidades de discutir e incluir o patrimônio industrial entre os considerados patrimônios culturais. Essa discussão tem avançado bastante.

Na 17ª sessão da Conferência Geral da Unesco, em Paris, especialistas adotaram a Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural, em 1972 (ARAÚJO, 2002). Foi quando se lançaram os primeiros esforços para a conservação do patrimônio cultural e material frente à constatação das crescentes ameaças de destruição, surgidas não apenas em função das “causas tradicionais”, mas também pelas transformações sociais e econômicas por que passava o mundo. Nesse sentido, a convenção apontava a necessidade e a possibilidade de se preservar “bens do patrimônio cultural e natural que apresenta[va]m um interesse excepcional e, portanto deve[ria]m ser preservados como elementos do patrimônio mundial da humanidade” (IPHAN, 2000, p. 177). Ainda, segundo o IPHAN, a convenção deixou a cargo dos Estados-membros a identificação e delimitação desses diferentes bens (2000). Além disso, caberia aos Estados-membros identificar, proteger, conservar, valorizar e transmitir às futuras gerações o patrimônio cultural e natural, segundo as definições propostas.

Esta mesma convenção, de acordo com Araújo, criaria o Comitê do Patrimônio Mundial e ainda definiria que este publicaria sob o título de “Lista do Patrimônio Mundial”, uma lista de bens do patrimônio cultural e natural, segundo seu valor universal excepcional, que teria suas primeiras inscrições apenas no ano de 1978, assim como a “Lista do Patrimônio Mundial em Perigo”. (2002, p. 31). Curioso foi o fato de que a Convenção fez uma distinção entre os patrimônios cultural e natural, o que resultou em uma oposição entre esses dois conceitos, o que criou uma dificuldade aos conservadores. Assim como a distinção entre patrimônio material e imaterial. Atualmente essas distinções não respondem às exigências contemporâneas da atividade de conservação, assim como as transformações ocorridas na sociedade.

As revisões acontecidas no campo favorecem o estabelecimento de políticas de conservação mais democráticas e abrangentes. Nesse contexto

é que se dá o aparecimento do conceito de paisagem cultural. Na prática, no campo da conservação, essa categoria só é efetivada em 1992. Essa nova abordagem buscava superar a separação entre cultural e o natural. Na 16ª sessão, de 1992, é adotada a categoria de paisagem cultural, visando o reconhecimento das “obras conjugadas do homem e da natureza”. As paisagens culturais se justificam através do reconhecimento da interação entre o ambiente natural e as pessoas. Araújo diz que

nas Orientações de 2008, fica estabelecido que as paisagens culturais são bens que representam as obras conjuntas da natureza e do homem, exemplos de evolução da sociedade e dos assentamentos humanos no tempo, sob a influência das barreiras e oportunidades físicas do ambiente natural e das forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas quanto externas que se impõem entre eles. (2002, p. 33).

Para Edelblutte, a crescente importância atribuída ao patrimônio, negligenciada nos anos de renovação urbana (1950 a 1970), torna evidente que os elementos do passado, além de seu interesse intrínseco, são também elementos essenciais da identidade dos habitantes do lugar e, como tal, não podem ser descartados (2012, p. 112).

Um exemplo bastante atual de se pensar a paisagem cultural é a paisagem industrial de Blaenavon (Fig. 50), no Reino Unido, inscrita na Lista do Patrimônio Mundial de 2000. A área em torno de Blaenavon⁴² constitui uma evidência da importância de Gales do Sul como maior produtor de ferro e carvão do mundo no século XIX (ARAÚJO, 2002, p. 41). Neste lugar, todos os elementos necessários ainda podem ser vistos: carvão e minério de minas, pedreiras, um sistema ferroviário, fornos, casas dos trabalhadores e infraestrutura da sua comunidade. Em virtude de sua estrutura econômica e social, em sua forma material, Blaenavon justifica sua inscrição no critério paisagem cultural associativa⁴³.

⁴² Cidade do condado de Torfaen, ao sudeste do País de Gales, possui cerca de 6.300 habitantes e foi incluída na Lista da Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade em 2000 pela sua paisagem industrial. Fonte nTurismo. Disponível em: <<http://nturismo.com/paisagem-industrial-de-blaenavon/>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

Figura 50 - Paisagem industrial de Blaenavon



Fonte: <http://nturismo.com>

Segundo Braghirolli,

o conceito de paisagem industrial, a partir da justaposição de paisagem cultural com patrimônio industrial foi apresentada por Bergeron, que além dos componentes materiais e culturais, incluem as relações entre meio ambiente, território e espaço psíquico (2014, p. 40).

Este conceito é totalmente compatível com o que diz Sobrino, para quem a paisagem e arquitetura industrial devem conformar uma unidade, uma vez que a indústria é um reflexo do uso que a sociedade faz do meio ambiente e como estratégia de gestão enfatiza a necessidade de “pensar o patrimônio industrial desde o território” (2008, p. 170).

⁴³ Paisagens culturais associativas são aquelas em que associações religiosas, artísticas e culturais com os elementos naturais, são mais importantes até do que evidências culturais materiais, que podem ser insignificantes ou até mesmo inexistentes. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>. Acesso em 23 fev. 2016.

É consenso entre os pesquisadores que trabalham com o tema que a discussão sobre a importância e a preservação do patrimônio industrial, teve início nos anos 1950 na Inglaterra. O interesse pelo assunto se deve a destruição de fábricas durante a Segunda Guerra Mundial e a degradação de áreas industriais e bairros operários. Nesta época foi construída a expressão *arqueologia industrial* e ampliado o campo de atuação dos arqueólogos na preservação. Na década de 1960, o patrimônio industrial ganhou maior atenção, quando, na Europa, houve profundas transformações no sistema de produção. A França criou uma seção, em 1986, pela Comissão Superior dos Monumentos Históricos, de *patrimônio industrial*, que não se limita apenas a edifícios individuais, mas até cidades inteiras. Conjuntos industriais e vilas operárias das primeiras décadas do século XX tem sido alvo de interesse e reconhecimento pelas tipologias urbanas e arquitetônicas até então não consagradas, isso graças à ampliação do conceito de patrimônio (CHOAY, 2006, p. 13). Geralmente, quando pensamos em patrimônio industrial, nos vêm à cabeça prédios vetustos, máquinas ultrapassadas sem valor comercial e relíquias materiais arquitetônicas, algumas com valor artístico da época (SILVA, [20__?], p. 1). Mas mais do que isso, “é a descoberta, registro e estudo dos resíduos físicos de indústrias e meios de comunicação do passado”, segundo Hudson (1976 apud KÜHL, 2010, p. 25). Os objetos industriais, os prédios e também os lugares e as paisagens entram nessa definição de patrimônio na condição de que se reconheça um interesse particular para a sociedade, o que, segundo Edelblutte, é verificado há pouco no caso da indústria (2012, p. 112).

No Brasil, o período anterior a Primeira Guerra Mundial, corresponde à época de implantação destes conjuntos, quando inovações tecnológicas, tipológicas e de programa, definiram o panorama da arquitetura do século XX e a morfologia de nossas cidades. Embora as instalações fabris não serem, na época, consideradas obra de arquitetura, foram o laboratório de ensaio para novas tecnologias construtivas, utilizando materiais modernos como o vidro, o ferro e o concreto armado. Eram vistas como estruturas frias e inertes objetos de trabalho. Mais importante é a oportunidade de estabelecer a conexão entre o tipo de industrialização de um período histórico com o modo

de vida da classe trabalhadora relacionada a ela. Silva ainda diz que “um aspecto pouco considerado do patrimônio industrial é que ele é um campo de investigação vivo, e não passadista ou morto” (Id., p. 1). Isso em virtude de não limitar-se apenas ao conjunto de bens arquitetônicos ou sítios cheios de objetos, mas como se detém em máquinas, equipamentos, instalações e imóveis onde se processou a produção industrial, o patrimônio industrial é também o patrimônio técnico de uma sociedade e de uma comunidade. E o importante é que esse processo está sempre em transformação, permitindo, dessa forma, a elucidação da transmissão de um saber técnico. O que vem confirmar o que diz Ângelo Braghirolli: “o legado da indústria é fundamental para explicar a dinâmica da produção material e para entender as relações sociais que esta produção gera” (2014, p. 34). Atualmente, o conceito de patrimônio cultural, construído pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de certa maneira privilegia o patrimônio industrial, pois a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 2003, apresenta uma preocupação com o conhecimento transmitido de geração à geração, promovido pelos diversos grupos sociais, que promovem “a interação entre ambiente, natureza e história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana” (UNESCO, 2003). Mesmo assim, o reconhecimento e concessão de valor patrimonial aos prédios industriais no Brasil, é muito recente. Enfim, a conservação do patrimônio industrial entra perfeitamente no quadro do desenvolvimento sustentável, pois a recuperação de antigos prédios, ou antigos terrenos industriais, permite não estender a cidade às custas da agricultura e reduz os custos ligados a uma periurbanização sempre mais afastada dos centros (EDELBLUTTE, 2012, p.115).

Nos últimos anos, as legislações têm se harmonizado com uma nova visão do patrimônio, sendo que, em muitos casos a cidade inteira é considerada e tratada como patrimônio industrial, como já vimos no texto de Choay, e, especificamente no caso desse estudo, Fray Bentos, no Uruguai, cuja paisagem industrial foi recentemente declarada como Patrimônio Cultural da Humanidade. Bairros operários, distritos industriais, vêm sendo objetos de

qualificação ambiental e urbana. Quando uma indústria encerra suas atividades, os restos do que foi um lugar de trabalho, objetos, maquinários, prédios, documentos, são vestígios e testemunhos de processos produtivos, que, com o passar do tempo se tornam obsoletos. Se enquadram, também as unidades de produção de energia, a sistematização dos meios de transporte e todo o complexo de elementos relacionados à fábrica e não apenas o local de produção em si (KÜHL, 2010, p. 26). Incluem-se aí, os locais de sociabilidade. Os métodos tradicionais do trabalho foram sendo substituídos pelo desenvolvimento de tecnologias mais avançadas. Em um sentido mais amplo, Ferreira (2009, p.22) diz que “a noção de patrimônio industrial nos remete a ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória”. Seguindo seu raciocínio, os lugares de memória se instauram quando já não há mais o referente. O antropólogo francês Joël Candau, no entanto, diz que a memória e a identidade se concentram em lugares e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo (2012, p.156). Citando Pierre Nora, diz que a razão fundamental de ser um lugar de memória “é a de deter o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte” (Idem, p.157). Segundo Ferreira, a patrimonialização dos espaços industriais,

confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento (2009, p. 22).

Ainda que a sensibilidade em torno do patrimônio industrial seja cada vez maior, para Braghirolli, a legislação específica é precária (2014, p. 36). Não existem normas específicas para a preservação do patrimônio arquitetônico industrial, o que leva a recorrer a normativas gerais sem obter resultados positivos. Para o autor, além das pressões do mercado imobiliário por esses espaços, um assunto que também preocupa é o manejo desses espaços (Id. p. 36). A criação do TICCIH⁴⁴ e a realização sistemática de

⁴⁴ The Internacional Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial).

congressos a partir de 1973 fomentou a consolidação do tema do patrimônio industrial como um campo específico e interdisciplinar dentro da conservação e gestão cultural, em consequência da ampliação do conceito de patrimônio, em termos cronológicos, temáticos e geográficos. É importante destacar a importância dos países ibero-americanos no tema, na realização de eventos periódicos e regionais do TICCIIH e a publicação da memória desses eventos.

Em 2003, o comitê se reuniu na cidade de Nizhny Tagil (Rússia), e firmou um documento chamado *Carta sobre o patrimônio industrial*, mais conhecido por *Carta de Nizhny Tagil*, que consolida uma definição e propõe os parâmetros cronológicos, temáticos e tipológicos para a identificação e valorização. Nela encontramos a seguinte definição:

El patrimonio industrial se compone de los restos de la cultura industrial que poseen un valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico o científico. Estos restos consisten en edificios y maquinaria, talleres, molinos y fábrica, minas y sitios para procesar y refinar, almacenes y depósitos, lugares donde se genera, se transmite y se usa energía, medios de transporte y toda su infraestructura, así como los sitios donde se desarrollan las actividades sociales relacionadas con la industria tales como la vivienda, el culto religioso o la educación. (CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE EL PATRIMONIO INDUSTRIAL, 2003)⁴⁵

Sobrino tem uma definição satisfatória sobre o tema. Para ele

el patrimonio industrial está constituido por los bienes muebles e inmuebles generados, en el transcurso histórico, por las actividades extractivas y productoras del hombre. Estos bienes patrimoniales se insertan en un paisaje o entorno determinado, que también ha de ser objeto de protección debido a que la industria es una consecuencia directa del uso que la sociedad hace del patrimonio natural (1997).

Os extintos frigoríficos estudados são representativos de modelos produtivos e tecnológicos superados, que se tornaram lugares para a memória e que buscam sua valorização patrimonial, representantes de um patrimônio industrial. As intervenções feitas sobre estes antigos lugares de trabalho não poderiam fazer desaparecer suas funções originais. Em parte, não foi o que aconteceu. Segundo Sobrino, falando sobre a Andaluzia, o passado industrial tem ficado unicamente na lembrança devido a reestruturações da indústria.

⁴⁵ A Carta Patrimonial de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial teve seu texto aprovado em 17 de julho de 2003, na Rússia, durante a Conferência do TICCIIH.

Para ele, os processos produtivos precisam se reorientar para novas atividades cada vez mais terceirizadas, as quais têm mudado a estrutura econômica tradicional, de modo que hoje seus habitantes já não percebem o valor do testemunho histórico ligados à indústria do passado (2005, p. 168).

4.3 Passado e presente em Fray Bentos e Pelotas

Após o período de surgimento, com a salga da carne, tanto na planta de Pelotas, quanto na de Fray Bentos, a industrialização, desde o extrato de carne, o *corned beef* e a frigorificação, ambas as indústrias viveram seu auge seguindo o mesmo caminho com atividades bastante semelhantes, até porque pertenciam à mesma empresa. Aliás, as indústrias frigoríficas neste período traçavam caminhos muito similares em toda América do Sul. Após longo período produtivo, encerraram suas atividades. Viveram um período de abandono, depois veio o reconhecimento e por último a requalificação dos espaços fabris, com novos usos. É a partir daí que se verifica a brutal diferença entre Pelotas (Fig. 51) e Fray Bentos (Fig. 52).

Figura 51 - Situação atual do Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 52 - Situação atual do Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Em Pelotas, a cidade já estava bastante desenvolvida quando o grupo Vestey Brothers adquiriu o Frigorífico Rio Grande, em 1921. Embora tenha sido uma grande indústria, talvez a maior da cidade, não teve o mesmo impacto e hegemonia que teve o Anglo em Fray Bentos. Nesta cidade, o grupo Vestey Brothers adquiriu a LEMCO em 1924, portanto depois de Pelotas, mas seu funcionamento foi imediato e só cessou definitivamente em 1967. Neste período, cidade e indústria viveram uma relação de quase simbiose. Na cidade gaúcha, logo depois de comprado, o frigorífico foi fechado, sendo aberto somente na década de 1940. Nesta época já não era usual as indústrias criarem vilas operárias, embora, segundo estudo de Ferreira sobre a indústria Rheingantz, na cidade de Rio Grande, foram construídas casas para os operários até a década de 1950 (2009, p. 201). Diferentemente, quando o Anglo se instalou em Fray Bentos, criou um bairro com toda a infraestrutura necessária aos operários. Em Pelotas os trabalhadores construíram suas casas ao redor do frigorífico, de forma espontânea, sem um planejamento por parte da empresa.

Na figura 51, vemos o prédio que sediava a produção de conservas no seu estado atual desde a aquisição de parte da indústria pela

Fundação Simon Bolívar, que comprou da Casarin Empreendimentos e doou parte da indústria para a UFPel. Na figura seguinte (52), em Fray Bentos, observa-se que o conjunto de prédios se encontra totalmente preservado, sem alterações que o descaracterizem.

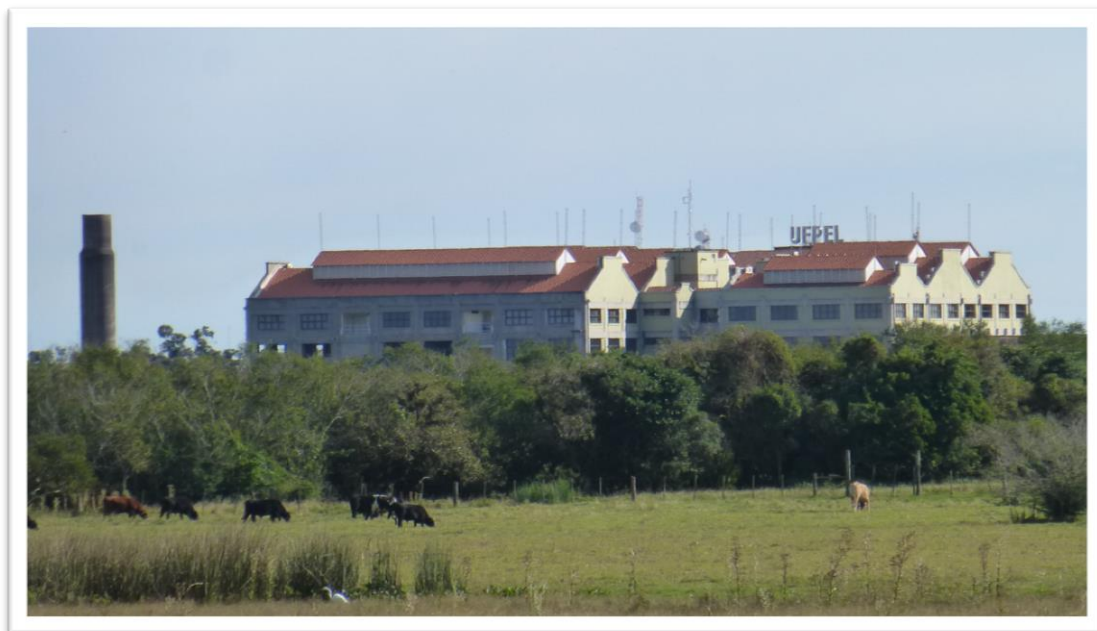
Percebe-se nas duas fotografias, que no caso de Pelotas houve uma mutilação na estrutura arquitetônica, enquanto em Fray Bentos, pode-se verificar que o prédio se encontra íntegro, embora bastante impactado pelo passar dos anos. Os componentes arquitetônicos e tecnológicos são testemunhos suficientes da atividade industrial. Para Silva, o patrimônio arquitetônico é o componente concreto da memória coletiva e sua preservação propicia uma forma de coesão social, tornando-se um referencial identitário estimulador da participação da sociedade (2012, p. 19). Com isso temos noção da importância de preservação e conservação destes componentes.

Com o fim das atividades industriais do Frigorífico Anglo de Pelotas e seu posterior esvaziamento, quase nada restou dos vestígios e testemunhos dos processos produtivos desta grande empresa. Os prédios, abandonados por longos anos, sofreram as agruras do tempo, até a ocupação pela Universidade Federal de Pelotas, entre 2005 e 2006. Parte dos prédios foi destruída de forma irrecuperável. A intervenção interna dos antigos edifícios de abate, do processamento da carne e das câmaras frias foi tão drástica que não fosse o esforço de um grupo de pesquisadores em criar um memorial no que antes fora uma câmara fria, hoje não haveria vestígios das funções originais do prédio. Na ocasião, o complexo já estava protegido e constava no Plano Diretor da Cidade de Pelotas, bem como estava listado no inventário do Patrimônio Cultural com proteção nível 2. Apesar da proteção, as obras para adaptação das instalações em salas de aula, laboratórios, biblioteca e demais dependências acadêmicas e administrativas alteraram significativamente a aparência das edificações.

No entanto, no lado de fora a imponência dos grandes edifícios evocam memórias (Fig. 53), mesmo que também aí as agressões tenham sido grandes, como a supressão do frontão do prédio onde se enlatavam as conservas e onde se podia ler o nome Anglo em letras vermelhas (Fig. 54).

Outros vestígios da indústria também foram perdidos, como os currais e a rampa que levava à sala do abate (Fig. 55), como se pode ver ainda intacta na fotografia aérea de Gustavo Vara, antes de o prédio ser adquirido pela UFPel (Fig. 56).

Figura 53 - Prédios do extinto Frigorífico Anglo, após ocupação pela UFPel, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 54 - Frontão do Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS



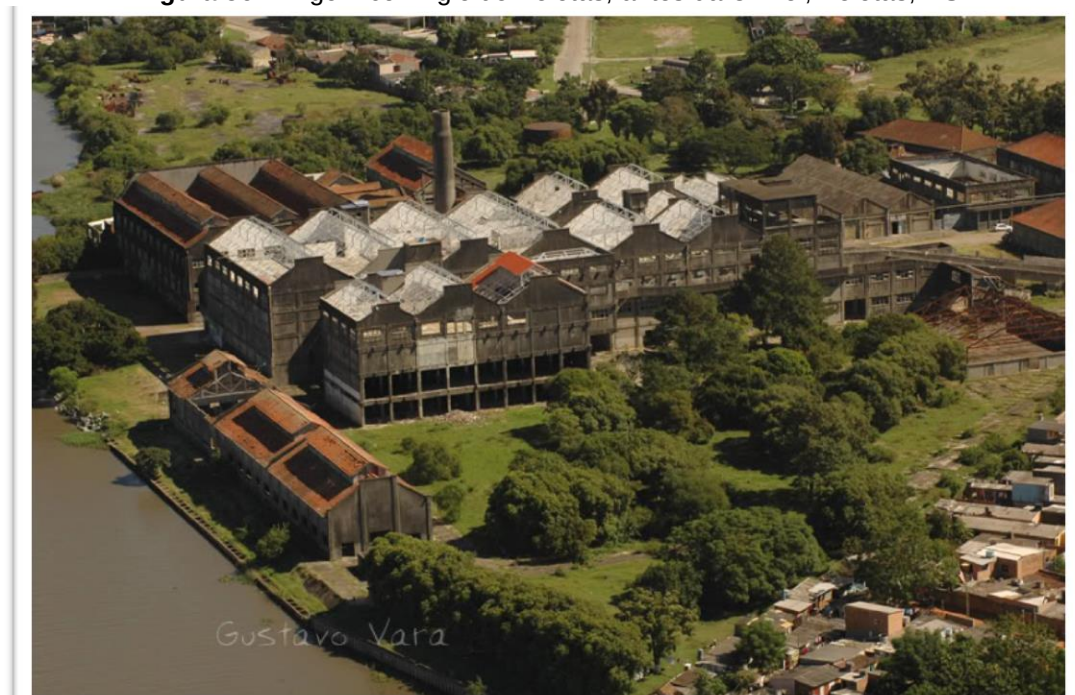
Fonte: Fotografia de Francisca Ferreira Michelin, 1997, acervo da fotógrafa

Figura 55 – Desmanche da rampa de acesso, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2008, acervo do autor

Figura 56 - Frigorífico Anglo de Pelotas, antes da UFPel, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Gustavo Vara, acervo do fotógrafo

Quanto ao frontão com o nome Anglo, o senhor Antônio Azambuja⁴⁶ relatou a dificuldade que teve para fazer a pintura, em janeiro de 1973, sob forte sol, pendurado apenas por cordas na parte posterior do prédio, uma vez que era impossível colocar andaimes por cima dos telhados abaixo, devido ao perigo das telhas quebrarem.

No seu relato, ele conta em detalhes:

Ah, aquilo ali foi o seguinte: eles chamaram outra pessoa que agora de momento não me recordo (mas eles chamaram outra pessoa) pra fazer o letreiro e esse rapaz, ele me procurou e disse: “olha não me sinto com coragem de fazer aquilo lá”. Aquilo é muito alto (tinha mais de 20 metros de altura). E pra fazer aquele letreiro tinha que fazer um andaime pendurado de cima para baixo e ele não teve coragem de fazer. Chegou lá e “tremeu”, se assustou. Ele me disse (foi franco né?!): “olha, eu tremi”, porque o paredão lá, dá para caminhar, é uma calçada. Então eu fui lá pra olhar (disse, não, isso dá pra fazer) e ele falou então, “eu quero que tu faças pra mim, tu trata ai com eles por que eu não posso fazer, não tenho coragem de fazer”. Eu disse: “então tá, tudo bem, eu faço então (e fiz)!” (Informação verbal).

Segundo o depoente, senhor Antônio, durante a execução do trabalho, “os gringos ficaram me olhando, fotografando e tudo mais”. Infelizmente ele não possui este registro fotográfico. Antes de ser demolido,

⁴⁶ Antônio Carlos Azambuja, *Op. cit.*.

logo após a aquisição, a Universidade Federal de Pelotas substituiu o nome Anglo por UFPel, como pode-se ver na figura 57, fotografia feita pelo senhor Jesus Rottmann.

Em Fray Bentos, no entanto, os remanescentes do antigo frigorífico continuam marcando a paisagem com imponência. Embora danificados pela ação do tempo, os prédios continuam guardando as mesmas características de quando a indústria deixou de operar em 1967. O frontão no imponente prédio das câmaras frias se mostra um pouco desgastado pelo tempo, as letras um tanto esmaecidas, mas preservado na sua integridade (Fig. 58). Dentro dos edifícios, ainda se encontram máquinas, mobiliário, documentos, fotografias, enfim, todo um suporte para a memória. Antes de encerrar definitivamente, operou como Frigorífico Nacional até 1971, quando então cessaram as atividades industriais. Segundo Campodónico, em 1979, ainda houve uma tentativa de reativação da indústria por parte de uma empresa árabe, que acabou fracassando. Assim foi o fim da história produtiva da planta frigorífica (2000, p. 101). Deste momento em diante, começa um processo de patrimonialização do lugar.

Na fotografia seguinte (Fig. 57), observa-se o frontão modificado, mas ainda inteiro.

Figura 57 - Frontão modificado, com o nome UFPel, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Jesus Rottmann. Acervo do fotógrafo

Figura 58 - Frigorífico Anglo del Uruguay, prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Após o longo período produtivo e dado à importância que o Anglo teve para a cidade e, mesmo para o país, o Estado uruguaio achou por

necessidade preservar sua memória. Então, no ano de 1987, o complexo fabril e o Bairro Anglo são declarados como Monumento Histórico Nacional, nível máximo de proteção no Uruguai. Em 2005 é criado o Museo de la Revolución Industrial (Fig. 59). Logo após houve a ampliação da área que fora tombada em 1987 e o todo passa a se chamar Sistema Patrimonial Industrial Anglo. É criada uma comissão de gestão, integrada pela Intendencia Departamental de Río Negro, a Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación CPCN-MEC e a Dirección Nacional de Ordenamiento Territorial. Em 27 de janeiro 2010, é incluído na lista da UNESCO para ser declarado como Patrimônio Cultural da Humanidade com o nome **Paisaje Cultural Industrial Fray Bentos**. O complexo foi classificado como Projeto Piloto em 2011, integrando outras dez iniciativas nesta categoria no mundo todo. Em junho de 2014 foi apresentado um dossiê à UNESCO, que solicitou algumas adequações. O reconhecimento, enfim chegou no dia 5 de julho de 2015, quando na 39ª sessão do Comitê de Patrimônio Mundial da entidade internacional, reunido na cidade de Bonn, Alemanha, declarou o Frigorífico Anglo del Uruguay e sua paisagem industrial como Patrimônio Cultural da Humanidade. Este acontecimento pode servir como um incentivo para que Pelotas possa refletir a respeito da patrimonialização do Anglo, vinculado às memórias locais.

Figura 59 - Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Símbolo solitário de um tempo passado e imagem bastante emblemática na paisagem industrial a chaminé representa um período em que se usavam caldeiras à lenha, e que acabaram ficando obsoletas com a introdução do óleo. Para Ferreira, “a grande chaminé foi se transformando, de símbolo de trabalho e produção, para vestígios de antigas fábricas” (2009, p. 23). Sinaliza o trabalho e produção nas indústrias obsoletas e sua imagem faz parte da memória de muitas pessoas. Nas fotografias 60 e 61 pode-se observar a diferença nos sítios estudados. Enquanto no de Pelotas o entorno da chaminé está esvaziado, em Fray Bentos a integridade da estrutura é visível. Em entrevista com o senhor Sílvio Cavalheiro Paula, quando defrontado com algumas fotografias, ele informou que

aqui ficava a estamparia, faziam as tampas das latas e aqui ultimamente ficava a elétrica, nessa parte mais baixa. Essa aqui é a chaminé da caldeira à lenha que está só a metade já. Eu ouvi falar que ela tinha em torno de 65 metros de altura. Ela tinha uma aba lá em cima e começou a se decompor. Começaram a cair pedaços e começou a quebrar as telhas. Depois veio uma firma de Porto Alegre e fez um andaime perto das caldeiras a lenha pra cortar ela, (agora acho que está a metade de isso aí) e aqui eram as caldeiras (informação verbal)⁴⁷.

Ele não soube precisar a data em que esta operação foi realizada, mas disse que foi aproximadamente no ano de 1970. A estrutura oferecia perigo aos prédios vizinhos e por isso precisou ser reduzida. Não se teve nenhum outro testemunho sobre a real altura da chaminé. Segundo o senhor Jesus Rottmann⁴⁸, a mesma foi construída por ingleses. Em seu relato ele disse que “se entristecia com a destruição da chaminé, que era um símbolo para Pelotas e podia ser vista de longe” (informação verbal). Alguns dias após a entrevista, ele nos enviou uma fotografia onde a chaminé aparece entre os prédios, no período em que o frigorífico já estava desativado (Fig. 62).

⁴⁷ Sílvio Cavalheiro Paula, *Op. cit.*

⁴⁸ Jesus Vieira Rottmann, *Op. cit.*

Figura 60 - Chaminé em Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 61 - Chaminé em Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 62 - O entorno da chaminé, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Jesus Rottmann. Acervo do fotógrafo

Em Fray Bentos, a altura da chaminé, que continua sem alterações, é de 46 metros, de acordo com Mauro Delgrosso⁴⁹, diretor do Museo de la Revolución Industrial (informação verbal).

O vazio em torno da unidade de Pelotas foi ocasionado pela destruição dos prédios das caldeiras e parte do prédio das conservas para a implantação de um shopping center no local, investimento esse que nunca se concretizou. Na fotografia 63, feita em 2010 é possível se visualizar a solidão da estrutura em meio ao entorno vazio.

Figura 63 - O vazio no entorno da chaminé, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2010. Acervo do autor

Fica bem claro a ideia que se tem destas extintas plantas industriais como lugares para memória, pois já houve o esvaziamento de suas funções originais. Para Ferreira,

esses testemunhos de tecnologias e formas produtivas já superadas foram sendo inscritos no que se define como herança, logo necessário se faz sua salvaguarda, conservação e definição de formas de permanência daquilo que se transformou em patrimônio industrial (200?, p. 3).

⁴⁹ Mauro Delgrosso, *Op. cit.*

Como já foi dito anteriormente, se torna necessário que as intervenções feitas nestes lugares não façam desaparecer suas funções originais, mantendo ao máximo possível suas características para que se mantenham fiéis ao papel que exerceram na paisagem cultural local. Sobrino destaca que estes territórios são frágeis e ameaçados por problemas de degradação do meio natural e submetidos a pressões do mercado capazes de desvirtuar seus legados históricos (2004, p. 168).

Aliás, o conceito de paisagem industrial, se forma a partir da justaposição de paisagem cultural e patrimônio industrial, apresentado como um termo que, fora os componentes materiais e culturais, incluem as relações entre meio ambiente, território e espaço psíquico. De acordo com Sobrino, paisagem e arquitetura industrial devem conformar uma unidade, posto que a indústria é um reflexo do uso que a sociedade faz do meio ambiente e como estratégia de gestão enfatiza a necessidade de "pensar o patrimônio industrial desde o território". (2005). O potencial de recursos de patrimônio industrial é um dos meios que mais estão contribuindo para a dinamização da região do Porto em Pelotas. Em uma breve passagem pela região é fácil de observar a quantidade de edificações fabris, muitas delas abandonadas e depredadas. Graças a investimentos da Universidade Federal de Pelotas, alguns prédios que antes sediavam indústrias, estão sendo convertidos em unidades acadêmicas da instituição, preservando, dessa forma, o patrimônio industrial. Porém, no processo de reciclagem, em alguns casos, a intervenção é muito profunda, alterando as características originais dos prédios, como aconteceu com o Anglo.

As relações estabelecidas entre o patrimônio industrial e a paisagem cultural a partir das diversas relações entre a vida social e econômica das localidades estudadas foram determinantes na formação da identidade, memória e cultura e suas consequências na atualidade, porém, em Pelotas não houve um elemento catalisador capaz de ativar o patrimônio. Embora não haja fotografias do período produtivo do frigorífico, as fotografias recentes podem auxiliar nessa ativação. Segundo José Luís García, citado por Prats, diferentemente do patrimônio biológico, o patrimônio cultural não se necessita para viver, mas se usa e nesse processo se transforma. Há sistemas

e elementos que se inovam total ou parcialmente, outros que caem em desuso ou adquirem novas funções e significados (PRATS, 1998, p. 75). Dessa forma, a cultura, as culturas, a diversidade cultural são mutáveis e isto é inevitável, não se pode obrigar a ninguém a viver como seus antepassados em nome da conservação do patrimônio (Id., p. 75). Talvez isso explique o motivo pelo qual não houve um interesse da população e, mesmo o poder público, em legitimar o Anglo como um patrimônio a ser preservado, embora haja ainda um grande contingente de ex-trabalhadores vivendo ao redor da antiga indústria. Ainda, segundo o autor, sendo a sociedade e a cultura mutantes (ideias, valores, inclusive os gostos), e, portanto, os conteúdos identitários também. Ajustar-se à realidade, implica a necessidade de transformação do discurso: eliminar ou mudar tal elemento, introduzir outros novos... (PRATS, 1998, p. 74). A ajuda de especialistas em diversas disciplinas, com o intuito de gerar novos conhecimentos que permitam ativar novos referentes e conferir novos significados ao conjunto pode despertar o interesse dos envolvidos com fins de reorientar a definição da identidade. O autor se refere às ativações turístico-patrimoniais, que, segundo ele, não podem permitir um distanciamento da realidade social para que não haja conflitos de identidade (PRATS, 1998, p. 75). Daí a importância da ciência em formalizar novos conhecimentos e propor novas interpretações e significados e estabelecer novos repertórios patrimoniais. Dominique Poulot afirma que a história do patrimônio é a história da “construção do sentido de identidade” e, mais particularmente, aquela dos “imaginários de autenticidade”, que inspiram políticas patrimoniais (CANDAU, 2012, p. 159). Quando da visita à Universidade Federal de Pelotas, para uma série de palestras, em 2014, o professor Joël Candau, sustentou a ideia de que tudo seja patrimonializável, porém alguns objetos são mais “fáceis” de serem patrimonializados. O autor chamou esse conceito de *affordance* patrimonial para designar lugares cuja patrimonialização não é tão óbvia. Seguindo seu raciocínio, lugares onde houveram sofrimentos, como hospitais, leprosários, presídios e, nesse caso, incluímos o frigorífico, seriam “menos elegíveis”.

A destruição do patrimônio arquitetônico impossibilita que gerações vindouras disfrutem dos bens culturais que deveriam estar sob a tutela da geração atual. Para Rojas, muitas vezes a destruição leva a

eliminação absoluta do uso. Em alguns casos, o tempo é implacável, uma vez que atua no material, degradando-o, levando a obsolescência (2015, p. 30). No mesmo artigo, a autora menciona que a melhor forma de preservar um edifício é encontrar um uso para o mesmo (ROJAS, 2015, p.31).

Como visto nesse estudo, em que o caso de Fray Bentos serve como um espelho para Pelotas, a cidade brasileira já tinha uma longa história industrial, econômica e socialmente bastante desenvolvida quando da instalação do Anglo. Quando do seu fechamento no início da década de 1990, o impacto foi muito menor do que na cidade uruguaia. Nas duas unidades, os ex-trabalhadores tentaram, sem sucesso, reativar a indústria, porém sem sucesso. Naturalmente, Pelotas teve mais opções para absorver parte da mão de obra desempregada. Podemos supor que, em parte, isso tenha contribuído para a não ativação patrimonial, como aconteceu no país vizinho,

4.4 Câmara fria, o coração da indústria

Quando a Universidade Federal de Pelotas passou a ocupar as dependências do extinto Frigorífico Anglo, o propósito, naturalmente não foi o de salvaguardar o complexo industrial desativado. Contrariando os estudiosos de patrimônio industrial, que dizem que as intervenções feitas nestes lugares não devem fazer desaparecer suas funções originais, não foi o que aconteceu com o complexo fabril. Silenciar a memória, no caso específico desta indústria, não é um processo tão árduo, mesmo com uma comunidade grande de ex-operários no entorno (MICHELON et al., 2013).

Entre os tantos setores da indústria que foram duramente descaracterizados, as câmaras frias merecem especial atenção, pois era um setor capaz de especificar e reger todas as etapas produtivas do processamento da carne. São esses elementos que caracterizam a indústria frigorífica e justamente um dos que mais sofreram alterações com a ocupação pela UFPel. Para melhor entender como eram e funcionavam as câmaras frias,

fomos procurar subsídios em Fray Bentos e nos depoimentos dos ex-trabalhadores.

No livro *“El despertar de un colosso” ...um nuevo ciclo de vida para las cámaras frías del Anglo...*, os autores, os arquitetos Ricardo Cordero Piazza e Mauro Delgrosso, descrevem em detalhes o funcionamento deste setor que era o coração do frigorífico. As câmaras frias de ambos complexos fabris estudados guardam bastantes semelhanças. Seus prédios, de largas paredes utilizavam o sistema desenvolvido por Sir John Leslie, de absorção, que utilizava ácido sulfúrico como absorvente e água como refrigerante. Após, em 1859, Ferdinand Carre, cria a primeira máquina de absorção, que utiliza a dupla amoníaco-água. Os equipamentos que utilizam o ciclo de absorção tiveram um uso generalizado na preservação de alimentos, processos industriais e armazenamento a frio.

Os dois pares de refrigerantes mais utilizados são o amoníaco-água e a combinação de água com brometo de lítio. Podem operar a temperaturas mais baixas que o ponto de congelamento da água, sobretudo os de amoníaco-água. O amoníaco é um gás cujo ponto de ebulição é a -33°C e de congelamento é a $-77,7^{\circ}\text{C}$, sendo mais leve que o ar.

As paredes formavam um sanduíche de uma camada de alvenaria de tijolos e concreto, uma de cortiça de aproximadamente 10 centímetros, outra de cortiça e mais uma de alvenaria (Fig. 64). A cortiça utilizada é originada da casca do sobreiro, uma árvore encontrada principalmente em Portugal e Espanha. As paredes, quando isoladas com aglomerado de cortiça apresentam uma resistência térmica muito superior que de paredes comuns apenas com tijolos.

Figura 64 - Parede de uma câmara fria, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Este sistema é baseado na capacidade de um elemento absorver temperatura a custa de outro, ou seja, o amoníaco absorve a temperatura perdida do calor do entorno. O sistema funciona assim: compressores injetam amoníaco líquido em alta pressão, fazendo circular por quilômetros de canos de ferro de duas polegadas que formam o evaporador do sistema frigorífico, formando uma série de serpentinas, instaladas nas câmaras, nas paredes e tetos. Nesta circulação, o amoníaco passa rapidamente ao estado gasoso, elevando sua temperatura e absorvendo o calor do recinto da câmara, a chamada troca de estado por agregação. Como o amoníaco corre pelo sistema é ejetado pelos próprios compressores e conduzido até uma serpentina submersa em água, onde a temperatura é baixada em tanques e, onde os compressores vão injetar novamente no sistema.

Dentro desse processo, o sistema de geração de energia para o funcionamento dos compressores, os próprios compressores, a serpentina de condensação e os tanques de sal, se encontravam fora do edifício das câmaras frias. Os dois primeiros se encontravam dentro da sala de máquinas em um edifício muito próximo à câmara fria.

Em particular, as serpentinas de condensação que conformavam grandes distâncias de canos de ferro de uma polegada e meio de espessura,

se encontravam na cobertura da sala de máquinas, que atuava a modo de piscina e era abastecida permanentemente de água por uma bomba que a tomava diretamente do rio e atirava um jato sobre a superfície. Isto constitui “o condensador” do sistema frigorífico (Fig. 65 e 66) (CORDERO PIAZZA; DELGROSSO, [2012?], p. 26). Este processo descrito pelos autores foi usado em Fray Bentos, mas de acordo com relatos de ex-trabalhadores de Pelotas, era o mesmo aqui também.

Segundo o senhor Silvio⁵⁰, que trabalhou por um longo período na manutenção do sistema, “a sala de máquinas funcionava 24 horas por que nós tínhamos a refrigeração, tínhamos também a geração de energia ali ‘era o coração’ né, se parasse ali...” (informação verbal).

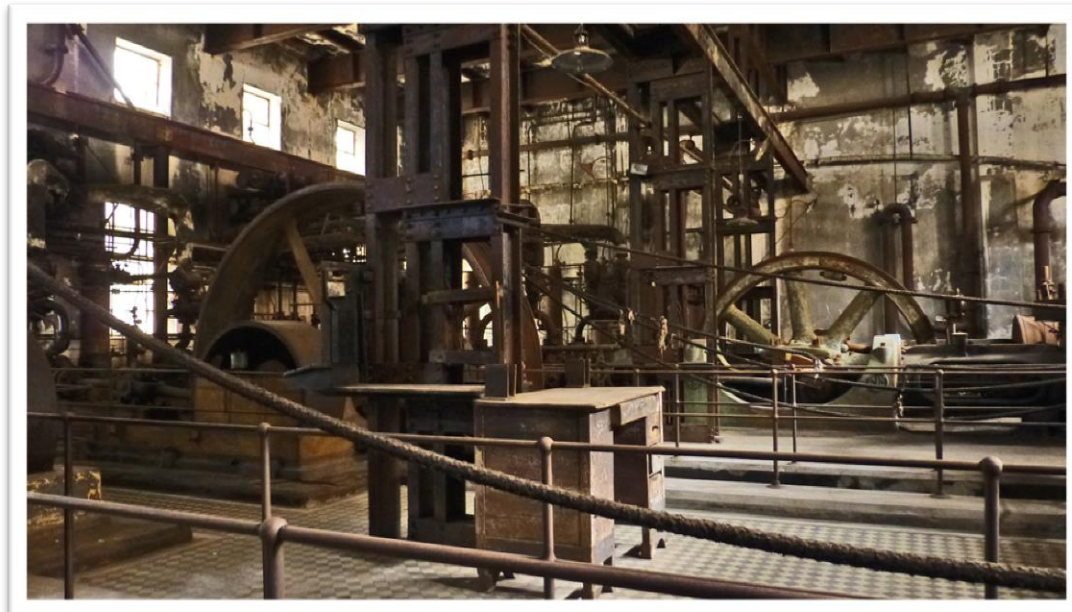
A água para este processo, como se viu, era retirada dos cursos de água existentes na proximidade das indústrias, daí estarem às margens do rio Uruguai e canal São Gonçalo, os frigoríficos de Fray Bentos e Pelotas, respectivamente. Cabe salientar, que estes cursos d’água também serviam para a limpeza e, em muitos casos, para descarte de dejetos. No depoimento do senhor Jesus⁵¹, ele relata que,

Coletavam água do rio. Eles tinham bombas para coletar a água do rio, para limpeza, para tudo. Tudo era a água do rio. Já viu, era uma indústria deste tamanho! Então a água era tratada, inspecionada; inclusive tinha que levar para Porto Alegre para fazer uma inspeção no Ministério da Saúde, para ver se estava no padrão de qualidade (informação verbal).

⁵⁰ Silvio Cavalheiro Paula, *Op. cit.*, trabalhou de 1957 a 1987 no Anglo de Pelotas, mas teve um período em outras unidades do grupo Vestey Brothers.

⁵¹ Jesus Miguel Rottmann, *Op. cit.*

Figura 65 - Sala de máquinas, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 66 - Sala de máquinas, Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

No depoimento do senhor Sílvio⁵², no período de fechamento, que foi processual, o complexo industrial passou por um período de esvaziamento, As máquinas e equipamentos ainda não obsoletos foram encaminhados para

⁵² Sílvio Cavalheiro Paula, *Op. cit.*

as unidades de Curupi, Goiânia e de Barretos. Os documentos saíram da fábrica e tomaram rumos desconhecidos ou supostamente foram para Barretos. Parte do maquinário e de instalações mecânicas sem uso foi vendida como sucata. Outra parte, como compressores, mesas rolantes, caldeiras e máquinas aproveitáveis para a planta fabril depois que o Anglo foi adquirido por outra empresa, foi utilizada parcialmente por um curto período.

Ainda de acordo com o depoente,

a documentação levaram, as máquinas venderam (as máquinas velhas venderam como sucata) tinha umas quantas máquinas, uns compressores *Booster*, tem compressor de ar, tem a mesa rolante, foi vendido tudo como sucata. E as máquinas novas, eles tinham quatro caldeiras vindas lá da Inglaterra, tudo importada, compressores tinham três e um sendo de parafuso, tudo novo, máquinas novas sendo dois, para refrigeração e isso tudo foi lá pra cima, Goiânia e também mandaram uns lá pra Curupi. Porque estavam aqui parados, uma das caldeiras foi pra Barretos, de vapor saturado (Silvio Cavalheiro de Paula, Informação verbal).

Em visita ao complexo fabril antes da ocupação pela UFPel, em 1997, Francisca Michelin fez uma fotografia em que aparecem as estruturas dos compressores na casa de máquinas (Fig. 67), que ainda restavam nos prédios. Já o fotógrafo Gilberto Carvalho, em 2007, portanto após a aquisição do frigorífico pela universidade, mas antes do início das obras, também registrou a sala de máquinas e parte do compressor (Fig. 68).

Figura 67 - Sala de máquinas, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Francisca Ferreira Michelin, 1997. Acervo da fotógrafa

Figura 68 - Sala de máquinas, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Gilberto Carvalho, 2007. Acervo do fotógrafo

Embora guardem tantas semelhanças e o prédio de Pelotas esteja bastante descaracterizado, pode-se observar que há uma técnica construtiva diferenciada entre os dois frigoríficos e um conceito empresarial diferente do complexo uruguaio. As câmaras frias de Fray Bentos começaram a ser construídas ainda no tempo da Liebig e terminaram de ser construídas no ano de 1929 (CORDERO PIAZZA; DELGROSSO, [2012?], p. 19). Na unidade pelotense, as obras para ampliação e adequação começaram, em 1942, quinze anos após a desativação. Assim, mais de uma década separa a construção de um e outro. Outro elemento essencial na indústria da carne era a sala de abate. Soube-se que ela foi remodelada na década de 1960 e pelo que se pode observar, a área de abate e processamento era contígua às câmaras frias, o que facilitava as atividades fabris de processamento da carcaça e das vísceras e o transporte para o congelamento (Fig. 69). Nesta foto se percebe alguns espaços ainda sem as janelas e outros já com aberturas, que eram inexistentes, descaracterizando o conjunto fabril na sua originalidade.

Mais antigas, as câmaras frias de Fray Bentos ficavam situadas em um prédio separado daqueles onde eram feitos o abate e processamento da carne. Após, os produtos eram transportados para as câmaras frias através de um corredor que ligava os dois prédios por um sistema de roldanas (Figs. 70 e 71).

Figura 69 - Prédio onde se localizavam as câmaras frias, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 70 - Prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Figura 71 - Detalhe da passarela para as câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013, acervo do autor

Quando da entrevista com o sr. Silvio⁵³, foi questionado quanto ao número de câmaras frias que tinha no Anglo de Pelotas, ao que ele respondeu que eram oito e seis freezers (camaritas). O sr. Silvio era responsável pela manutenção dos compressores e demais máquinas que mantinham as câmaras frias em funcionamento. Já o sr. Antônio⁵⁴, quando questionado sobre o assunto, confirmou que eram aproximadamente dez câmaras, não sabendo precisar com certeza, porém deu o tamanho exato de cada uma: 6x12 metros. Ele fazia a manutenção desses ambientes, pintura e impermeabilização. Já em Fray Bentos, haviam 60 câmaras, de acordo com depoimento do diretor do Museo de la Revolución Industrial⁵⁵. A maior dificuldade encontrada nesse estudo, devido às alterações no edifício, é a localização do trânsito entre a área de processamento e a as câmaras frias. Esses elementos foram de tal forma diluídos que mesmo estando no local exato, não é possível identificar o ambiente fabril.

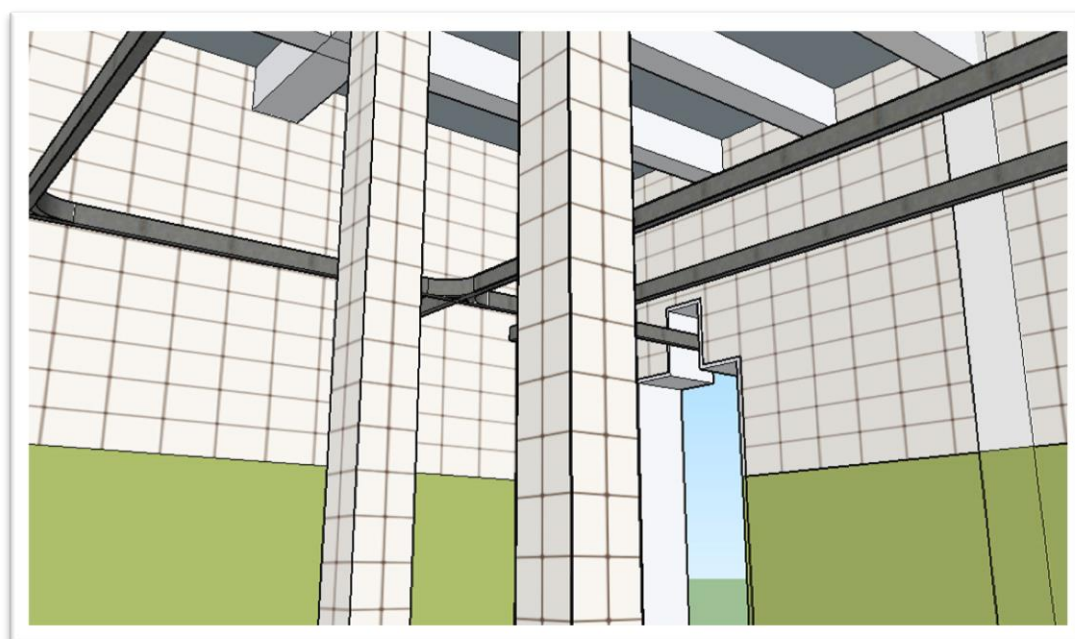
⁵³ Silvio Cavalheiro Paula, *Op. cit.*

⁵⁴ Antônio Carlos Azambuja, *Op. cit.*

⁵⁵ Mauro Delgrosso, *Op. cit.*

Com base nas informações dos depoentes, foi possível modelar em 3D⁵⁶ o espaço das câmaras frias do Frigorífico Anglo de Pelotas, supondo a sua localização completa (Figs. 72, 73 e 74). Nas imagens, um elemento que aparece no modelo são os trilhos do teto, as nórias, que suportavam o sistema para içar e transportar a carcaça do boi abatido. Segundo o engenheiro responsável pelas obras na UFPel, as nórias foram mantidas, dada a dificuldade ou impossibilidade de tirá-las, porém foram cobertas com o reboco do teto.

Figura 72 - Modelo em 3D de uma câmara fria do Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



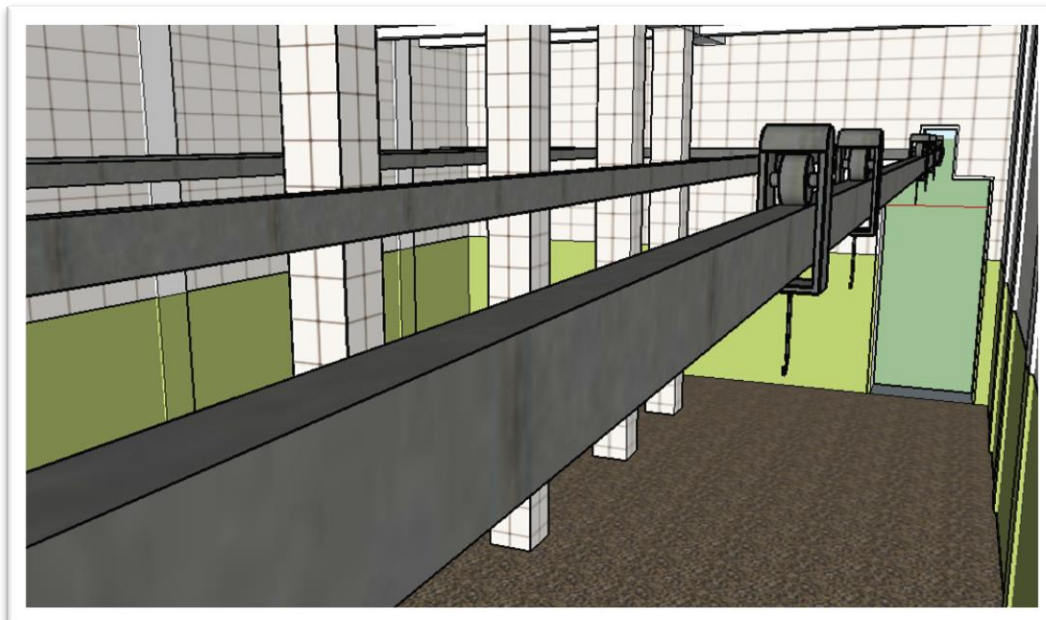
Fonte: Modelo criado por Arthur Mota através de dados fornecidos pelo autor

Durante uma visita na obra das câmaras frias, em 2013, já totalmente descaracterizadas e irreconhecíveis, em Pelotas, em conversa informal com o mestre de obras, ele relatou que para retirar os azulejos das paredes, era necessário o uso de um martelo pneumático⁵⁷. Com isso pode-se perceber a qualidade da construção. Na figura 75 ainda pode se ver uma parede azulejada, antes da remoção, e na figura 76 a grossa camada de gesso que fixava o azulejo.

⁵⁶ Modelagem usando o software SketchUp, feita pelo acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, Arthur Mota, em 25 nov. 2015, sob orientação do professor Ricardo Luiz Sampaio Pintado, com informações do autor.

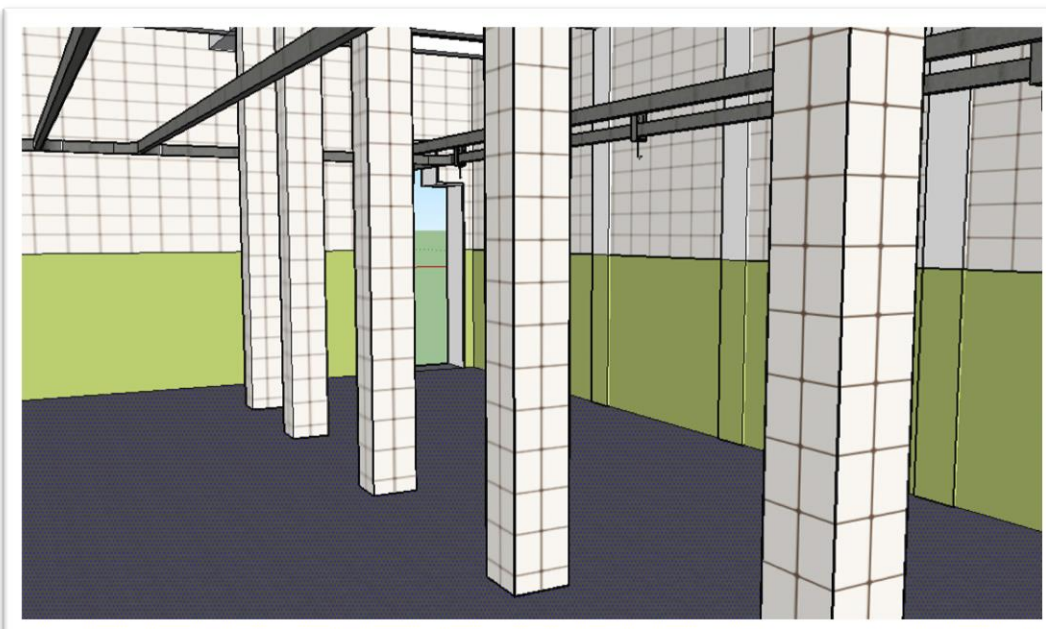
⁵⁷ Ferramentas utilizadas para demolição, geralmente de grandes espessuras.

Figura 73 - Modelo em 3D de uma câmara fria do Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Modelo criado por Arthur Mota através de dados fornecidos pelo autor

Figura 74 - Modelo em 3D de uma câmara fria do Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Modelo criado por Arthur Mota através de dados fornecidos pelo autor

Figura 75 - Parede da câmara fria com azulejos, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 76 - Azulejos sendo removidos, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

As fotografias seguintes, a primeira uruguaia e a segunda, argentina, ilustram como deveriam ser essas estruturas em Pelotas, tomando como pressuposto e similaridade das atividades dos frigoríficos. São câmaras frias já com as carcaças suspensas pelas nórias, em congelamento (Figs. 77 e 78).

Figura 77 - Câmara fria do Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Archivo de la Imagen del Sodore, Montevideo, Uruguay

Figura 78 - Câmara fria do Frigorífico Anglo de Avellaneda, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

O processo de reciclagem, termo usado por arquitetos para intervenções em edifícios industriais, no caso do Anglo, descaracterizou de tal modo os espaços que já não são mais reconhecíveis pelos antigos trabalhadores que o visitam. Os espaços foram divididos, ergueram-se paredes, outras foram suprimidas, pisos foram criados, surgiram novos condutores, como um corredor de salas de aula com janelas, onde antes funcionavam as câmaras frias (Fig. 79), portanto não havia abertura alguma. Para Hernández Martínez, esta mentalidade permissiva através de restaurações contemporâneas não está isenta de riscos, já que podem, em meio a tantas transformações, se perder dados e partes essenciais da obra que são irrecuperáveis e isto deveria ser evitado a todo custo (2003, p. 31). Como a fábrica perdeu suas referências para dar outro uso ao edifício, também parte dos atuais usuários do campus desconhece o passado do local.

Figura 79 - Interior do campus Anglo da UFPel, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2015. Acervo do autor

Pouco antes do término das obras, nos lugares onde antes eram as câmaras frias, ainda era possível reconhecer as técnicas construtivas

desses elementos tão característicos nesse tipo de indústria (Figs. 80 a 83). Também foi possível perceber as diferenças entre esses elementos em Pelotas e Fray Bentos, uma vez que o acesso do setor de processamento da carne era contíguo às câmaras frias na cidade brasileira, e separado, na cidade uruguaia.

Figura 80 – Reciclagem de uma câmara fria, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 81 – Parede de uma câmara fria, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 82 – Janelas abertas em uma câmara fria, Frigorífico Anglo da UFPel, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

Figura 83 – Câmara fria ainda preservada, Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

De acordo com os pressupostos da Carta de Nizhny Tagil, as intervenções feitas pela Universidade Federal de Pelotas feriram as recomendações de manutenção e conservação do patrimônio industrial, quando não manteve a integridade funcional, reduzindo o valor e autenticidade do sítio. Embora não tenha adquirido o maquinário e/ou componentes fabris, os elementos essenciais para a compreensão do conjunto, em parte, foram muito alterados ou mesmo destruídos. Entre tantas alterações que o complexo industrial sofreu, uma foi o uso de pintura em cima da cobertura de cimento penteado, característica das construções dos anos de 1940 e 1950. Segundo Hernández Martínez, intervenções radicais em que a arquitetura atual se impõe sem consideração alguma sobre a história, provocam um contraste enorme pelo uso de materiais novos, de cores e texturas diferentes as do edifício restaurado (2007, p. 32). Estas alterações podem ser conferidas nas fotografias do atual prédio da biblioteca (Fig. 84) e mesmo no bloco A, um dos prédios principais do antigo frigorífico, hoje campus universitário. Na fotografia, pode-se ver parte do prédio com a cobertura original, ainda sem a pintura e parte já pintado (Fig. 85). Por outro lado, a intervenção não alterou os contornos do prédio, que são facilmente identificados, ainda que tenha suprimido a condição de isolamento térmico do edifício ao abrir janelas nas paredes cegas da câmara fria.

Figura 84 - Prédio da biblioteca do campus Anglo, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2015, Acervo do autor

Figura 85 - Bloco A recebendo pintura, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2015. Acervo do autor

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo recuperar por meio da imagem fotográfica, a trajetória do Frigorífico Anglo de Pelotas (Brasil), tomando como espelho o Frigorífico Anglo de Fray Bentos (Uruguay), ambos de propriedade do grupo inglês Vestey Brothers.

A revisão de literatura esclareceu que no final da década de 1910, os investidores gaúchos já buscavam uma alternativa para a decadência das charqueadas com a finalidade de impulsionar uma economia que dava sinais de falência. Em um Estado em que a agropecuária era a base econômica, a indústria frigorífica era uma saída exequível. Com quatro frigoríficos americanos já em funcionamento no Rio Grande do Sul, Pelotas foi a opção de produtores rurais para receber um projeto de frigorífico nacional. Às margens do canal São Gonçalo, tendo aporte financeiro totalmente gaúcho, e sendo o principal patrocinador o Banco Pelotense, teve início em 1917 a construção do Frigorífico Rio Grande. A demora na construção fez com que se perdesse o período “favorável” da Primeira Guerra Mundial, uma vez que a escassez de alimentos nos territórios onde os conflitos aconteciam e uma localização distante fazia com que a produção de carne industrializada, principalmente enlatada, tivesse um mercado fácil. Fora isso, a violenta concorrência com os poderosos frigoríficos estrangeiros, fez com que a indústria recém-inaugurada sucumbisse poucos anos depois. Em 1921, a planta industrial foi vendida para os Vestey Brothers, tendo sido esse considerado um bom negócio para os investidores, em especial para o Banco Pelotense que via a falência se aproximando. Até 1926 o estabelecimento industrial funcionou fracamente. Encerrou suas atividades nesse ano, voltando a operar apenas em 1943, já com o nome Frigorífico Anglo de Pelotas, quando o advento da Segunda Guerra Mundial propiciou um momento de crescimento econômico. Com modernas instalações e constantes adaptações, a inserção do Anglo em Pelotas trouxe claros benefícios econômicos, sociais e culturais, não só na cidade e região, mas para o Rio Grande do Sul.

Diferentemente da indústria saladeril, que foi a base para o processo da indústria frigorífica no sul do Brasil e países latinos, a mão de obra nos frigoríficos exigia diferentes níveis de especialização, além do trabalho meramente braçal. Portanto, importou-se tecnologia e, de modos diversos, se trouxe mão de obra de fora. Como se viu no estudo, quem impulsionou esta indústria foram frigoríficos americanos e ingleses, com finalidades notadamente econômicas, formando trustes que prejudicavam as iniciativas nacionais nos três países estudados, mas que, fomentaram desenvolvimento em outros sentidos para as cidades e países onde estavam sediados. Essa situação começou a mudar a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento de frigoríficos nacionais. Em especial, acompanhou-se o surgimento, o auge e o ocaso do frigorífico Anglo, do grupo Vestey Brothers em duas cidades no sul da América do Sul. Com o fechamento das unidades fabris, veio o desemprego, a desesperança, o abandono dos locais. E, em momento posterior, os processos de patrimonialização, acompanhados de intervenções de reciclagem dos antigos sítios fabris.

As duas cidades que possuem os casos estudados nesse trabalho apresentam essas unidades fabris patrimonializadas em esfera estadual, Pelotas⁵⁸, no sul do Rio Grande do Sul, Brasil e em esfera mundial, Fray Bentos⁵⁹ ao oeste do Uruguai, fronteira com Argentina. A forte relação da cidade uruguaia com o frigorífico foi o que trouxe esse reconhecimento a nível mundial. Espera-se, com isso, que mais aportes econômicos cheguem até a cidade com o chamado “turismo de memória”.

O nome Anglo, naturalmente muito mais impactante em Fray Bentos, como vimos no texto, mas não menos importante em Pelotas faz parte da memória de muitas pessoas. Não apenas ex-trabalhadores, mas, sobretudo, consumidores, que até hoje relembram da qualidade e diversidade dos seus produtos. A marca Anglo é tão forte que, passados anos do encerramento das suas unidades no Brasil, o frigorífico JBS, que adquiriu a unidade de Barretos,

⁵⁸ De acordo com a lei estadual nº 11.499/2000, Pelotas passou a fazer parte do Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

⁵⁹ Declarada Patrimônio Cultural da Humanidade e incluída na lista da Unesco no dia 5 de julho de 2015.

SP, e detentor da marca, ainda continua fabricando alguns produtos com a bandeira Anglo, como se vê na figura 86. Pode-se supor que a marca impregnou a memória de uma parcela da população e isso pode ter, influenciado na continuidade da comercialização de produtos com a marca. Em contato com o JBS, ficamos sabendo que o Anglo tem uma linha de produção com dezessete produtos atualmente e eles são distribuídos em todo país.

Foi realizado um levantamento bibliográfico que embasou esse estudo nas três linhas propostas (memória, patrimônio industrial e fotografia), além, de um estudo histórico sobre o surgimento da indústria do frio no sul da América do sul. Foram realizadas diversas incursões fotográficas na unidade pelotense e uma na cidade uruguaia, onde foi levantada a grande maioria das fotografias do estudo, além do uso dos arquivos históricos do Uruguai e da Argentina. Também foram entrevistados ex-trabalhadores, que deram subsídio à pesquisa com seus depoimentos. As fotografias geradas no estudo foram encaminhadas para a Fototeca da UFPel, bem como para utilização no Memorial do Anglo, tanto na exposição física através de um totem, dispositivo multimídia onde as fotos são apresentadas, no local, como no espaço virtual.

Esse estudo propôs uma discussão sobre patrimônio industrial, memória e fotografia, em especial o potencial uso da última como suporte de memória. Como disse Kossoy, “as fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou” (2009, p.139). No presente trabalho essa afirmativa confirma-se. Além da memória das pessoas que vivenciaram essa história, o que nos resta são os prédios e as fotografias. No caso de Fray Bentos, não só as fotografias, todos os elementos constituintes do Anglo estão lá. Em Pelotas, restaram as memórias, os prédios e as fotografias, mesmo assim, na maioria, fotos recentes. Mesmo quando não se tratando de uma referência direta, faz-se notória a reflexão de Barthes quando sagra a fotografia como um certificado de presença (2012, p. 80). É através dela que se pretendeu preencher os vazios da memória sobre o extinto Frigorífico Anglo de Pelotas. Como disse Nora, “a razão fundamental de ser um lugar de memória é a de deter o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento”. Já Candau diz que o inimigo da memória é o esquecimento. O estudo da primeira envolve sempre o segundo e uma área sutil, a reminiscência, a

capacidade de recuperar algo que se possuía e que pode se perder. No entanto, a evidência da proposta de novo sentido ao lugar que teve seu passado silenciado é o fato que a ocupação dos prédios do extinto frigorífico eram, em 2013, a preservação do que sobrou. A proteção e conservação do patrimônio industrial e sua importância no desenvolvimento local e estrutura do território deveria ter sido o foco principal, uma vez que as estruturas abandonadas e demolidas para um empreendimento que nunca se concretizou ainda estão no local. Mesmo com a perda dos lugares, pela intervenção desatenta para o patrimônio, é possível restituir ao lugar elementos da sua antiga função pela memória dos trabalhadores. Através da utilização das fotografias de Fray Bentos foi possível observar o tempo em que um e outro prédio das câmaras frias foram construídos. O estudo desses elementos foi adequado para conclusões sobre as perdas e remanescentes porque esses lugares faziam convergir grande parte do produto dos frigoríficos, portanto, constituem um coração memorial do lugar.

Figura 86 – Alguns produtos Anglo na atualidade



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2016. Acervo do autor

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel. **El patrimonio industrial en España:** situación actual y perspectivas de actuación. [Madrid: TICCIH, 200_].

ANTOLA, S. et al. Arquitectura y ciudad generada a partir de la industria de capital británico en Uruguay. **Arquitectura**. [Montevideo], n. 264, p.4-29, dic. 1994.

ARAÚJO, Célia Regina Aiello. **Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos:** 1927/1935. 2002. 113 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ARAÚJO, Guilherme Maciel. **Paisagem cultural:** um conceito inovador. [S.l. : s. n., 2002].

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BATISTA JÚNIOR, Natalício. **Fotografia e memória:** contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/1/revista-ba-foto-memoria.pdf>>. Acesso em 26 out. 2013.

BORETTO OVALLE, René. **Fray Bentos:** patrimonio cultural e industrial: historiografia 1855-1955. Fray Bentos: Tradinco, 2014.

BRAGHIROLI, Ângelo Carlos Silveira. **Una nueva utopia:** rescate del patrimonio industrial en el sur del Brasil: el conjunto de la industria frigorífica Armour. 2014. 390f. Tese (Doutorado). Programa de Doctorado en Historia del Arte y Gestión del Patrimonio en el Mundo Hispánico. Universidad Pablo de Olavide, Sevilla, 2014.

BRAGHIROLI, Ângelo Carlos Silveira (org.). **Paisagens do sul:** pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim sobre os bens patrimoniais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IEL: IPHAE: IPHAN, 2009.

CAMPODÓNICO, Gabriela. **El Frigorífico Anglo:** memoria urbana y memoria social en Fray Bentos Disponível em: <<http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2000/7-campodonico.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2013.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

CARTA de Nizhny Tagil sobre el patrimônio industrial. Moscú: [s.n.], 2003.

CHAVES, Rita Miréle. **Arquitetura moderna em Pelotas**. 2001. 179 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.

CORDERO PIAZZA, Ricardo; DELGROSSO, Mauro. **El despertar de um coloso**: ... um nuevo ciclo de vida para las cámaras frías del Anglo. [Fray Bentos : Intendencia de Río Negro, 2012?].

COSTA, Leopoldo. A história do extrato de carne. **Stravaganza**, 25 mar. 2011. Disponível em: <<http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011/03/historia-do-extrato-de-carne.html>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

_____. A história dos frigoríficos no Brasil. **Stravaganza**, 17 mar. 2011. Disponível em: <<http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011/03/historia-dos-matadouros-frigorificosno.html>>. Acesso em: 16 jun, 2013.

_____. Família Vestey no mercado de alimentos. **Stravaganza**, 25 fev. 2011. Disponível em: <<http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011/02/familia-vestey.html>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

CRUZ, Ubirajara Buddin. Frigorífico Anglo de Pelotas: uma nova história. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.3, n.9, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/215>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imágenes pese a todo**: memoria visual del Holocausto. Barcelona: Paidós, 2004.

_____. **O que vemos, o que nos olha**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DOUREDJIAN, Alberto. **Sobre inmigrantes y frigoríficos**: el Anglo y los trabajadores (1924-1954). Montevideo: Tradinco, 2009.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 14.ed. Campinas: Papirus, 2014.

EDELBLUTTE, Simon. O patrimônio industrial no Reino Unido: contexto, paisagem, territórios. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 4, n. 6, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/8>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

EPSTEIN, Ariela. La patrimonialisation du quartier Anglo (Fray Bentos, Uruguay) ou la mémoire déplacée. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 100-124, jul./dez. 2013.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Museologia e patrimônio**, v.2, n.1, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/43/23>>. Acesso em 10 jul. 2013.

_____. **Quando o apito da fábrica de tecidos**: memória pública e memória coletiva, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, 1950-70. 2002. 304f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FREEMAN, Michael. **El ojo del fotógrafo**: guía de campo: manual imprescindible para viajar con una cámara réflex digital. Barcelona: Blume, 2010.

GILMES, Juan Pedro. “Le Frigorifique” primer barco frigorífico del mundo, invento técnicamente uruguayo-francés. In: **Cultura marítima y portuaria**. [Montevideo], 2011. Disponível em: <<http://construyendoelmuseoportuario.blogspot.com.br/2011/06/le-frigorifique-primer-barco.html>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **Sítio charqueador pelotense**. Pelotas: Paisagem do Sul, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos, 2004.

HERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Ascensión. **El reciclaje da la arquitectura industrial**. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2007.

HERRERA SOLER, Martín. **Fray Bentos**: epicentro de la revolución industrial uruguaya. 2012. Disponível em:

<<http://www.martinhphoto.com/2012/12/20/fray-bentos-epicentro-de-la-revolucion-industrial-uruguay/>>. Acesso em: 26 set. 2014.

IAPH. **El patrimonio industrial en Andalucía**. Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico. Año 5, n. 21 (diciembre 1997). Sevilla: Novograf, 1997. Disponível em: <<http://www.iaph.es/web/canales/publicaciones/en-linea>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

INVENTÁRIO do Patrimônio Cultural de Pelotas. Pelotas : Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. Coordenadoria do Patrimônio Cultural, 2004.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Cartas patrimoniais**. Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.

JANKE, Neuza Regina. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário**: o Frigorífico Anglo de Pelotas: 1940-1970, Pelotas: Cópia Santa Cruz, 2011.

JUSTIPARÁN, Alejandro Héctor; PUEYO, Leandro. El proyecto del frigorífico argentino: Argentina: 1901: capitales nacionales y soberanía. In: **Siempre historia**. [Buenos Aires], 2010. Disponível em: <<http://www.siemprehistoria.com.ar/2010/01/el-proyecto-del-frigorifico-argentino-argentina-1901-capitales-nacionales-y-soberania/>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. rev. São Paulo: Ateliê, 2009.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **arq. urb.**, n. 3, primeiro semestre 2010.

LAGEMANN, Eugênio. **O Banco Pelotense e o sistema financeiro regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MÁS sobre Fray Bentos. Disponível em: <http://blogs.montevideo.com.uy/blog_imprimir_18321.html>. Acesso em: 21 jun. 2013.

MICHELON, Francisca Ferreira. Acervos sistematizados e informação disponível: a fotografia sobre o trabalho no Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista Memória em Rede**, v.3, n.8, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/169>>. Acesso em 12 jul. 2013.

_____. Fotografias para preencher o vazio de memória: arquivos de imagens dos frigoríficos Anglo em Pelotas/Brasil e Fray Bentos/Uruguai. In: SOSA GONZÁLEZ, Ana María; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; REY ASHFIELD William (Orgs.) **Patrimônio cultural: Brasil e Uruguai**: os processos de

patrimonialização e suas experiências. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2013. p. 59-80.

_____. **Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas**: o trabalho do passado nas fotografias do presente. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

MICHELON, Francisca Ferreira et al. Fotografia, memória e patrimônio industrial: o caso do Frigorífico Anglo de Pelotas/RS. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2., 2013, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2013. 14 p.

MICHELON, Francisca Ferreira; CRUZ, Ubirajara Buddin. Fotografia, memória e patrimônio industrial: para saber do Frigorífico Anglo de Pelotas/Brasil e de Fray Bentos/Uruguai. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 8, n. 14, jan./jun. 2016. Disponível em:
<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/issue/view/462/showToC>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

MONEGO, Sonia; GUARNIERI, Wanderleia. A fotografia como recurso da memória. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 25, n. 36. Disponível em:
<<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/1153/648>>. Acesso em: 23 out. 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, n. 10, p. 7-29, 1981.

OCKERMAN, H. W.; HANSEN, C. L. **Industrialización de subproductos de origen animal**. Zaragoza: Acribia, 1994.

PATRIMÔNIO vivo: Pelotas – RS. Brasília: IPHAN. Programa Monumenta, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República velha gaúcha**: charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento IEL, 1980.

PRAT, Josep Maria; CÀNOVAS VALIENTE, Gemma. El patrimônio industrial como dinamizador del territorio: el caso del ecomuseo La Farinera, em Castelló d'Empúries (Cataluña). **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, Barcelona, v. 58, n. 1, p. 79-100, 2012.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y sociedad**, Madrid, n. 27, p.63-76, 1988.

_____. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social**, [Barcelona], n. 21, p.17-35, 2005.

QUINTAS, Georgia. Fotografia e memória. **Jornal do Commercio**, Recife, 20. jan. 2008. Disponível em:
<<http://gquintas.files.wordpress.com/2008/03/fotografia-e-memoria.pdf>> .
Acesso em: 29 out. 20123.

RÍO NEGRO. Gobierno Departamental. **El Anglo**. Disponível em:
<<http://www.rionegro.gub.uy/web/rio-negro/el-anglo>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

_____. **Uruguay**: un sabor me trajo hasta aquí. Fray Bentos, 2014. (1 min 06 seg). widescreen, son. color. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=I9TYwt1ggBY&index=3&list=LLJbbxAplWSI9iUIVR8FCGUQ>>. Acesso em: 9 mar. 2014.

RODRIGUES, Marly. Patrimônio industrial, entre o fetiche e a memória. **Arq.urb**, n.8, 1. sem. 2010. Disponível em:
<http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/4arqurb3-marly.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2013.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

O SAL E O AÇUCAR. Pelotas, [201_]. (15 min 02 seg). widescreen, son. color. 1 vídeo AVI.

SILVA, Leonardo Mello e. Patrimônio industrial: passado e presente. **Patrimônio. Revista Eletrônica do IPHAN**, v.4, 2006. Disponível em:
<<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=164>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

SILVA, Rogério Piva da. **O valor econômico do patrimônio cultural**: o caso da fábrica Rheingantz em Rio Grande - RS. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SILVA, Ronaldo André Rodrigues da. Paisagem cultural industrial: memórias de um patrimônio da contemporaneidade. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL. 1., 2010, Campinas: Jaguariúna. **Anais...** Campinas: Conpadre, 2010. 18p. Disponível em: <<http://www.conpadre.org.br>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

SOARES, Fernando Custódio; SUZUKI, Júlio César. **Fotografia e história oral**: imagem e memória na pesquisa com comunidades tradicionais. Disponível em:
<http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/vengrup/anais/7/Fernando%20e%20Julio%20-%20USP_2.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.

SOBRINO SIMAL, Julián. Nuevas estrategias de gestión patrimonial: el Programa de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico Industrial de la Consejería de Obras Públicas y Transportes de la Junta de Andalucía. In: **Transportes, Servicios y Telecomunicaciones**. Madrid, n.8, 2005. Disponível em: <<http://www.tstrevista.com/descargas/dossier7.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

_____. Ver y hacer ver: modernidade y arquitectura industrial en España. In: **Areas. Revista Internacional de Ciencias Sociales**. Murcia, n. 29, p.31-38, 2010.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOSA GONZÁLES, Ana María. Historias que hacen historia: imigración y memoria en Frigorífico Anglo de Fray Bentos. **Revista Expressa Extensão**, Pelotas, v. 19, n. 1, p. 49-62, 2013.

STORCHI, Ceres; CUSTÓDIO, Luiz Antonio; ROMAN, Vlademir. **Roteiros de arquitetura da Costa Doce**: Rio Grande do Sul: Rio Grande, Piratini, Jaguarão, Pelotas. Porto Alegre: Sebrae, 2009.

TAKS, Javier. La clase trabajadora y las obreras del Anglo. **Encuentros**, [Montevideo], n.6, p.211-230, oct. 1999.

VALDEZ, Lelio Roberto. **Os homens do Swift**: lutas operárias no Estado Novo. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História, 2007.

VESTHEY FOODS GROUP. **The origin of Vestey Foods Group**. Disponível em: <<http://www.vesteyfoods.com/our-history.php>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

FONTES DOCUMENTAIS ORAIS

Azambuja, Antônio Carlos

Ingresso/saída: 1973-1979

Setor: Pintura e manutenção

Data da entrevista: 31 jan. 2015

Barão, Adock Mello

Ingresso/saída: 1950 - 1979

Setor: Graxaria, descarnação, barraca de couro, conservas e escritório central

Data da entrevista: 29 jul. 2015

Costa, Leopoldo

Ingresso/saída: 1961-1991

Setor: Diretor comercial, Barretos e São Paulo, SP

Data da entrevista: 06 jun. 2015

Delgrosso, Mauro

Ingresso: 2011

Setor: Diretor do Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay

Data da entrevista: 24 set. 2013

Griffiths, Maria Luiza

Ingresso/saída: 1975 - 1976

Setor: Recepção

Data da entrevista: 25 set. 2015

Paula, Silvio Cavaleiro

Ingresso/saída: 1957-1987

Setor: Sala de máquinas e oficina

Data da entrevista: 29 jan. 2015

Rottmann, Jesus Miguel Vieira

Ingresso/saída: 1961 - 1990

Setor: Administrador geral

Data da entrevista: 28 jul. 2015

Silva, Paulo Renato Ribeiro da

Ingresso/saída: 1975-1976

Setor: Chaparia, Departamento de Pessoal

Data da entrevista: 28 jan. 2015

APÊNDICE A - Modelo da entrevista

Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em

Memória Social e Patrimônio Cultural



Ficha de identificação do entrevistado, ex -trabalhador do **Frigorífico Anglo de Pelotas**

Entrevista n.º: _____

Data de realização da entrevista: ____/____/____

Nome: _____

Caracterização:

Data de nascimento: ____/____/____ Local de
nascimento: _____

Ano que ingressou no Anglo: _____ Ano que saiu do Anglo: _____

Profissão: _____ () Efetivo () Safrista

Setor(es) em que trabalhava:

Onde ficava:

Como era:

Que tipo de equipamentos tinha:

Quantas pessoas trabalhavam neste setor:

Ficou muito tempo nesse setor:

Atividades de trabalho:

Quem supervisionava:

Como era o uniforme:

Quem fornecia:

Como mantinham:

Como era a relação com os superiores:

Como era a relação com os ingleses:

Como era a relação com os colegas de trabalho?

No setor trabalhavam mais mulheres ou homens?

Lembrança de algum fato interessante:

Reconhecimento de fotos:

Duração da entrevista: _____

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

E COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): _____

—,

RG: _____, domiciliado/residente em:

declaro ceder ao pesquisador:

Ubirajara Buddin Cruz, CPF: 448,681,303-91, RG:8027416596, residente na rua Ildelfonso Poester, 231, Parque São Pedro, Rio Grande, RS, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador aqui referido, na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. O pesquisador acima citado fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado/depoente)

APÊNDICE B - Uma estética cultural industrial

Nem todas as fotografias feitas durante a pesquisa puderam ser utilizadas no trabalho. Algumas, apresentadas aos ex-trabalhadores, também ficaram fora do contexto da escrita, mas serão apresentadas aqui, como forma de entender a ocupação do espaço e a importância desses frigoríficos na paisagem industrial das cidades onde estavam inseridos. Para evitar a repetição, as fotografias não identificadas são do autor do trabalho, as que não forem, terão a identificação de autoria correspondente. Em ambas as cidades, a industrialização da carne foi o grande fator de desenvolvimento econômico e social em determinado momento. Em Pelotas, esse desenvolvimento se deu em maior intensidade no período das charqueadas, mas não menos no período produtivo do Anglo. Em Fray Bentos, foi paralelo aos períodos produtivos da LEMCO e do Anglo. Quando essas indústrias deixaram de operar, o impacto nas comunidades foi grande. Seus valores culturais e memoriais são de extrema importância. As fotos a seguir, como diz Didi-Huberman, podem mostrar mais do que está exposto ou não mostrar absolutamente nada além do que é visto (2010). Dependerá apenas de quem as olhar.

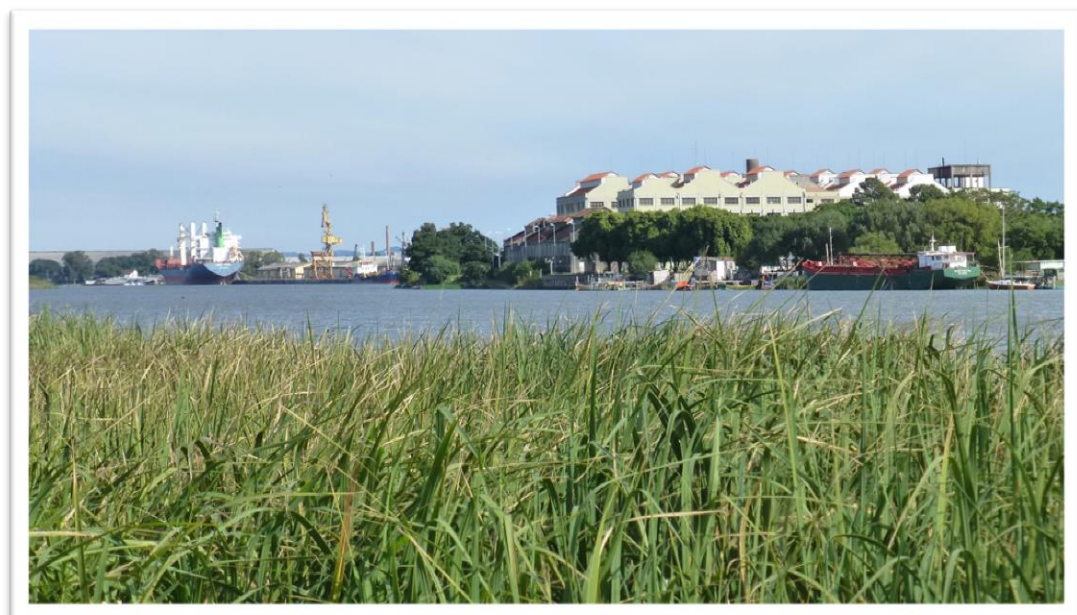
OS CURSOS DE ÁGUA

Em Pelotas, o canal São Gonçalo, que com suas águas que correm ora para um lado, ora para o outro, conforme o nível das lagoas dos Patos e Mirim. Em Fray Bentos, o rio Uruguay, que dá nome ao país, com suas águas profundas. Em suas margens se localizam os frigoríficos Anglo.

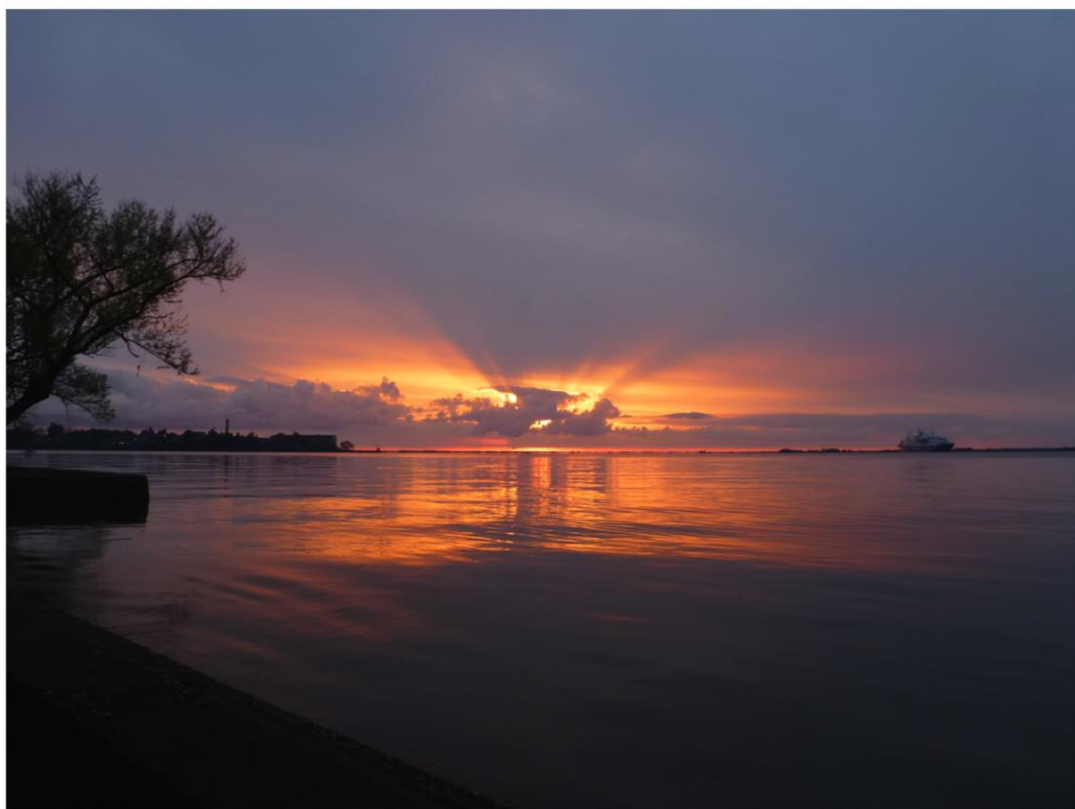
Pescador no canal São Gonçalo, Pelotas, RS



Canal São Gonçalo com Anglo e porto ao fundo, Pelotas, RS



Rio Uruguay, visto da rambla com o Anglo ao fundo, à esquerda, Fray Bentos, Uruguay



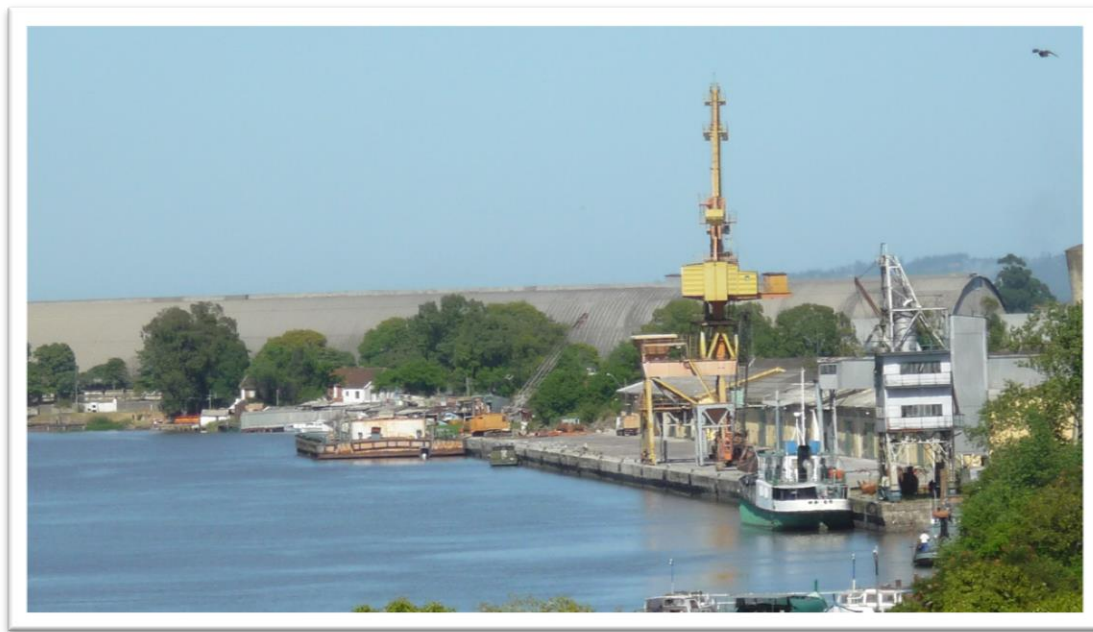
Rio Uruguay com as gruas do Anglo, Fray Bentos, Uruguay



OS PORTOS

O porto de Pelotas, no momento, tem fraco funcionamento. Já em Fray Bentos, ao contrário, o porto é bastante movimentado, recebendo navios de várias partes do mundo.

Porto de Pelotas visto desde o Anglo, Pelotas, RS



Porto de Fray Bentos, Uruguay



ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS

Ambas as cidades tiveram transporte ferroviário de passageiros e carga e atualmente os prédios das antigas estações ferroviárias tem outros usos.

Estação ferroviária de Pelotas, RS



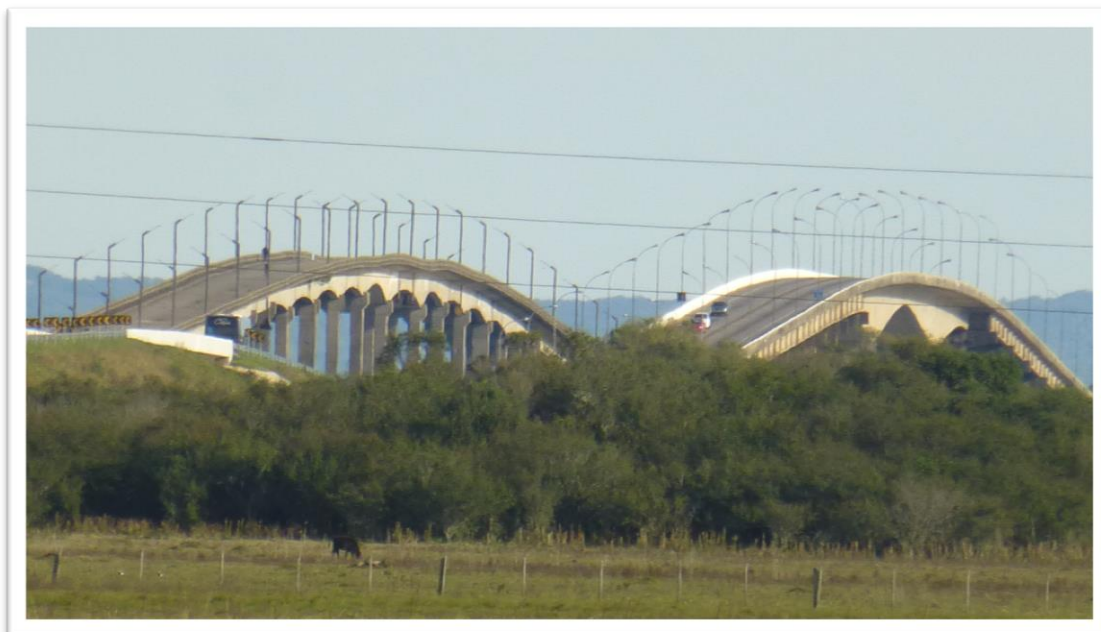
Estação ferroviária de Fray Bentos, Uruguay



AS PONTES

De cima da ponte, na divisa entre Rio Grande e Pelotas, a silhueta imponente do Anglo se faz visível. Também em Fray Bentos, da ponte que faz fronteira com a cidade argentina de Gualeguaychú é possível se ver o Anglo ao longe.

Pontes sobre o canal São Gonçalo, divisa Pelotas e Rio Grande, RS



Ponte Internacional Libertador San Martín, fronteira Uruguay e Argentina, Fray Bentos



ARQUITETURA

Em ambas as cidades, proporcionalmente aos seus tamanhos, a arquitetura se destaca na paisagem urbana, com muitos exemplares do ecletismo.

Bibliotheca Pelotense e Prefeitura Municipal, Pelotas, RS



Museu do Doce e conjunto arquitetônico da praça Cel. Pedro Osório, Pelotas, RS



Conjunto arquitetônico da praça Constitución, Fray Bentos, Uruguay



La Posada, Fray Bentos, Uruguay



AS PRAÇAS

Tanto em Pelotas como em Fray Bentos, há muitas e bonitas praças. Aqui, apenas as principais em cada cidade. Em Pelotas, na praça Cel. Pedro Osório, se destaca ao centro, a Fonte das Nereidas e os jacarandás floridos. Em Fray Bentos, na praça Constitución, o destaque é o quiosque Rainha Victoria.

Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas, RS



Praça Constitución, Fray Bentos, Uruguay



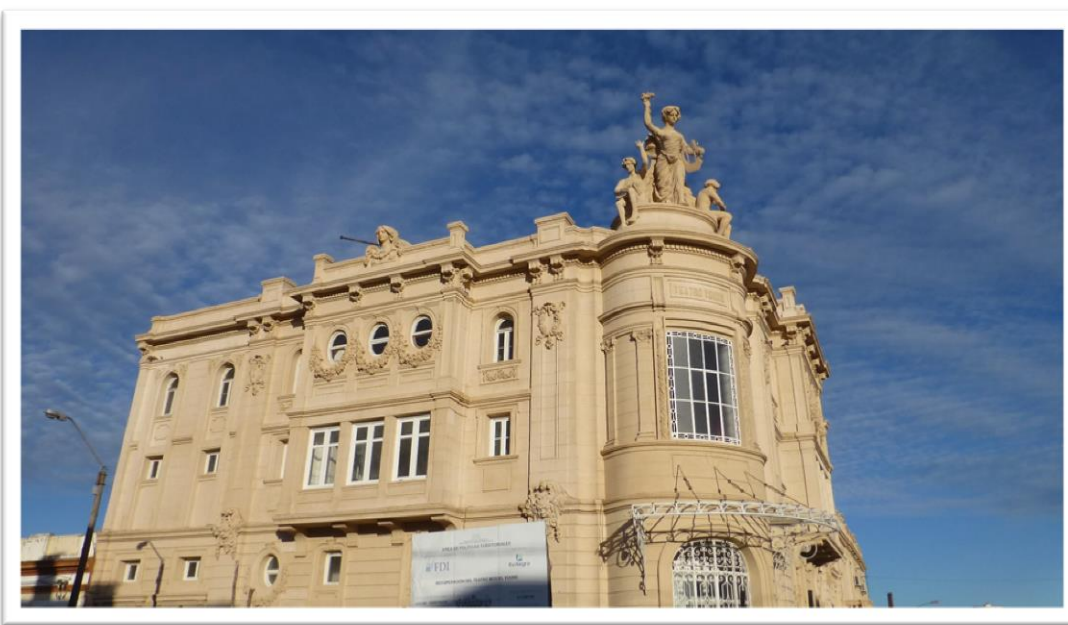
OS TEATROS

Localizado na esquina das ruas Lobo da Costa com Gonçalves Chaves, o Theatro Guarany é o principal em funcionamento em Pelotas. Em Fray Bentos, o Teatro Miguel Young, na esquina das ruas 18 de Julio com Zorrilla de San Martín, é palco de apresentações na cidade uruguaia.

Theatro Guarany, Pelotas, RS



Teatro Miguel Young, Fray Bentos, Uruguay



OS FRIGORÍFICOS

Na sóbria arquitetura industrial dos frigoríficos, o nome Anglo se destacava em grandes letras nas suas fachadas. Em Pelotas, esse nome ficava no frontão do prédio que sediava a produção de conservas. Em Fray Bentos, ficava no imponente prédio das câmaras frias. Assim era também no enorme conjunto do Dock Sud, em Avellaneda, Argentina. Na época em que operava, esse era o maior frigorífico do mundo.

Frigorífico Anglo de Pelotas, RS

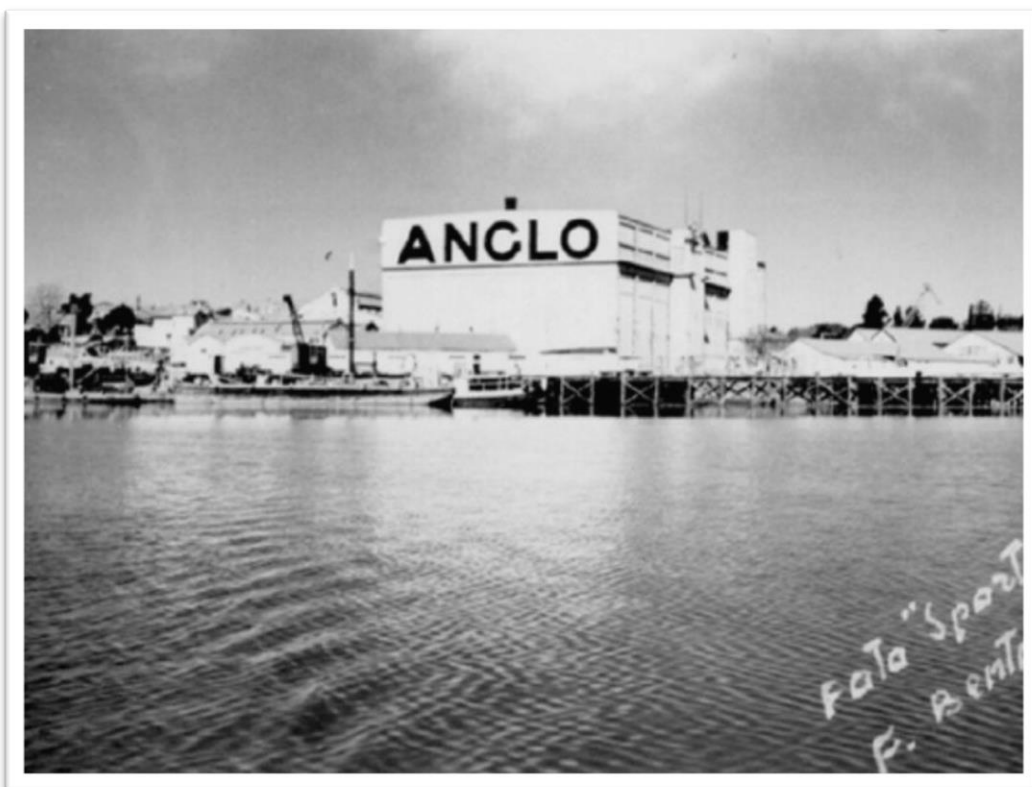


Fonte: Fotografia de Francisca Ferreira Michelin. Acervo da autora

Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos



Fonte: Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay

Frigorífico Anglo, Dock Sud, Avellaneda, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

AS CHAMINÉS

Imagem emblemática na paisagem industrial, antes sinal de produção, hoje sinalizam o patrimônio industrial das cidades.

No primeiro plano o vazio em torno da chaminé, ao fundo o prédio das câmaras frias e à direita o que restou do prédio que sediava o setor de conservas, Pelotas, RS



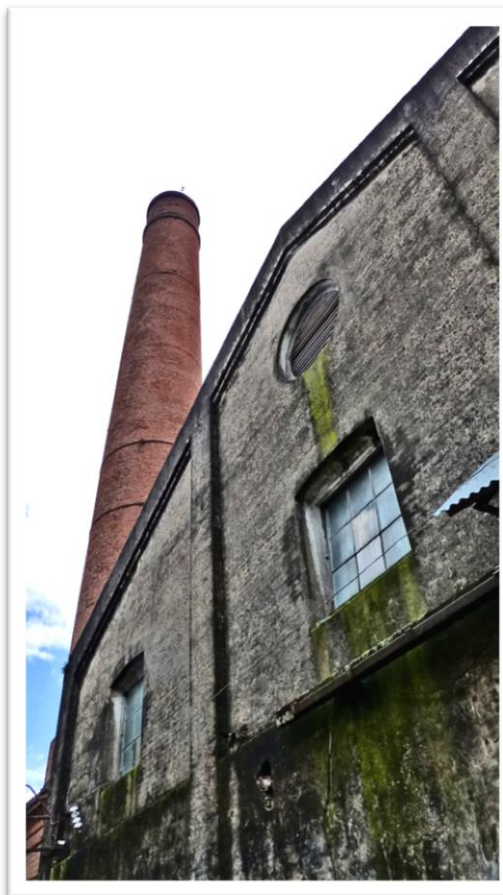
De cima do prédio que sediava o setor de conservas se observa a área que foi devastada, Pelotas, RS



Chaminé feita em tijolos, Fray Bentos, Uruguay



Chaminé vista de outro ângulo, Fray Bentos, Uruguay



Imponente, a chaminé se eleva acima dos edifícios, Fray Bentos, Uruguay



INSTALAÇÕES PORTUÁRIAS

A produção dos frigoríficos era exportada para diversos países através de terminais portuários juntos da indústria. Em Pelotas resiste em ruínas parte das instalações e o cais. Em Fray Bentos, os molhes e as gruas se encontram bastante desgastados pela ação do tempo, também em ruínas.

Prédio onde eram depositados os produtos prontos, à beira do cais, Pelotas, RS



Cais do Anglo, Pelotas, RS



Molhes em ruínas, Fray Bentos, Uruguay



Molhes e guias, Fray Bentos, Uruguay



Embarque de productos já industrializados, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo de la Imagen del Sodre, Montevideo, Uruguay

MAQUINÁRIO INDUSTRIAL

Como foi visto no texto, após o fechamento do Anglo, em Pelotas, as máquinas ou foram vendidas, ou desmanchadas ou transferidas para outras unidades. Ainda foram feitas algumas fotografias com alguns pedaços da maquinaria que sobrou no espaço. Em Fray Bentos, estão todas lá.

Sala de máquinas, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Francisca Ferreira Michelin. Acervo da fotógrafa

Sala de máquinas, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Gilberto Carvalho. Acervo do fotógrafo

Sala de máquinas, Fray Bentos, Uruguay



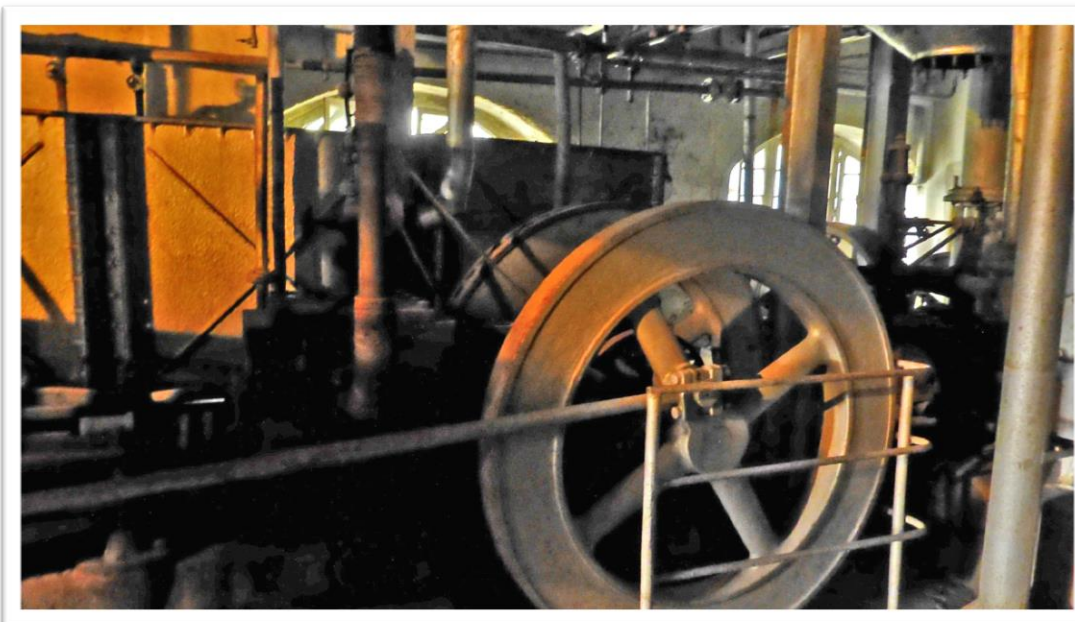
Sala de geração de energia, Fray Bentos, Uruguay



Geradores de energia, Fray Bentos, Uruguay



Máquinas do setor de extrato de carne, Fray Bentos, Uruguay



RAMPA DE ACESSO DOS ANIMAIS

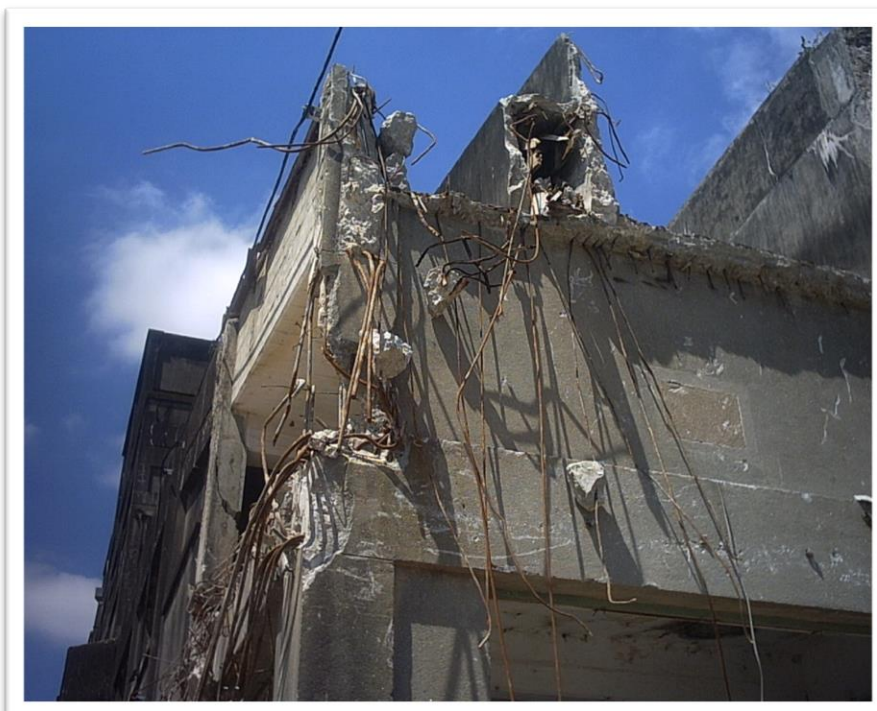
Elemento obliterado em Pelotas com as obras de adaptação do frigorífico, mas ainda presente em Fray Bentos. Nas fotografias históricas é possível ver os animais nas rampas. Logo que ingressavam, os animais passavam por um banho de imersão. No trajeto, eram banhados por aspersão. O piso era irregular para que não escorregassem. Havia uma rampa para animais de menor porte e outra para o gado bovino.

Vista da rampa de acesso antes da destruição, Pelotas, RS

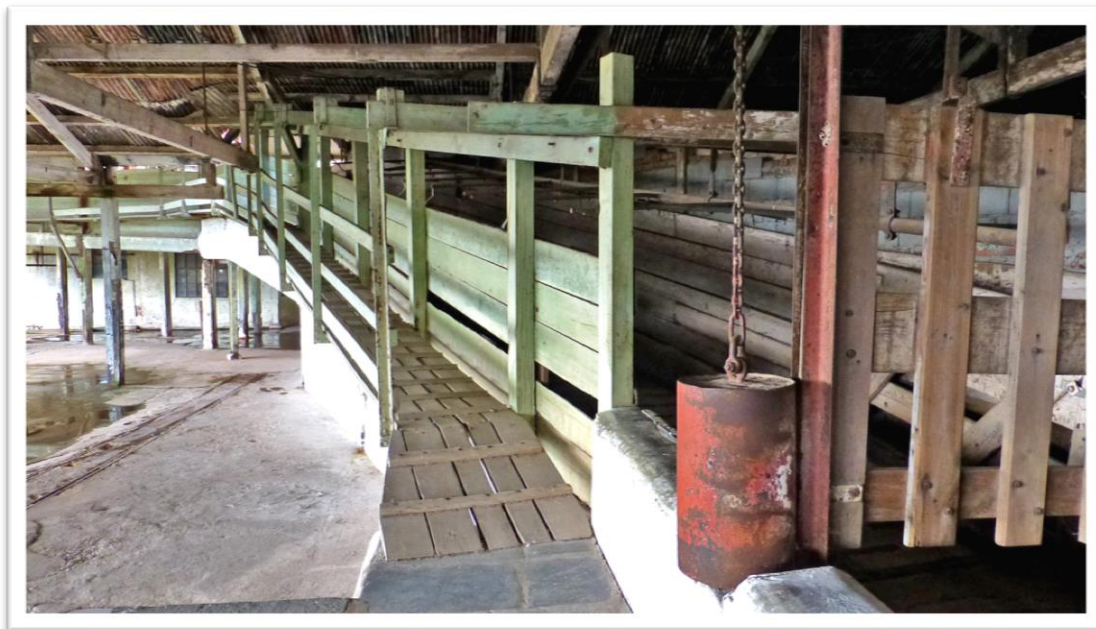


Fonte: Fotografia de Gilberto Carvalho

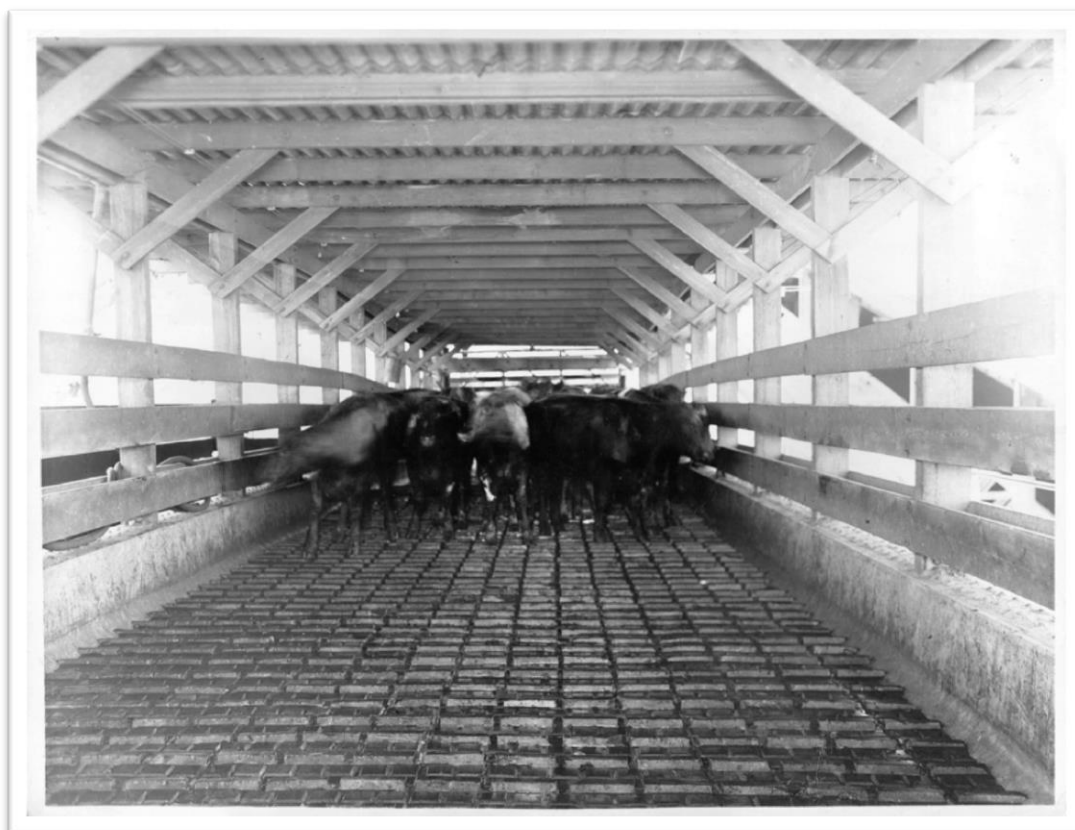
Vista da rampa já desmanchada, Pelotas, RS



Rampa de acesso, Fray Bentos, Uruguay



Rampa de acesso desde o banho à sala de matança, Anglo Dock Sud, Avellaneda, Argentina



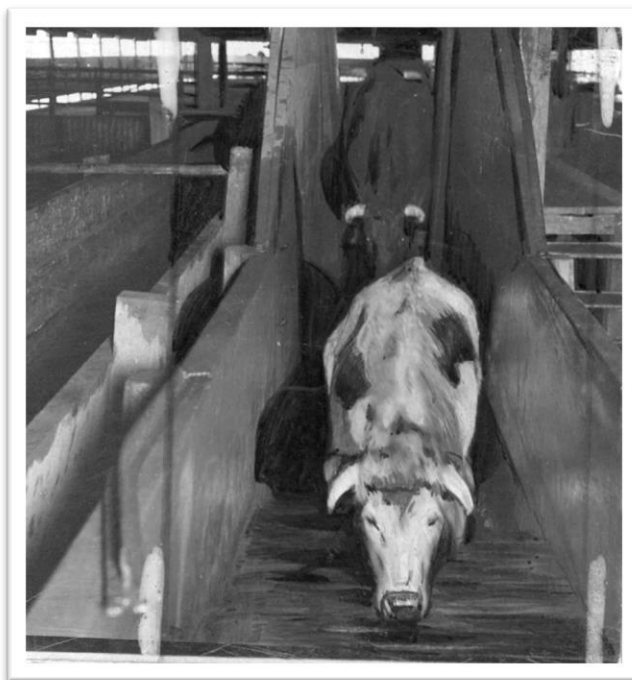
Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

Ovinos subindo na rampa que as conduz na sala de abate,
Frigorífico Anglo Dock Sud, Avellaneda, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

Gado bovino ingressando na rampa, frigorífico desconhecido, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

PROCESSAMENTO DA CARNE

O setor de abate e processamento da carne era um dos mais importantes dentro do frigorífico. Após a suba pela rampa, os animais chegavam na seringa, um espaço estreito que permitia apenas um animal por vez. Ali eram banhados novamente para entrar no boxe do atordoamento, onde recebia um golpe na cabeça para insensibilizá-lo. No Brasil, apenas depois do ano 2000 entrou em vigência o conceito de Abate Humanitário. Nesse processo, absolutamente tudo era aproveitado, desde o sangue, ossos, até o interior do estômago para fazer fertilizantes. A carne para exportação exigia um processo rigoroso. Após estar pronta, era prensada em caixas próprias e congelada nas câmaras frias.

Sala de abate, Pelotas, RS



Fonte: Fotografia de Gilberto Carvalho. Acervo do fotógrafo

Sala de processamento, Fray Bentos, Uruguay



Sala de processamento, Fray Bentos, Uruguay



Sala de processamento, Fray Bentos, Uruguay



Sala de processamento, Fray Bentos, Uruguay



Processamento da carne, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo de la Imagen del Sodre, Montevideo, Uruguay

Processamento da carne, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo de la Imagen del Sodre, Montevideo, Uruguay

CÂMARAS FRIAS

O coração da indústria, como eram chamadas, as câmaras frias era o setor responsável pela armazenagem da carne já processada para ser exportada. Eram prédios enormes, de paredes cegas, escuros e gélidos. Em Pelotas, o prédio onde funcionava este setor foi totalmente descaracterizado para a construção de salas de aula e outros setores acadêmicos da universidade. Em Fray Bentos, há um projeto de reciclagem para transformar parte do prédio em um hotel loft. Atualmente suas características estão totalmente inalteradas.

Extintas câmaras frias, Pelotas, RS



Janelas abertas na parede cega das câmaras frias, Pelotas, RS



Prédio das câmaras frias, Pelotas, RS



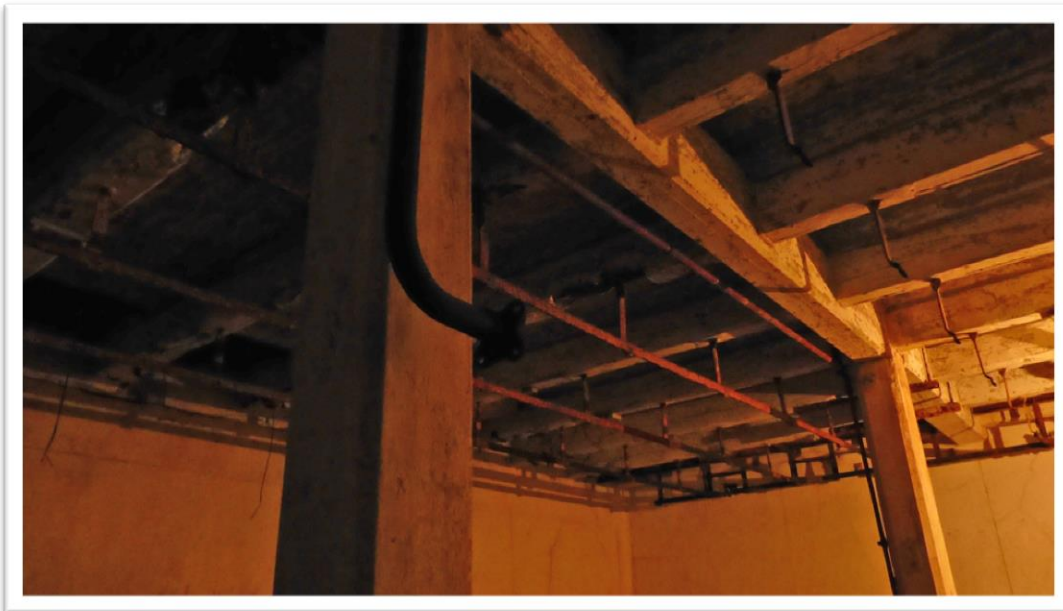
Prédio das câmaras frias, Pelotas, RS



Câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



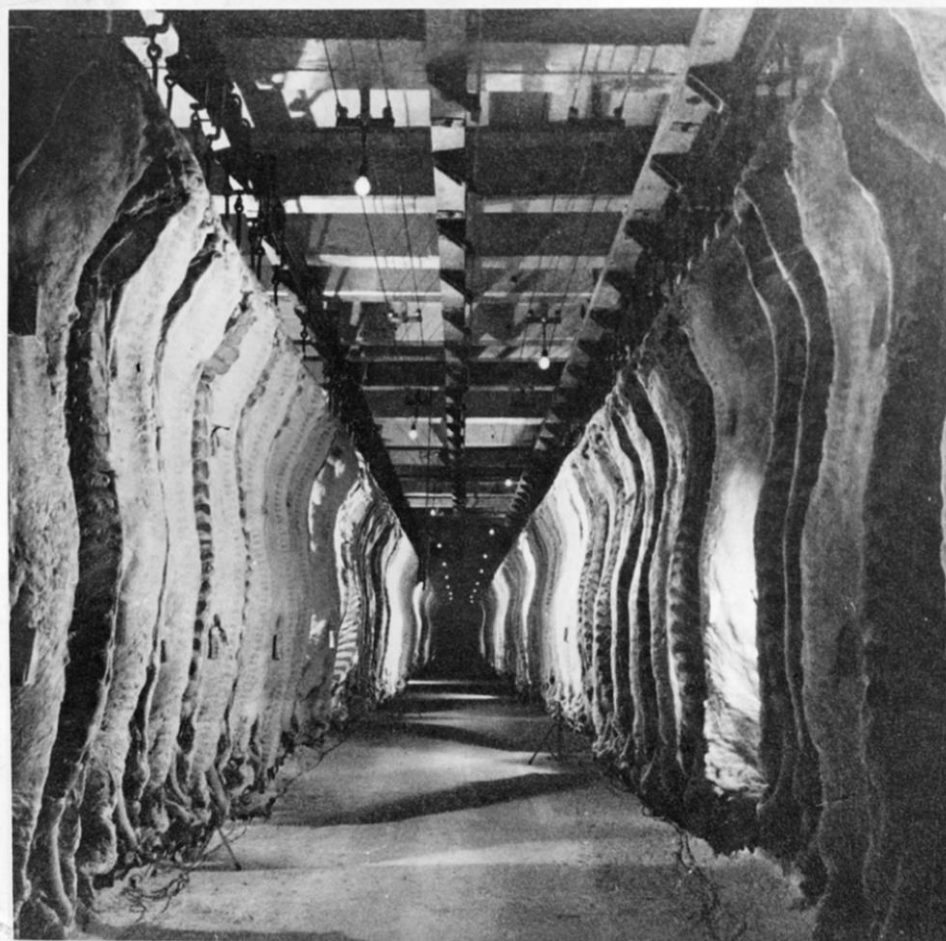
Câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Câmara fria com carne, Frigorífico Anglo Dock Sud, Avellaneda, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

Foto aérea de todo conjunto fabril, com destaque para o enorme prédio das câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Fotografia de Hector Gomes. Acervo do autor

ADMINISTRAÇÃO E LABORATÓRIOS

Localizado na entrada da indústria, ao lado direito, em Pelotas, o prédio que sediava a administração permanece, praticamente intacto, mas com sinais de desgaste pelos longos anos de abandono. Na parte superior, funcionavam os laboratórios. Restaram algumas bancadas no local. Em Fray Bentos, o escritório parece que está esperando pelos trabalhadores.

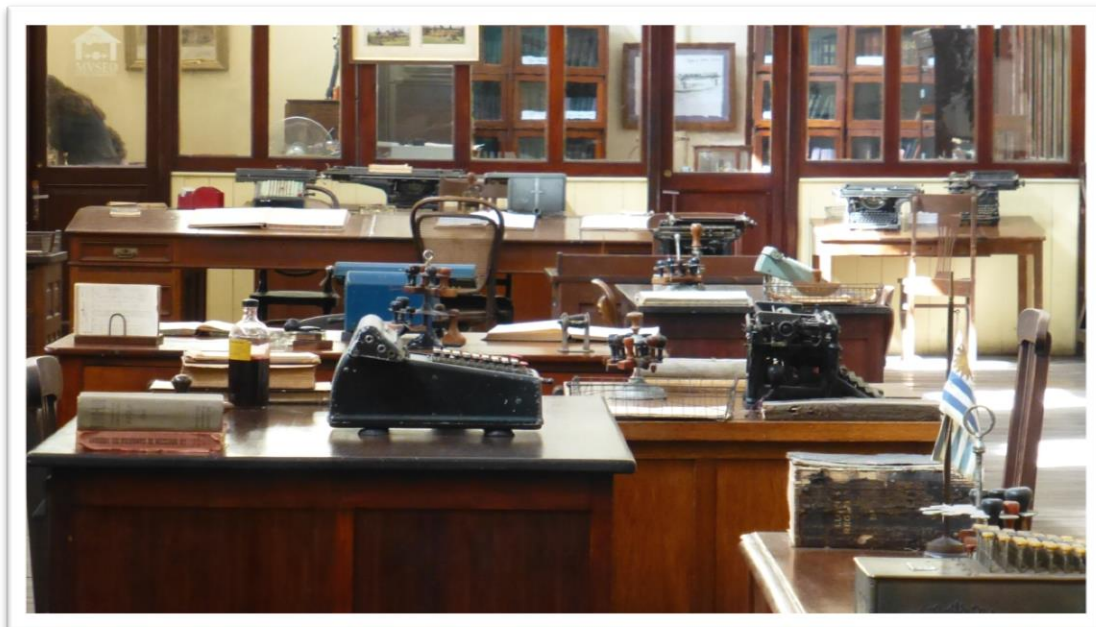
Prédio da administração, Pelotas, RS



Laboratórios, Pelotas, RS



Prédio da administração, Fray Bentos, Uruguay



Prédio da administração, Fray Bentos, Uruguay



Laboratório, Fray Bentos, Uruguay



Administração, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo de la Imagen del Sodre, Montevideo, Uruguay

Laboratório, Frigorífico Anglo Dock Sud, Avellaneda, Argentina



Fonte: Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Argentina

DOCUMENTOS

Este é o maior vazão encontrado em Pelotas. Durante a pesquisa o que se ouviu foram apenas suposições sobre o paradeiro do arquivo de documentos do Anglo, mas nenhuma certeza. Existe uma remota possibilidade de se encontrar algum resquício em Fray Bentos, mas, como nas visitas que se fez ao Museo de la Revolución Industrial, este setor ainda não estava organizado, com o tempo curto, não se conseguiu confirmar essa informação.

Sala com documentos ainda não organizados, Fray Bentos, Uruguay



Documentos de trabalhadores, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay

Documentos de trabalhadores, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay

Carteira profissional do Sr. Jesus Miguel Rottmann,
Frigorífico Anglo de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia cedida pelo Sr. Jesus Miguel Rottmann

EDIFÍCIOS

Por se tratar de uma indústria de grande porte, eram muitos os setores que compunham o conjunto fabril. Como visto no texto, em Pelotas, muitos desses setores foram subtraídos para a adaptação do frigorífico em campus universitário, outros para um empreendimento comercial que acabou não se concretizando. Ao contrário, em Fray Bentos, todos estão lá, incluindo o bairro operário, que em Pelotas não era de responsabilidade da empresa, mas que surgiu em torno do frigorífico por necessidade dos trabalhadores em morar mais perto do trabalho e ter menos gastos com deslocamentos.

Depósito dos produtos industrializados junto ao cais, Pelotas, RS



Prédio que sediava o setor de conservas, Pelotas, RS



À esquerda, em plano intermediário, prédios que sediavam a produção de charque, ao fundo o prédio em que funcionava a administração e laboratórios. À direita, o prédio onde funcionou almoxarifado, garagem e lavanderia, atualmente Biblioteca do Campus Anglo, Pelotas, RS



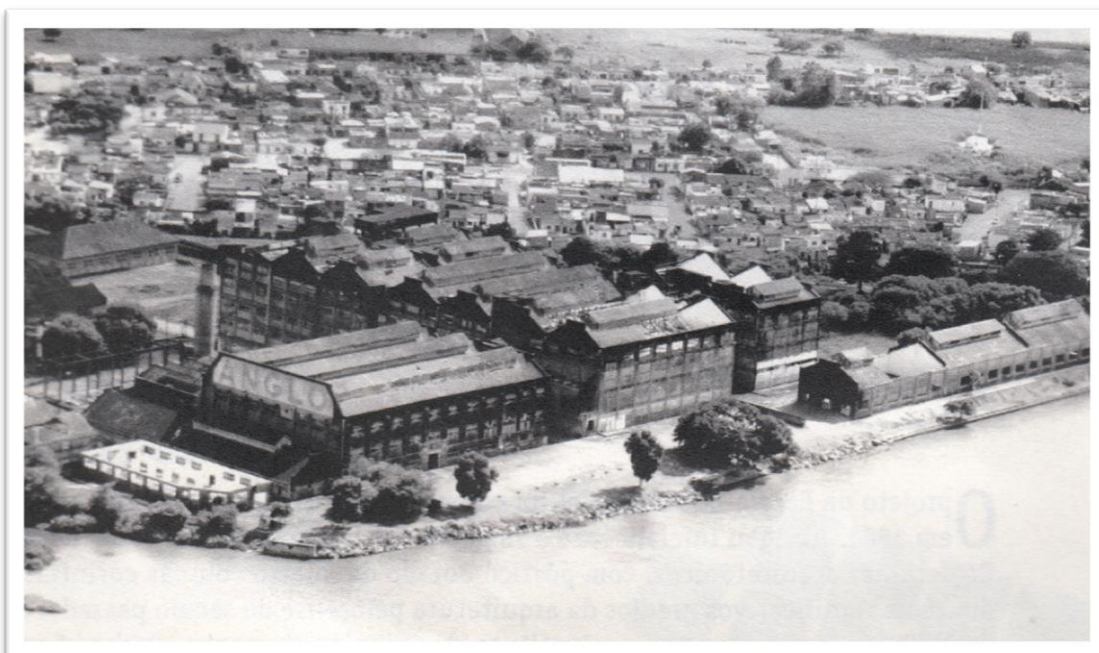
Prédio onde funcionou o setor de abate e processamento, Pelotas, RS



Prédio das câmaras frias à esquerda. À direita a chaminé, e ao fundo, o que restou do setor de conservas, Pelotas, RS

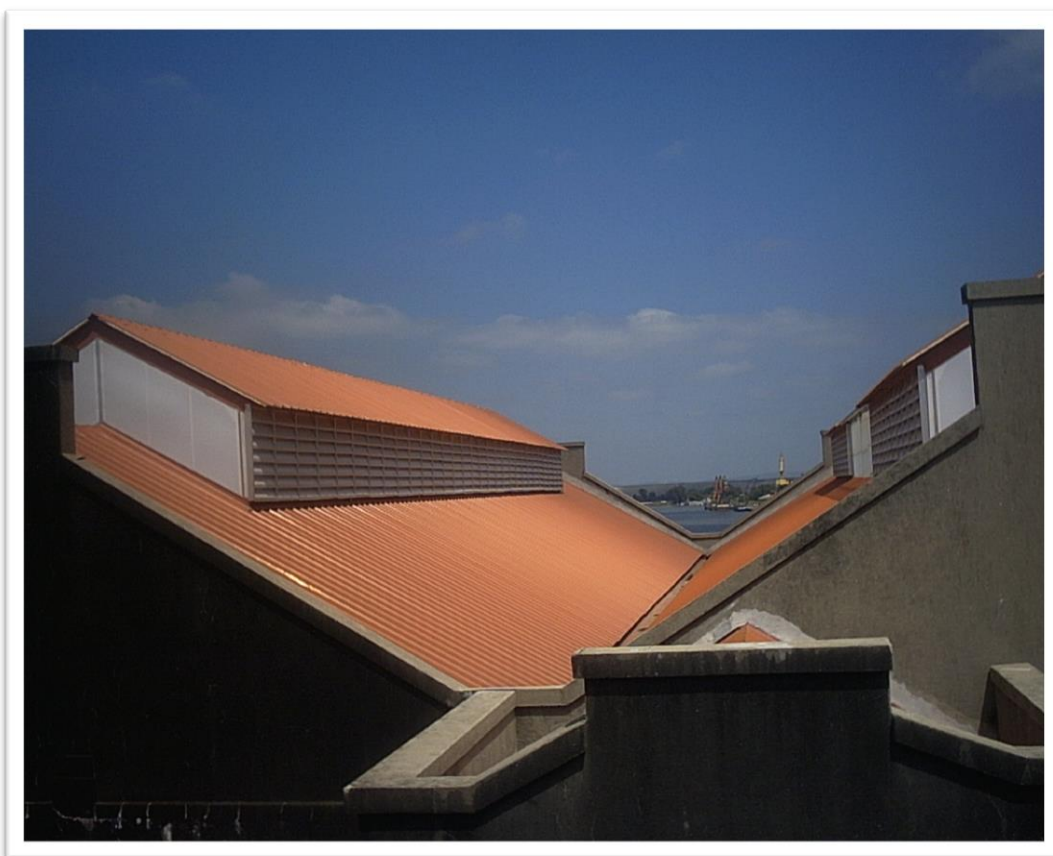


Nessa foto pode-se ver todos os prédios que existiam no Anglo, em contraste com a foto acima, com grandes espaços vazios, Pelotas, RS



Fonte: Digitalização da fotografia da Fototeca, publicada no Jornal da UFPel, v.6, n.41, jul. 2014

Novas coberturas, após as reformas. Ao fundo o canal São Gonçalo e o porto, Pelotas, RS



Situação atual do Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS



Bairro da Balsa visto de um prédio do Anglo, Pelotas, RS



Bairro da Balsa, Pelotas, RS



No lado esquerdo, os vestiários das câmaras frias, que ficam à direita, Fray Bentos, Uruguay



Escritório central, prédio que atualmente sedia o Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay



Moradia dos ingleses, Fray Bentos, Uruguay



Depósitos, Fray Bentos, Uruguay



Currais, Fray Bentos, Uruguay



Caixas d'água, Fray Bentos, Uruguay



Bomba de incêndio, Fray Bentos, Uruguay



À esquerda, setor de fertilizantes, ao centro e ao fundo, tanques de combustível e no extremo direito, a ferraria e fundição, Fray Bentos, Uruguay



Currais fechados, Fray Bentos, Uruguay



Setor de conservas e extrato de carne, Fray Bentos, Uruguay



Prédio da matança e processamento da carne, Fray Bentos, Uruguay



Sala de matança e processamento da carne, Fray Bentos, Uruguay



Sala de matança e processamento de carne, a chaminé ao fundo e, em primeiro plano, o corredor por onde era levada a carne processada às câmaras frias, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo de la Imagen del Sodre, Montevideo, Uruguay

Vista geral dos prédios no período produtivo do Anglo, Fray Bentos, Uruguay



Fonte: Archivo de la Imagen del Sodre, Montevideo, Uruguay

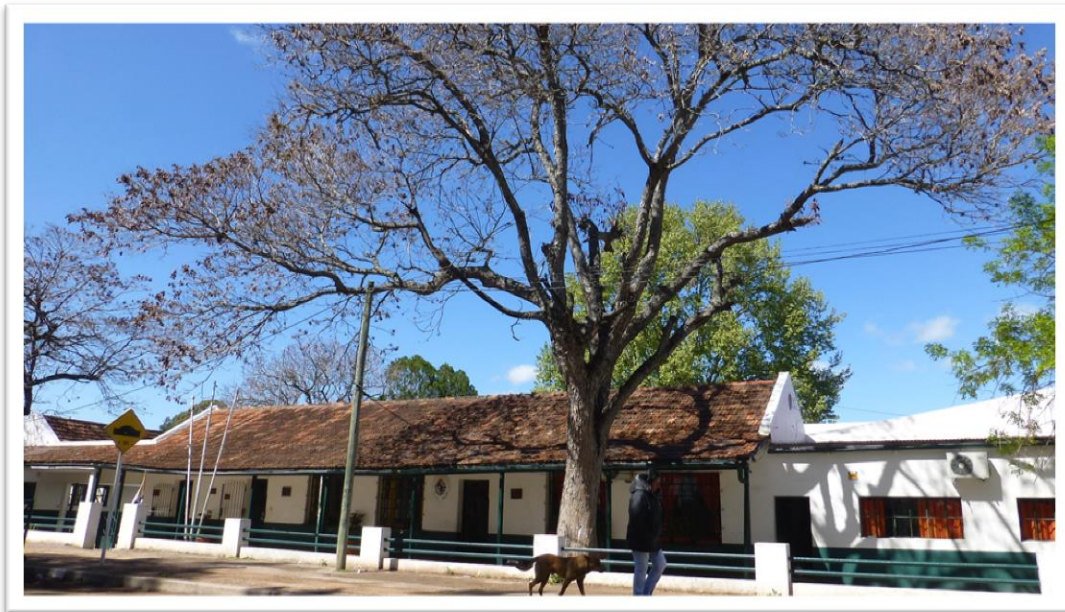
No lado esquerdo, Policlínica Bairro Anglo e ao fundo, mais à direita o Centro de Atenção à Infância e Família CAIF Bairro Anglo, Fray Bentos, Uruguay



Club Atlético Anglo, Fray Bentos, Uruguay



Escola Nº3, Bairro Anglo, Fray Bentos, Uruguay



Sociedade Recreativa La Estrella, Bairro Anglo, Fray Bentos, Uruguay



Moradias, Bairro Anglo, Fray Bentos, Uruguay



Moradias, Bairro Anglo, Fray Bentos, Uruguay



Casa Grande, residência que pertenceu a George Giebert e, após,
a todos aos diretores, Fray Bentos, Uruguay



Monumento em homenagem ao extrato de carne Liebig,
Na entrada do bairro Anglo, Fray Bentos, Uruguay



MUSEO DE LA REVOLUCIÓN INDUSTRIAL E MEMORIAL DO ANGLO

A instituição de um espaço físico para a memória, em Pelotas, tomou como exemplo o Museo de la Revolución Industrial em Fray Bentos. Embora bastante diferentes, a ideia de musealização de parte do espaço da fábrica parte do entendimento de que as referências memoriais necessitam ser expressas a partir de um lugar físico. Em Fray Bentos, o museu se localiza no prédio onde antes funcionava o escritório central. Em Pelotas, no lugar onde antes haviam as câmaras frias.

Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay



Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay



Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay



Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguay



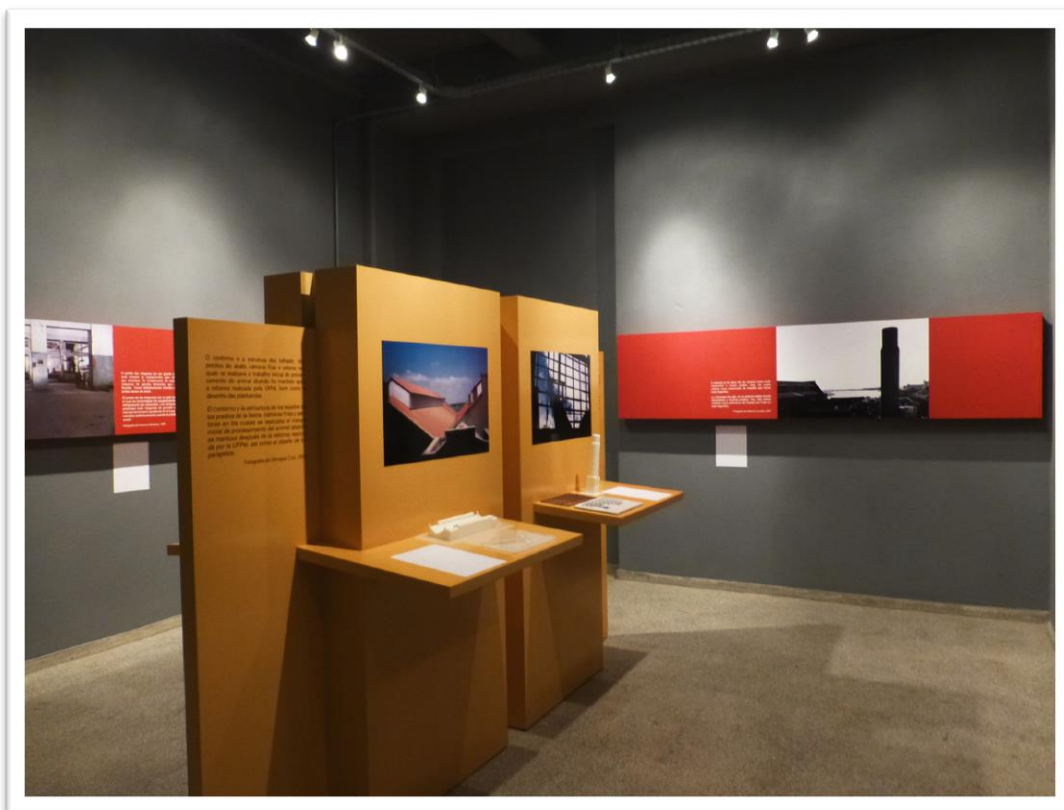
Memorial do Anglo, Pelotas, RS



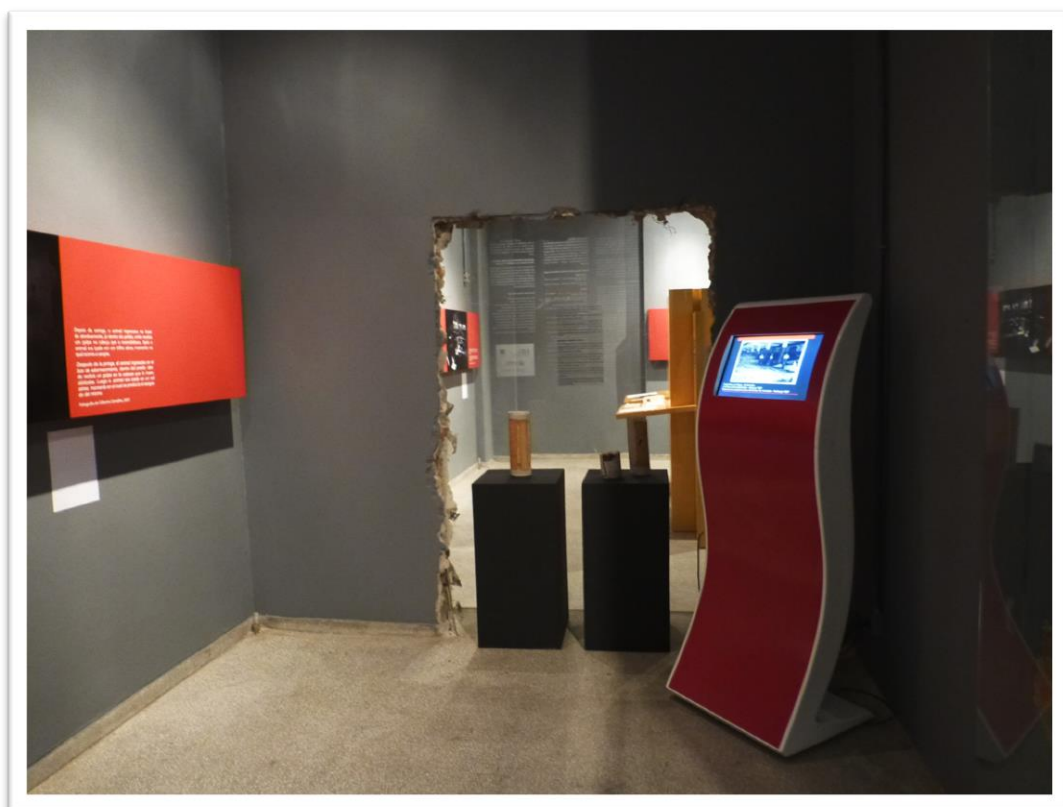
Memorial do Anglo, Pelotas, RS



Memorial do Anglo, Pelotas, RS



Memorial do Anglo, Pelotas, RS



“Como o é nos espaços fabris, a aparência, o ritmo e a razão do que ocorria no Frigorífico Anglo respondia às necessidades do trabalho de produção. Pouco restou do espaço onde existiu a fábrica que possa atestar o que era a vida e o trabalho nesse local. No entanto, a memória das pessoas que por lá estiveram e a paisagem que se via das suas janelas ainda existem. Atualizadas, ambas reverenciam uma história de meandros que não se pode abraçar com algumas imagens nem com poucas palavras. Das janelas do extinto Frigorífico Anglo, a beleza do horizonte plano ainda permanece para os olhos do presente”.

Francisca Ferreira Michelin

Frigorífico Anglo de Pelotas, Pelotas, RS



Frigorífico Anglo del Uruguay, Fray Bentos, Uruguay

